OBRAS
Camillo em 1857
Camillo em 1870
Camillo em 1886
DE
CAMILLO CASTELLO BRANCO
Divindade
de Jesus
TERCEIRA EDIÇÃO
1913
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XIII

DIVINDADE DE JESUS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR, em volumes in-8.º de 200 a 300 paginas, impressa em bom papel, typo elzevir

200 réis em brochura e 300 réis encadernado

VOLUMES PUBLICADOS

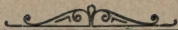
1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da Mocidade.
39 — Onde está a felicidade ?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — THEATRO : I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — THEATRO : II — Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — THEATRO : III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas !
79 — THEATRO : IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — THEATRO : V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

DIVINDADE DE JESUS

E

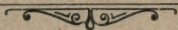
TRADIÇÃO APOSTOLICA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Com uma carta dirigida ao auctor

PELO SNR.

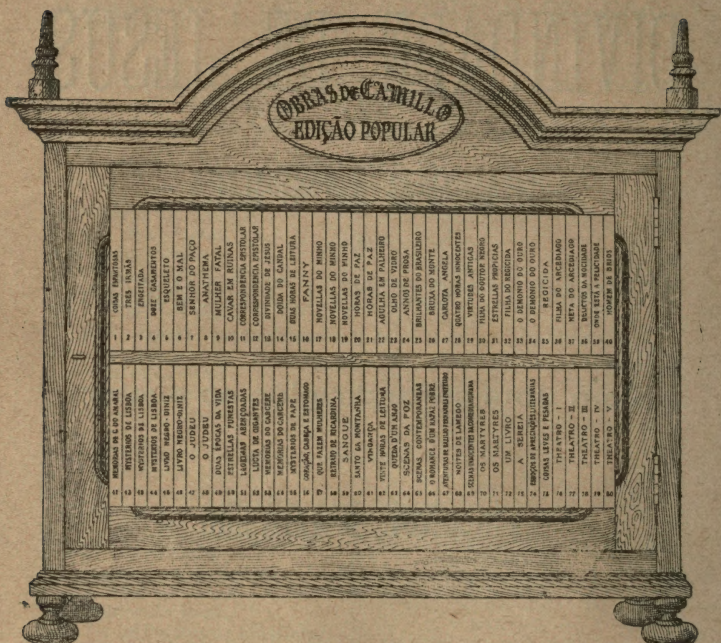
VISCONDE D'AZEVEDO

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

1913

MODELO DA ESTANTE

especialmente construida para esta edição, em *pitch-pine* envernisado com porta envidraçada

PREÇO

80 volumes a 300 réis	**24$000**
Estante	**6$000**
	30$000

Estante separadamente **6$000** réis.

1913

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

DA

PARCERIA A. M. PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Se eu obedecesse á consciencia, que me está dizendo quanto por demais é encarecido o merecimento d'esta obrinha, na carta que o snr. Visconde de Azevedo se dignou dirigir-me com o proposito de animar-me a escriptos de maior vulto, privaria o leitor de saborear-se nas paginas mais vigorosas e sublimes que vão n'este livro, e que decerto não são minhas.

Pertencem ao snr. Visconde de Azevedo. Ellas ahi vem, espelhando a nobilissima alma e esclarecida intelligencia do modesto escriptor que, nas raras vezes que se amostra ao publico com as suas pensadas e primorosas lucubrações, revela sempre quão bom seria para as letras patrias que o snr. Visconde de Azevedo vivesse nas estreitezas da má fortuna, para então ser obrigado a trocar as joias do seu alto espirito pela moeda cerceada com que os trabalhos do entendimento são galardoados.

Ainda bem que não. Se por um lado as letras patrias perdem, por outro ganhou o bem estar do amigo a quem muito préso, e cuja vi-

da tem sido e será sempre lição mais proveitosa que a dos livros.

Eu não cancellei d'estas paginas os louvores que me favorecem, e não ouso já dizer *lisongêam,* que tanto seria desprimorar o caracter sério e justiceiro de S. Ex.ª: conservo-os por que os préso, por que me nobilitam e defendem.

Camillo Castello Branco.

... SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Dignou-se V. dedicar-me o excellente livro que escreveu em defeza da divindade de Jesus Christo; e ainda que para agradecer-lhe esta singular honra que V. me dispensou, eu mal encontre expressões eguaes ao subido valor d'ella, nem porisso deixarei de significar a V. o sentimento de satisfação, que excitou em mim o ver que me foi dedicado este novo monumento sustentador da minha fé, profundamente christan, o qual ao mesmo tempo que presta mais um apoio fortissimo á crença, de que tanto me glorio, concede ao meu nome a luminosa aureola, com que os homens de merecimento, por todos reconhecido e admirado, illustram sempre a pessoa, a quem dedicam qualquer das suas bellas producções litterarias. E fallando agora a respeito do mesmo livro, que direi eu, senão o que em outro tempo di-

zia Voltaire, quando fallava das tragedias de Racine, *bom, excellente, admiravel!* E ainda, dizendo eu isto, não ficará a minha voz sendo um brado extremamente debil, e quasi inutil por nada já poder accrescentar á geral e unisona voz, que desde ha muito tem dado a V. um dos primeiros logares entre os nossos mais primorosos escriptores? Comtudo nem porisso deixarei de expôr nesta carta com franqueza a V. as rasões da respeitosa homenagem que presto a este seu optimo livro, não por parecer-me que com obulo tão apoucado posso augmentar a sua muita valia, mas unicamente para desempenhar-me da obrigação, em que V. me quiz constituir.

Depois que a minha razão se desenvolveu, e que pôde comprehender a philosophia das diversas religiões, e sobre tudo examinar a sua origem, tenho estado sempre convencido de que todos quantos, nascendo e educando-se christãos, atacavam o christianismo, quer o fizessem com argumentos graves e sisudos, quer com chufas e sarcasmos, faziam com isso um muito máo presente ao seu paiz e á humanidade. Não digo isto por seguir a opinião dos que affirmam que os filhos devem sempre abraçar a crença religiosa de seus paes; opi-

nião esta, que, quando muito, poderia sómente ser toleravel no carvoeiro, de quem nos falla o chistoso poeta Paulino Cabral: não é decerto um verdadeiro christão aquelle, que tem modo tão grosseiro de pensar, contra o qual se pronuncia expressamente S. Paulo quando estabelece que a fé em Jesus Christo é uma sujeição da razão humana á palavra divina, mas uma sujeição rasoavel — *rationabile obsequium* — Estas palavras do apostolo mostram claramente que elle não ensinava, nem queria uma fé irracional, mas sim uma fé esclarecida por todas as luzes, que devem guiar a nossa intelligencia na indagação da verdade.

Não é pois filha d'este erroneo e acanhado motivo a minha convicção sobre tão grave e elevado assumpto; nem mesmo, pensando assim, podia eu ser bom logico, se primeiro não começasse por condemnar os proprios apostolos, que prégaram a todo o imperio romano uma religião diametralmente contraria e opposta ao antigo paganismo; o meu motivo é outro, e sem rodeios o direi a V. A religião, segundo eu a comprehendo, é o unico laço infrangivel e permanente, que póde servir de prisão segura e firme ás tendencias dissolventes da humanidade, e o unico centro commum,

solido e bem equilibrado, para onde podem convergir, sem risco de se perderem no caminho os raios diversissimos, que partem da immensa peripheria social. Sem religião será sempre a existencia da sociedade humana tão precaria como o vento, tão ephemera como a debil flor do campo, porque se achará sem a só base, que lhe pode sustentar uma illimitada duração. A crença religiosa assiste não só na intelligencia do homem, mas tambem no seu coração; consola-o e anima-o no abatimento da desgraça, modera-o e o regula no deslumbramento da prosperidade; ella passa do individuo á familia, e da familia á sociedade; e sendo o ponto commum, em que todos concordam, torna a sociedade essencialmente homogenea, e por consequencia tambem os individuos essencialmente benevolos uns para com os outros; e eis-aqui, meu amigo, explicada a rasão de haver affirmado Montesquieu que a religião não fazia somente a nossa felicidade na outra vida, mas que já mesmo neste mundo a estabelecia.

As leis humanas podem temporariamente conter os homens nos limites do dever, mas, susceptiveis sempre de se romperem, prostergarem, ou sophismarem, não podem por si sós

constituir uma longa e regular permanencia da sociedade. A religião pelo contrario baseada na fé, que vê nella uma lei dimanada directamente do proprio Deus, e, como Elle, permanente e immutavel, n'essa permanencia e immutabilidade offerece ao homem a idonea e segura fiança de estabilidade, que as leis humanas lhe não podem offerecer, e sem a qual o seu animo jámais encontrará a tranquilla e perfeita confiança, de que tanto necessita para trabalhar em proveito seu, e da mesma sociedade. Se isto assim não fosse, porventura me atrevêra a perguntar a V. qual seria o negociante, ou Banco commercial, que se mettesse em grandes especulações, e arriscasse consideraveis fundos na occasião em que previsse perigos e alterações imminentes á ordem civil e politica? V. de certo me responderia apontando-me para os grandes cataclysmos bolsaes, que infelizmente se tem visto e vêem nas mais famosas praças commerciaes da terra; cataclysmos, cuja primeira origem rarissimas vezes procede de causa superior e inevitavel, mas antes provem quasi sempre ou da malicia dos homens, ou da insufficiencia das suas leis; e é esta mais uma prova de grande porte para a minha consideração. Entendo eu que todo o

orbe terrestre é uma grande praça commercial, a qual cada um de nós explora, e para onde contribue com a porção de trabalho, que nos é possivel; mas, apenas vemos introduzir-se n'ella a confusão e a desordem, paramos immediatamente com a nossa exploração e trabalho; e d'aqui se segue necessariamente que a tal praça de cada vez se confunda e desordene mais.

A estes males, e a uma infinidade de outros eguaes e ainda maiores, acode a religião com o principio immutavel da caridade divina, que nos communica; e inabalavel, como a rocha marpesia, nos sustenta e dá sempre a precisa força para resistirmos com invencivel constancia ás ondas amiudadas e furiosas, que no tempestuoso mar das paixões humanas promettem tantas vezes dar cabo da sociedade, corrompendo-a primeiro para depois a destruir. A religião, consolando os pobres e os desvalidos, anima-os a percorrerem corajosamente a carreira trabalhosa d'esta vida terrena, porque lhes assegura, na eternidade da que hade vir, a infallivel recompensa do seu soffrimento e resignada conformidade com os motivos occultos da Providencia divina; ao mesmo tempo que, ameaçando os ricos e poderosos, que abusam das suas riquezas e poder, lhes apresenta a

certeza amarga do castigo sem fim, debaixo do qual tem de curvar-se um dia o seu desgraçado privilegio de prevaricação, que n'este mundo souberam por tantas vezes e tão comesinhamente prorogar. Estas ameaças incessantes são na verdade muito desagradaveis a homens affeitos a comprarem metade do mundo com o seu dinheiro, e a esmagarem a outra metade com a sua força. É talvez em parte devido a ellas que o verdadeiro christianismo foi desde o seu principio mais geralmente seguido e amado pelos pequenos, que pelos grandes; e cabe observar aqui de passagem que entre todas as religiões conhecidas sómente a do divino Jesus estabeleceu entre os homens a perfeita e verdadeira liberdade, declarando a egualdade absoluta de direitos que tinham os fracos para com os fortes.

E' pois evidente em todo o ponto para mim que na religião verdadeira e pura, estabelecida pelo divino Nazareno, consiste o energico centro de cohesão que por tantos seculos tem conservado o grande globo social europeo, sem que as poderosas forças perturbadoras que o revolvem, o tenham até hoje podido dissolver. A historia ahi está para confirmar o meu juizo; vejam-se attentamente os annaes dos po-

vos mais cultos e civilisados da antiguidade, e ver-se-ha como todos elles acabaram pela sua propria corrupção. Os Egypcios, os Persas, os Gregos, e pode sem receio dizer-se que tambem os antigos Romanos, não deveram a outra cousa a extincção das suas nacionalidades. Os Romanos estavam já completamente corruptos e perdidos quando Jesus Christo appareceu sobre a terra, e não foi o elemento romano, mas sim o elemento christão, quem pôde regenerar as nações modernas, herdeiras do arruinado imperio dos Cezares, e sustental-as até aos nossos dias em um progresso constante e successivo, posto que algumas vezes lento e quasi imperceptivel.

As gentes barbaras que vieram estabelecer-se nas diversas provincias do velho imperio romano, já desfeito em pedaços pela propria podridão, conquistando-lhe o territorio e recolhendo-lhe a herança, teriam sem duvida conservado a sua barbarie natural, nem as leis e costumes de um povo, que detestavam, poderiam servir para as amansar, domesticar e civilisar, se o christianismo se não mettera de permeio entre conquistadores e conquistados, e não fôra adoçando e polindo a grosseira rudeza dos primeiros, inoculando nelles a philosophia

nova e fecunda, que o doloroso sacrificio do Calvario tornára praticamente applicavel a todos os individuos, de que se compõe a humana sociedade, ricos e pobres, sabios e ignorantes, poderosos e desvalidos. O proprio Voltaire, em um momento de enthusiasmo poetico, e quando o seu espirito, indisputavelmente superior, se desembaraçou por um pouco das paixões do orgulho e da vaidade, que infelizmente o trouxeram offuscado por espaço de uma tão longa vida, na sua bellissima tragedia de Alzira formulou esta verdade sublime, pondo na bôca de Gusmão, que perdoa a Zamor seu assassino pouco antes de expirar, as seguintes palavras:

«Nossas diversas religiões contempla;
«A tua te mandou assassinar-me,
«Que te ame ordena a minha, e te perdoe.»

Mal pensava o encarniçado inimigo do christianismo que n'estas palavras admiraveis deixava para sempre dada a mais logica e eloquente resposta aos seus innumeraveis escriptos, e á sua travada guerra de sessenta annos contra a religião do Crucificado.

Se o pantheismo materialista dos Gregos e Romanos não pôde salvar da sua ultima ruina estes dois povos, que tanto excederam em ci-

vilisação a todos os outros da antiguidade; se o magismo persico, não obstante apoiar-se no famoso livro Zend-Avesta do celebre Zoroastro, não pôde valer á vasta monarchia de Cyro para que não fosse aniquilada pela invasão de poucos milhares de Macedonios; se o budhismo, e o brahmanismo não poderam desde os tempos mais remotos até hoje fazer dos chins, dos japonezes e dos indios senão uma especie de selvagens sujeitos a uma certa forma de organisação politica, que ha tantos seculos os sustenta, como se fossem vermes, no meio de uma perpetua e miseravel corrupção; se o mahometismo, apesar do seu autor ter apparecido muito depois de Jesus Christo, de cuja divina missão nada com tudo quiz saber, tem conservado por doze seculos os povos, em que predomina, no estado mephitico, em que todo o mundo os vê, parece-me ficar sendo uma cousa evidentissima que só no christianismo se encontram elementos verdadeiros, que á sociedade possam dar progresso que nunca retrograde, e liberdade que nunca se licenceie. Não ignoro que foi moda no seculo passado engrandecer com exageração gongorica os magnificos governos, que regiam as nações orientaes, de quem acabo de fallar, quanto entre

ellas se achavam adiantadas as artes e as sciencias, sobre tudo na China, e como os seus cultos religiosos eram respeitaveis pela sua sublime moral, e até pela sua prodigiosa velhice; pois, lançadas bem as contas, se é verdade o que disseram alguns escriptores europeus, a religião indo-china é muito mais antiga que o proprio Adão. Estes prestigios historicos, com que certos sabios nos quizeram embair, tem-se desvanecido nestes derradeiros tempos; e quem desejar saber quaes são os bons governos que aquellas pobres gentes desfrutam, a felicidade que lhes doura a vida, o augmento de sciencias e artes que por lá vae, e os excellentes resultados praticos que ali se colhem das revelações de Vichnu, e da moral de Confucius, pergunte aos inglezes e francezes, que em nossos dias tem frequentado, e detidamente visto aquelles paizes, qual é o bom arranjo que descobriram nelles a respeito de todas estas maravilhas. Tambem o mahometismo partilhou quinhão avultado nesta laudatoria teima philosophica do seculo anterior; pretendeu-se dar por verdade historica demonstrada que as nações christans na edade media eram barbaras por excellencia, e que, se alguma civilisação havia, e amenidade de costumes, mister

era procural-as entre os Arabes, dos quaes os europeus as receberam, durante o longo contacto, que com os mesmos Arabes tiveram, já nas porfiadas guerras das cruzadas no oriente, já na lucta secular, que existiu quasi sem interrupção, na peninsula iberica.

Não quero contradizer esta asserção, bem que ella se podia contestar, comparando, por exemplo, a côrte de Carlos Magno, e mesmo, nos pontos essenciaes, a de Constantinopla, com as de Bagdad e de Cordova; quererei antes concordar em que os Arabes excediam muito aos europeus d'aquelle tempo na extensão do seu commercio, na abundancia e grandeza dos seus inventos e artes, e até na cultura das letras e dos costumes, sem que desta minha concordancia possa deduzir-se cousa alguma contra o meu proposito. Se naquellas cousas se achasse a prova de superioridade essencial, já os antigos pagãos a haveriam dado muito maior, pois ninguem ha, que não veja, sem precisar para isso de uma grande luz scientifica, quanto a civilisação grega e a romana excederam neste genero á cultura christan da edade media. A escóla voltaireana, querendo a todo o custo desmoronar o christianismo, e mostrar por meio destas torcidas

comparações com outros cultos e seitas religiosas, mesmo as mais absurdas, qual era a insufficiencia e inutilidade delle, como religião exclusivamente promotora da verdadeira felicidade e progresso da raça humana, confundiu cega, ou maliciosamente as idéas de uma civilisação real e solida, que não consiste sómente no gozo material de bellezas e amenidades egualmente materiaes, mas cujo principio fundamental só do racional elemento pode vir á sociedade, dando-lhe o seu verdadeiro modo de existir, e estabelecendo nella as relações de benevolencia, que os homens uns aos outros mutuamente se devem. Ora se este principio não tiver a sua origem e o seu apoio em Deus, e se não fôr permanente e immutavel, como Elle, ficará sujeito ás inconstancias e variações humanas; e se produzir em um tempo resultados fascinantes, os produzirá em outro miseraveis e desgraçadissimos. E' assim que nas vastas e melancolicas solidões do Sahara o terrivel e abrasador Simun agglomera em montões enormes as areias ardentes do deserto em um logar, donde, quando novas furias o excitam, as desloca e dispersa, para tornal-as a amontoar d'ali a muitas legoas de distancia; e os olhos do viajante, que em duas occasiões diversas

houvessem observado aquelle mesmo sitio, ficariam espantados ao ver as longas e elevadissimas collinas, que em outro tempo ali encontraram formando uma cordilheira immensa, agora tristemente mudadas em plaino árido e desolado. Eis-aqui, segundo eu penso, a causa por que a civilisação arabe se extinguiu do mesmo modo, que se extinguiram nos antigos povos todas as civilisações, que a precederam; em quanto que a civilisação christan, apezar mesmo da prolongada incubação em que a reteve a grossa e durissima crusta da edade media, nunca chegou a extinguir-se, antes conservou sempre vivaz o elemento immorredouro da sua original essencia.

Todas as vezes que os homens livremente respirarem o ar vivificante da religião christan apoiada na revelação divina, a alma se lhes expanderá pelas regiões do infinito, para onde é necessariamente chamada pela exegetica da sua crença, e daqui ha-de sempre nascer progresso e civilisação. Todas as outras crenças que se apoiam ou sómente na palavra dos homens ou em falsas divindades, ainda mais variaveis e extravagantes que os proprios homens, podem sim durar por algum tempo e mesmo por tempo dilatado; podem tambem escoradas

na philosophia e nas leis humanas, e mais especialmente na força material, chegar a um certo ponto de civilisação e de progresso; mas nunca poderão passar além de uma meta limitada, e ou viverão uma vida imperfeita e pouco feliz, ou perecerão completamente. Como a sua exegetica percorre um pequeno horizonte, falta-lhes o meio principal de illustrarem a alma do homem, e de lhe communicarem a seiva e a virtude, de que tanto carece para resistir ao tormentoso choque das paixões, quando estas, atacando em grandes massas a sociedade, se generalisam por toda ella. Assim essa sociedade, não crendo no infinito, que os seus directores ou lhe occultam, ou lhe negam, e sem alguma esperança no futuro providencial, que desconhece; em quanto ainda conserva um resto de vigor, estorce-se entre as ruinas, estrebucha no meio da corrupção, e a final termina pela morte, sem haver para ella verdadeiro elemento restaurador, que lhe possa conservar a vida.

Muito bem é sabido de V. que os philosophos mais sabios e virtuosos da antiguidade comprehenderam o quanto a sociedade humana necessitava de uma religião divinamente revelada; e que, conhecendo elles o vasio

monstruoso do paganismo idolatra, nunca com tudo se atreveram a formular similhante revelação, conscios da sua incompetencia para ministerio tão alto, contentando-se apenas com a prever e desejal-a. Quem lêr com attenção as obras de Platão, e principalmente quem estudar na vida de Socrates as suas acções e as suas palavras, hade forçosamente convencer-se de que estes grandes espiritos preludiaram a Jesus Christo, e quasi que o adivinharam. Tal era todavia o seu amor á humanidade, que apezar de conhecerem claramente a falsa e esteril religião, que o seu paiz seguia, nenhum delles prégou jámais contra ella, antes sabemos que sacrificaram aos deoses, e cumpriram promessas a estes dirigidas, como faziam outros cidadãos. Por que seria tamanho respeito publico que mostravam estes philosophos a uma religião, cuja futilidade absurda perfeitamente sabiam? Era porque estavam convencidos de que não tendo na sua mão nem a força, nem os meios de estabelecer entre os seus compatriotas uma religião, em que estes crêssem, como emanada de Deus, mais valia conservar-lhes a em que elles criam, embora grosseira e falsa em si mesma, que deixal-os totalmente sem alguma crença; porque para um povo que não crê

em Deus não ha religião possivel, e para o que crê em Deus é só possivel a religião, que elle profundamente creia vir-lhe desse mesmo Deus.

Platão, depois de haver meditado por largos annos nesta gravissima materia, disse que era difficil conhecer a Deus claramente, e mais difficil ainda fazel-o conhecer ao povo. Se de entre os philosophos seguidores da sua doutrina vieram os primeiros gentios illustrados, que em grande numero abraçaram o christianismo, é porque viram por este realisada a grande idéa regeneradora da humanidade, que o espirito transcendente e justo do seu admiravel mestre tão antecipadamente aventara, sem outro auxilio mais, que o da sua esclarecida e recta rasão, e quando muito o de uma imperfeitissima noticia da religião hebraica. Alguem poderá dizer que nem todos os platonicos adoptaram o christianismo, e que até alguns delles houveram que o combatessem, e eu não negarei que isto seja verdade, porque os homens, ainda os mais sabios e intelligentes, soffrem ás vezes suas perturbações no giro, que devem fazer pela orbita do bem pensar, parecendo-se nisto com os planetas, que tambem soffrem perturbações em algum modo similhantes áquellas, apartan-

do-se mais ou menos do curso regular das suas orbitas; porem todos os astronomos concordam em que taes irregularidades servem para confirmar a regra, e não para a destruir. Estas perturbações, que nos planetas procedem de attrações reciprocas entre os corpos planetarios, procedem nos homens já dos seus odios, já das suas affeições, já dos seus interesses, já finalmente de qualquer insignificante belliscadura na sua vaidade. Desta complicação de causas nasce o serem muito mais numerosas, e difficeis de explicar as perturbações humanas, que as planetarias, e estou bem persuadido de que V. se não recusaria a ajudar-me na despeza, que eu tinha de fazer em dar um grande premio pecuniario ao astronomo, a quem o houvesse promettido, para este me explicar, por exemplo, no planeta Jupiter, uma perturbação, que lá se visse similhante nem mais nem menos á que o presente seculo já viu no celebre Lamennais. E' minha intima convicção que se Socrates e Platão vivessem no tempo de Jesus Christo, teriam seguido a sua doutrina, e sido companheiros de S. Paulo em a propagar, porque nella achariam a auctoridade divina, que debalde tanto procuraram, para poderem ensinar aos homens uma religião no-

va, mas boa e verdadeira, em que estes podessem e devessem crêr. Nem outra foi a causa, que fez christãos os Clementes, os Justinos, os Origenes, os Tertullianos, os Agostinhos, e tantos outros philosophos e sabios illustres, que abrilhantam os primeiros seculos da egreja christan.

Se compararmos o christianismo com todas as outras religiões, que tem havido até hoje no mundo, á excepção da Moisaica, acharemos, se a parcialidade e a paixão nos não cegarem, que nenhuma dellas soffre a comparação. Sem eu querer agora entrar em uma discussão theologica, o que seria improprio desta carta, permitta-me V. dizer somente que a falsidade, a extravagancia, e o ridiculo dessas religiões foram cousas sempre comprehendidas pelos homens de verdadeiro saber, que no seio dellas nasceram, e que isto se demonstra evidentemente depois de um bem pequeno exame feito nos escriptos de Aristoteles, de Cicero, de Luciano. Ninguem ainda poude em evidencia provar a falsidade do christianismo, e se espiritos illustrados e superiores, por infelicidade sua, não tem querido acreditar nelle, o mais que chegaram a alcançar foi a duvida de ser verdadeiro em tudo, mas nunca a certeza

de que era falso. E' porque somente a revelação moisaica e a christan, seu complemento, se fundam sobre bases rasoaveis e justas, embora cercadas de mysterios, que se não comprehendem, e de certas circumstancias, que parecem inexplicaveis, sendo nestas bases rasoaveis e justas que se funda tambem a fé christan para crer esses mesmos mysterios e circumstancias, que por agora se lhe tornam incomprehensiveis; e a isto se referia S Paulo quando nos recommendava o *rationabile obsequium,* de que nesta carta já fallei.

Na verdade, que vinha a ser a fé em Jesus Christo, ordenada tão expressamente no evangelho e em todos os livros do novo testamento, se quanto ella nos manda crer podesse demonstrar-se mathematicamente? Quando foi recommendada pela mathematica aos seus adeptos fé grande ou pequena para crêrem que dois e dois fazem quatro, e que quatro e quatro fazem oito? Não são por tanto os mysterios christãos, os que devem comparar-se aos mysterios das outras religiões, como pretendem os modernos incredulos; pois é claro que se de uma e outra parte se apresentam mysterios, serão todos elles egualmente incomprehensiveis e inexplicaveis. A comparação sim deve fazer-se, mas

é entre as rasões de credibilidade, que nos dão de taes mysterios esses que os estabelecem para os crêrmos, como revelados por Deus. Ora, tendo querido o mesmo Deus que a rasão humana lhe ficasse sendo perpetuamente sujeita, segue-se que a essencia necessaria aos mysterios é a sua incomprehensibilidade, por não serem elles outra cousa, relativamente aos homens, senão o exercicio continuado d'aquella sujeição, que se verifica pela constancia na fé. Deste modo os propoz sempre o christianismo aos seus seguidores, e nunca como adivinhações, ou enygmas, que se podessem explicar ou decifrar. Os incredulos, attribuindo este ultimo ridiculo aos mysterios sagrados, para os classificar como destemperos de uma phantasia enferma, e concluir daqui a sua impossibilidade, não fizeram nem farão com isso mais, que estabelecer a proposição monstruosa de que pode a rasão humana comprehender a rasão divina, isto é, que pode o finito abranger o infinito. Parece-me que os incredulos seriam mais francos e leaes argumentadores substituindo estas argucias velhacas pela negação clara e absoluta da existencia de Deus. Tudo quanto acabo de dizer não duvido, feitos os precisos descontos,

applical-o tambem aos milagres biblicos, os quaes, em relação ao giro ordinario das cousas no universo, quasi se podem chamar mysterios.

E' facil de ver que sómente philosophos por extremo engoiados ou bazofios podem sustentar, sem que interiormente estejam rindo, que a hermeneutica e a critica mais apuradas e finas não devem achar differença entre a revelação divina, narrada pelos Testamentos Velho e Novo, e as revelações que se lêem nos Vedas e nos Puranas; que todas merecem egual credito; que as Suras disparatadas do Koran valem bem as paginas sublimes do Evangelho e das Epistolas Apostolicas; que a moral do Zend-Avesta, onde entre outras amabilidades se determina o casamento dos paes com as filhas, é tão pura e perfeita como a moral evangelica; que Mahomet provou a sua missão com evidencia e santidade igual á de Moysés e Jesus Christo; e que as não sei quantas metamorphoses de Vichnu serviram de molde aos hebreos para fundirem a encarnação do divino Messias. Não se pejaram estes chamados philosophos de acharem parallelo entre o mysterio augusto e infinitamente transcendental da humanisação do Verbo eterno, e as extrava-

gantes e ridiculas transformações da segunda pessoa da Trimurti indiatica já em porco, já em phoca, já em tartaruga! Esta insistencia dos inimigos do christianismo em o compararem com as outras religiões, dando sempre aos dogmas e á moral destas vantagem, ou pelo menos egualdade com aquelle, não deve espantar a quem sabe a regra do *minta-se, minta-se, que sempre se pega alguma cousa;* e neste caso não foi só alguma cousa, porém muito o que ficou pegado.

O famigerado barão de Holbach, infatigavel chefe do estado maior general do grande exercito da incredulidade do seculo passado, esforçou-se quando pôde para provar, no seu livro intitulado—*Tractado da Moral Universal*—tudo quanto acabo de referir, e para isso confundiu todos os bons principios philosophicos, alterou as melhores apreciações historicas, e trocou as mais venerandas tradições, tirando a final de todo este improbo e infeliz trabalho a consequencia unica de que os Japonezes, os Cochinchinos, os Oceanios, as tribus negras da Africa, e os Selvagens da antiga America então e sempre estiveram ao par dos europeus cultos e christãos, ou, pelo menos, muitos aptos para o estarem sem algum outro auxilio mais

lhes ser necessario que o das suas velhas noções religiosas bem desenvolvidas e aperfeiçoadas!!

Asseguro a V. que nunca me custou a comprehender que um homem de talento fosse atheo, materialista, ou sceptico, por que, emfim, são infinitamente variados os modos, pelos quaes o espirito humano vê e percebe as cousas, e devemos adorar submissamente o Creador, que por occultos designios permittiu á creatura estes deploraveis desvios, e ao menos conceder aos alumnos daquellas doutrinas a qualidade de logicos toleraveis, visto que nada admittem acima da sua rasão; sendo só para notar-se nelles a contradicção quando se animam pelo genio da propaganda, porque os principios philosophicos da incerteza, ou da duvida, que adoptam, parecem-se na propagação com o fogo, que quanto mais se propaga mais destroe. O que eu porém ainda não pude entender é como um deista racionalista, que crê na existencia do ente supremo e infinito, e crê que este mesmo ente supremo e infinito fez aos homens revelação da sua divindade, communicando-lhes a idea do bem e do mal, pode juntamente convencer-se de que esta revelação nunca se verificou, nem verifica, senão por meio da rasão humana. Ora tendo em todo

o tempo dado esta rasão humana tão repetidas provas da sua debilidade e inconstancia, segue-se que os mesmos homens, que por um lado reconhecem e confessam a immensidade e omnipotencia de Deus, o reduzem por outro á capacidade e meios de acção de um bicho da terra tão pequeno como é o proprio homem! O racionalismo, só para economisar o poder divino, não receia contradizer-se!

Tem sido bem longa esta carta, mas V. me desculpará o abuso, que porventura tenho feito da sua paciencia, attendendo á necessidade em que me achava de apontar todas as considerações, pelas quaes me persuado que o senhor Renan fez um grande desserviço em particular ao seu paiz, e em geral ao mundo christão e civilisado, escrevendo um livro, cuja doutrina, se desgraçadamente fosse seguida, cortaria pela raiz a religião christan; porque a religião christan vem a ser cousa nenhuma desde o momento em que não crêr e adorar a divindade de Jesus. Appello para o senso intimo de todo o homem intelligente e desapaixonado, que declare com franqueza, se, no caso de haver sido desde o principio a sagrada pessoa de Jesus Christo conhecida unicamente tal qual nos conta o senhor Renan, teria o christianismo

apresentado tantos prodigios de abnegação e fé ardente, e tão rapido progresso na propagação da sua crença; se teria regado a sua santa seara com o sangue de tantos milhões de martyres, e se teria podido atravessar sempre florescente e viçoso, não direi já os seus desenove seculos, mas sómente os tres primeiros debaixo de perseguições furiosas e quasi continuas, e exposto sempre ao desprezo e zombarias da sociedade d'aquelles tempos, perseguição muitas vezes tão custosa de soffrer, como os tormentos e a morte? Ainda bem que o livro depois da primeira enxurrada vai cahindo no esquecimento, que merece; e note V. que o mesmo aconteceu aos innumeraveis livros, que foi moda no seculo passado escreverem-se contra o christianismo, da maior parte dos quaes poucas pessoas já hoje tem noticia. Vê-se isto claramente em Bossuet e Voltaire; o primeiro escreveu o *Discurso sobre a Historia Universal,* guiado pelo espirito religioso, o qual lhe inspirou a magestosa sublimidade que ainda em nossos dias é admirada pelos sabios, que lêem e meditam aquelle grandioso livro: o segundo escreveu o *Ensaio sobre os costumes das nações*, guiado pela incredulidade sceptica; e posto que tractou de imitar e até contrafa-

zer no que pôde ao primeiro, apenas chegou a produzir uma obra acanhada e sêcca, a qual ninguem leria hoje, se não brilhassem n'ella de quando em quando algumas individuações de factos particulares, e alguns contrastes caracteristicos de tempos e de pessoas, que, como as chispas ao silex ferido pelo aço, nunca faltavam ao auctor da *Henriada*. Esta differença, que se observa a respeito dos livros religiosos e dos anti-religiosos, parece-me que se explica pelo instincto, que os homens no meio das suas paixões e desvarios nunca perdem totalmente da conservação propria, instincto, que lhes faz sentir na religião o principio elementar da vida do homem moral e social, e na incredulidade sceptica a esteril aridez, que só póde trazer á sociedade furacões desolantes, e depois destes o desfalecimento e a morte.

Muito grande é por tanto o louvor, que a V. se deve, pelo bello e excellente livro, que tem escripto; bello pela riqueza e perfeição do estilo, pela clareza e lucidez das ideas, e pela fórma elegante e agradavel; excellente porque é um livro de cuja leitura os seus compatriotas poderão sempre tirar utilidade, nunca prejuizo. O nome de V., como tive a honra de indicar no principio desta carta, titulos possuia já sobe-

jos para ser contado pela posteridade entre os dos nossos mais distinctos e mimosos escriptores; agora levanta V. um novo padrão, diante do qual essa mesma posteridade se curvará respeitosa, recordando-se dos louros gloriosos, com que se ennobreceram os nossos avós por espaço de tantos seculos, sempre com os olhos fixos na estrella luminosa da cruz, cuja direcção e mysteriosa influencia são as unicas forças capazes de nos segurar no presente uma situação prospera e solida, e de nos preparar no futuro um progresso verdadeiro e successivo, o qual sem desapparecer engolido pelas voragens da anarchia moral, nem se esqueletisar com trabalhosa caminhada pelas marasmaticas e asphyxiantes charnecas do scepticismo, nos poderá conservar a vida do tempo, sem nos matar a da eternidade. Nesta quadra dolorosa de incredulidade, em que muitos homens, aliás dotados de notaveis talentos e saber, e até muitas vezes das melhores qualidades de espirito e coração, se encarniçam por uma cegueira fatal e inexplicavel em combater o christianismo, sem lhes importarem as consequencias desastrosas e terriveis, que ao povo fazem experimentar, e a pandorica boceta que lhe offertam, se, o que Deus afaste, conseguirem a final des-

christianisal-o totalmente, não hesitarei em affirmar que o livro admiravel escripto por V. não serve sómente para honrar as letras portuguezas, mas que os seus effeitos chegarão mais longe, podendo ser proveitosos em todas as partes da terra, por onde se acha espalhada a doutrina pura e santa do venerando codigo promulgado no Calvario. O methodo claro, grave, e digno com que V. escreveu, não só responde convenientemente aos adversarios do divino martyr do Golgotha, mas até ensina aos proprios defensores do crucificado como devem haver-se para que o excesso de um zelo menos reflectido os não exponha a qualquer censura com apparencias de justiça pelos seus infatigaveis e pouco escrupulosos contendores. Neste assumpto, sempre extremamente melindroso, é difficil o saber bem distinguir se nos illumina o eterno pharol da inspiração celeste, ou se escrevemos guiados apenas pelo simples motor da nossa rasão particular. Concluirei dizendo a V. a profunda convicção, em que estou, de que a Egreja Catholica collocará o seu livro entre os valiosos monumentos doutrinaes, que a enriquecem, assim como a litteratura patria o ajuntará aos muitos outros, com que V. em ramos tão diversos a tem illustrado tanto. Te-

nho exposto, como prometti, as rasões da minha crença na divindade de Jesus, e da minha veneração pelo livro, que a defende com tão grande cabedal de saber, e elegancia de locução; a respeito da carta dedicatoria nada posso accrescentar ao que já disse quando a agradeci com um agradecimento cheio na verdade de amor proprio. V. dirigindo-m'a, teve a culpa d'este meu forçado silencio, por que, não podendo eu fazer outra cousa mais, que pôr a cada instante em relevo a magia de um estilo, que encanta a alma e o coração, o risco de parecer suspeito se me tornou inevitavel. Não importa; trechos, como aquelle, de tão alta eloquencia não carecem de elogio alheio; são como o sol sempre mais resplandecente, que tudo quanto em seu louvor pode escrever-se.

De V.

Amigo affectuoso, e obediente criado

Povoa do Varzim 3 de fevereiro de 1865

Visconde d'Azevedo.

CARTA

AO

SENHOR VISCONDE D'AZEVEDO

12...... simul consolari in vobis, per eam, quæ invicem est, fidem vestram atque meam.

....

16 Non enim erubesco Evangelium...

EPIST. B. PAULI AD ROM. — Cap. I.

12. ... para me consolar juntamente comvosco, por aquella vossa e minha fé que uns e outros professamos.

....

16 Porque eu não me envergonho do Evangelho.

EPIST. DE S. PAULO AOS ROM. — Cap. I.

SNR. VISCONDE

Bosquejei, ha onze annos, uns artigos denominados *Divindade de Jesus*. O prazer de vêl-os estampados não correspondeu á consolação de sentil-os. Cuidei que havia profanado o assumpto nas fórmas vulgares e locuções triviaes com que eu exprimia as sensações communs da vida. Reli as orações de Lacordaire, Ventura, Frayssinous, e Ravignan, concernentes ao mesmo motivo, e humildei-me, sem dezar d'amor-proprio, confessando que o assumpto exercitado por aquelles doutissimos propugnadores da Divindade de Jesus, produzia argumentação incontroversa, formulada em linguagem explen-

dida; em quanto que, por mim, apenas introduzido, de consciencia e coração, ao noviciado dos estudos religiosos, o sublime assumpto deu de si uma pouco menos de apagada luz, que, assim mesmo, tinha o merecimento de não ser absolutamente completa escuridade. Offereceu-se-me então pensar que, n'este immenso sanctuario, as pequenas lampadas, que não alumiam nem se amostram aos olhos da humanidade, o summo Bem as vê, o supremo Senhor as acceitará amorosamente, como da indigente viuva acceitou a minguada oblação, e dos poderosos, em marmore e ouro, magestosos templos.

O fervoroso desejo de intranhar a minha fé no animo de amigos bem inclinados, que se dispensavam d'ella, em quanto as miragens da vida, moça e enganada, lhes bastavam á lisonja d'olhos, e o coração, de grado, se entregava á cadeia dourada das esperanças; — aquelle fervoroso desejo, digo, foi grande parte no publicarem-se os argumentos com que eu respondia á philosophia indocil dos espantados da minha conversão. *Conversão* chamavam alguns o que meramente devêra chamar-se *reflexão*. A juizo d'outros, a minha religiosidade era hypocrisia. Os amigos arguiam-me de inepto; os inimigos

de impostor; cumpria ser velhaco ou nescio para confessar a divindade da religião do crucificado. Que desconsolador dilemma, snr. visconde! Quer-se que Chateaubriand e Lamartine, levados por coração e intelligencia a sagrarem nos altares do Salvador, sejam hypocritas ou ignorantes! Quer-se que sejam e tenham sido impostores ou mentecaptos os milhares de antigos martyres, e os centenares d'elles que ainda agora se deixam matar abraçados á cruz! Pois os sinceros e esclarecidos hão-de ser tãosómente aquelles que, sem rebuço, fazem praça de sua irreligião? Se d'estes ha poucos ou muitos que se dispensem da Divindade de Jesus para serem honrados, é justiça isto para que se denegue fé, consciencia e illustração aos que fervorosamente confessam as doutrinas reveladas pelos discipulos de Jesus Christo?!

Quando eu escrevi os artigos, que me foram testimunho da minha ignorancia ou hypocrisia nas praticas dos meus julgadores imprudentes, me estava eu dando a mim as razões da minha crença. Não sei se foi algum ingente infortunio que me fez ir alliviar o pezo de minha cruz ao pé da cruz do Homem-Deus: devia de ser; umas quasi delidas reminiscencias do coração d'aquella idade me dizem que foi. O

aperto da dôr espertou-me na memoria as orações da infancia. A mãe, que eu não conhecera, devia fallar-me n'essa hora. A luz, que depois me guiou no rasto dos grandes infelizes, caminho do Calvario, devia de preluzir-m'a ella ao animo conturbado e affligido, antes que o estudo me volvesse á serenidade da fé, e ás fontes novas das aguas bem-ditas da esperança. Vi então rasgarem-se-me os horisontes da vida em annos de paz. Contava com a graça divina para luctar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de máos sedimentos. Volvi ás angustias antigas, ás trévas d'uma cegueira, em que, por vezes, umas visões, como os lampejos dos amauroticos, me davam rebates de saudade da luz perdida.

E era então o pensar eu comigo, snr. visconde, nas razões da minha fé, razões vigorosas com que a consciencia se assoberbava de sua força. Ainda agora, tão longe d'aquelle tempo de bem agourada mudança, peço aos meus vinte seis annos de então conta do fructo das muitas vigilias, dadas mais ao frio

estudo que á contemplação mystica de Jesus Christo.

Eu não poderia hoje, sem abandonar a seára onde vou grangeando o suado pão da existencia, reabrir os thesouros em que a divina providencia me deparou o pão da alma e vida eterna. As tempestades, que eu colhi dos ventos semeados, levaram-me esses thesouros, os livros, companheiros idos como amigos, que desanimaram de me reterem no seu gremio e me lançaram de si com justificado desamor.

Escassamente a memoria me restituiu umas turvas lembranças dos meus estudos da mocidade, quando, pouco ha, li a *Vida de Jesus* por Ernesto Renan, livro que V. Exc.ª leu attentamente, como devo inferir do debate illustrado e discreto a que foi convidado pela engenhosa apreciação do snr. Pinheiro Chagas, moço, que tão em verdura de annos, se abalança ás felizes affoitezas da sua muita capacidade para terçar na mais lidada e arriscada arena de saber do homem.

Assevero a V. Exc.ª, com as melhores expressões da minha serenidade, que o livro do insigne escriptor francez me não desconvenceu, nem demudou do esteio a que se amparára, n'outros tempos, o meu espirito, estonteado

pelos repellões das philosophias antagonistas. Direi agora como os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo me deram o arrimo da arvore sancta, cujas raizes, manancial da seiva de dezenove seculos de progressiva civilisação, a lamina hervada do famoso livro não vingou ferir.

Nos muitos e melhores annos que me fugiram distrahidos da religião, por vezes, algumas altas idéas me surprehendiam nos êrmos, onde eu, como a fugir de mim proprio, ia esconder-me e consultar-me. A necessidade de comprehender as obras divinas mais contingentes á humanidade, guiava os meus raciocinios até ao dogma. Chegado aqui, tomava-me o desalento, a desconfiança, e logo a inercia da indifferença.

Escutava a minha razão, que se oppunha ao rompimento completo do destino humano com o sobrenatural. A razão dizia-me em tom consolativo: «o sentimento religioso te basta: sabe que ha Deus, e adora-o; deixa-te ir nas azas refulgentes de tua phantasia; que os anhelos d'outra vida, a poesia d'alma que te levanta sobre as realidades d'este mundo, são já de si a tua identificação ás coisas divinas. Dogmas, e organisações de egrejas de que te

aproveitam? Crê, adora, assombra-te das maravilhas do mundo, ama teus irmãos, sê feliz pela virtude, faz que as tuas paixões redundem em contentamentos duradouros, sem peçonha de arrependimento, e espera tranquillo o anoitecer de tua vida. Em quanto aos dogmas, que repulsam as investidas da tua razão humilhada, que montam elles para o bem-estar, o bem-querer de tua alma? Ascende em espirito onde mais podéres, e mais perto serás da origem divina das coisas.»

Mas eu não podia subir além do curto espaço que meus olhos alcançavam. A imaginação, alada para Deus, a poucas voltas, cahia extenuada. O meu pensar livremente era n'uma estreita área da razão captiva. Um livro moderno explica mirificamente o breve alcance da minha imaginação d'aquelle tempo: «Não é o homem um ser meramente sensivel e poetico, aspirando a ultrapassar as balisas do mundo actual e material, com impulsos de amor e phantasia. O homem pensa ao mesmo tempo que sente; quer conhecer, crêr e amar simultaneamente e por igual: não lhe abasta que sua alma se commova e remonte: faz-se-lhe mister repousal-a em convicções conformes aos seus inlêvos. E' isto que o homem

almeja na religião: pede-lhe, além das exultações nobres e puras, além da luz, a sympathia. Se a religião lhe não resolve os problemas moraes que lhe inquietam o espirito, religião de certo não é: poderá ser, quando muito, poesia. Commove-me ao contemplar a desordem das almas elevadas que cuidam achar, no sentimento religioso sómente, a defeza contra a duvida e impiedade... (1)»

O dogma, snr. visconde, era para os vôos descompassados do meu espirito ousado o que deve ser para as aves de mais alto adejo o ambiente onde o ar é mortifero. O instincto religioso, acrisolado no mais estreme espiritualismo, parecia cada vez mais aprofundar o vacuo de minha alma. O pantheismo, a ubiquidade de Deus, entreteve por algum espaço o jogo das chimeras com que a minha pobre razão se deleitava; depois, se uma hora chegava, em que eu carecia de Deus, se o animo se estorcia e fugia á compressão das suas dôres, o meu pantheismo não me figurava Deus em parte alguma. Direi sinceramente a V. Exc.ª que as minhas crenças deistas, quando eu mais

---

(1) GUIZOT «Méditations sur l'essence de la Religion chretienne» 1864.

carecia de convertel-as em linimento de afflicções, nada me davam. Bem m'o havia dito Bossuet: «o deismo é a mascara do atheismo.»

Appliquei aos factos as minhas cogitações; abstive-me de theorias especulativas, e entendi no que era da jurisdicção do raciocinio. Pezaram muito em meu animo as singelas palavras de Jesus Christo aos incredulos de Israel: «Se não quereis acreditar minhas palavras, vêde e considerai as minhas obras.»

Estudei os factos do Christianismo, sem pospôr, como perigosos á imparcialidade dos meus estudos, os formidaveis syllogistas, os sectarios da doutrina positiva.

Agora, darei a V. Exc.ª conta de minha fé no dogma. Procedeu ella immediatamente da crença fundamental da religião christã: convenci-me da divindade de seu author.

Jesus disse que era o Messias.

Messias, Filho de Deus, propriamente Deus.

Umas provas deu-as aos discipulos que lh'as pediam, e outras espontaneamente ás multidões, que as não pediam.

Urgia que as prophecias se cumprissem em Jesus. Urgia que sua vida terrena se manifestasse por actos de impulso sobrenatural. Cum-

pria que as suas predicções se realisassem no correr dos tempos.

Jesus, desde o presepe onde nasce até ao sepulchro d'onde se ergue triumphante, corresponde ás maximas e minimas condições de vida e morte preditas no velho testamento.

O novo testamento abriu-me os seus thesouros de provas; a historia, pregão eterno proferido por bôccas insuspeitas sobre as ruinas da nação amaldiçoada, confirma com superabundancia de factos humanos a obra divina singelamente referida nas tradições dos evangelistas. Pareceu-me que a vida e morte sobrenatural de Jesus de Nazareth é um dos successos mais cabalmente provados irrecusaveis, no intendimento de quem estudar desprevenidamente aquella mais sublime e transformativa phase da humanidade. Desde que esta luz da divindade do Salvador se fez em meu espirito, soccorri-me do dogma christão, sempre que rebelliões de raciocinio, duvidas reluctantes, febres de entrar com a intelligencia aos segredos do Creador, me levaram ao perigo de achar engenhosos os philosophos racionalistas.

Os annos correram, snr. visconde; cavaram-se os mares borrascosos; vi e experimentei muitos naufragios; nos meus deixei-me ir Deus-

misericordia; e, quando outros alijariam ao abysmo o gravame da vida, cuidando que era assim o salvarem-se de beber a tragos lentos a morte, eu acceitei os desastres como acceitára as culpas, e fiz do meu respeito á justiça de Deus uma anchora.

Quero dizer a V. Exc.ª que os tufões das tormentas me não rebataram das mãos os Evangelhos de Jesus. Nunca fui tão desgraçado quando a opinião poderia cuidar que eu fosse. Tenho de meu, e do favor do céo, a felicidade da oração. *Non enim erubesco Evangelium.*

Li a *Vida de Jesus*, imaginada por Ernesto Renan. Entendi que era um dos mais perigosos livros que ainda se escreveram contra a divindade do fundador do christianismo. Os Celsos, e Porphirios, e Julianos argumentavam, syllogisavam os seus paralogismos, tiravam consequencias vigorosas de principios viciosos; mas argumentavam. Quem os lê, naturalmente, examina como os Origenes, os Tertulianos e Cyrillos lhes responderam, e decide entre contendores que affoitamente se defrontam na peleja. Pois, a meu juizo, os flagellos do christianismo nascente, os pelejadores formidaveis dos primeiros seculos não foram tão nocivos ás crenças dos galileus como o livro do moderno es-

criptor francez.—*A Vida de Jesus* de Strauss, lavor de admiraveis e por vezes engenhosas fadigas, vastas paginas lardeadas de vasta erudição, posto que tres vezes publicado em França, e mandado a civilisar os barbaros, que ainda juravam pela divindade do crucificado, o grave e pesado livro do professor de Tubingue apenas abalou as crenças d'alguns que não o lêram, e se espantaram do assombroso criticismo do alemão.

O carcaz das frechas mais hervadas contra a religião pendia — sem motejo nem encarecimento o digo—do talabarte do estilista francez. Este livro é bom de ler-se; tem sentimental lyrismo; os periodos são boleados a primor; o heroe, que aconteceu chamar-se Jesus, tem ás vezes maviosidades, innocencias, e preceitos que vão dentro d'alma, e lá ficariam, se as extravagancias de uma ignara embustice não viessem ao par com celestiaes attributos. Podia o, ainda assim, heroe sympathico, chamar-se Appolonio Thyaneu, ou Bouddha; ficava de igual modo graciosa e para muito exito a novella; mas o author quiz afervorar o interesse; denominou Jesus o personagem, e, com effeito, ganhou; auferiu d'aquelle nome augusto torrentes de ouro, e estacou as torrentes de lagrimas

em que muitas afflicções se desentranhavam, invocando o nome sacratíssimo do Filho de Deus.

Ao lêrem-n'o, muitos espiritos, não despeciendos em cultura, se dariam por satisfeitos do recheio de notas indicativas do saber do author. Em caso de insufficiencia de notas, o leitor veria que Renan, conforme a sua phrase, *não costuma refazer o que está bemfeito*. (1) Quer dizer que, onde elle é conciso, outros foram prolixos. Lá vem no livro o catalogo dos authores consultados: são muitos; o leitor não tem vagar de cottejal-os, nem cura de saber se já foram refutados os consultores e inspiradores de Renan; volta a pagina, e vai ávante na seguridade e confiança de que o livro, que tem entre mãos, é a quinta essencia, a recapitulação incontrastavel das escholas da razão natural.

Observei eu que o afamado livro concorreu com os romances do anno passado aos gabinetes das senhoras cuidadosas em possuirem as novidades da litteratura recreativa. As damas lêram a vida de Jesus, segundo Renan; e condoeram-se do affectuoso personagem tão

(1) Introducção, pag. 6

iniquamente suppliciado. Compadeceram-se do judeu crucificado, assim como, guardadas as distancias entre infelizes, se compadeceriam d'algum desventuroso heroe das minhas fabulas, genero phantastico, em que eu, certo, não ouso medir-me com o inventivo membro do Instituto de França.

Como quer que seja, o mais damninho e depravador escripto devia ser uma vida de Jesus, com feitio de romance, agradavel em linguagem, commovente, e, a espaços, sombreada de ideaes melancolias; e, por sobre tantas condições meritorias, lustrada pelo verniz da sciencia com que o author, ás vezes, marcheta os seus periodos rendilhados.

Se V. Exc.ª m'o permitte, direi agora o que não ousaria dizer em conversação, porque tudo que eu pozer aqui em deslustre da sciencia e das hypotheses de Renan, será pouco em comparação do muito que V. Exc.ª allegaria contra a má fé ou contra a insciencia do livro. Outro sim me não desvaneço de escrever coisas novas para qualquer leitor medianamente lettrado.

Algumas das mais energicas refutações da *Vida de Jesus* correm traduzidas, ainda bem, e derramadas numerosamente. Eu vim tarde com a pobreza d'este esboço: tudo que eu escrever,

estava escripto; e, para assim dizer, escripto em redor do berço da nossa divina religião. Renan quando não inventou, copiou os contradictores primitivos da divindade de Jesus; os impugnadores de Renan trasladaram fielmente os antigos defensores da origem divina do christianismo. Em quanto a mim, esta repetição de argumentos, sempre identicos e sempre triumphantes, contra todos os gnosticos e ebionitas de todos os seculos, diz grandemente em pró da inteireza, solidez, e immobilidade dos principios.

Aos crentes da Cruz não se lhes faz mister negacear ao fervor dos fieis com alliciações phantasticas. A tragedia da Paixão incute santos terrores que introvertem a alma para longe de quadros imaginarios. S. Paulo disse com maviosa simplicidade: «E eu, quando fui ter comvosco, irmãos, não fui com sublimidade de estylo, ou de sabedoria, a annunciar-vos o testemunho de Christo; porque julguei não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus Christo, e este crucificado. (1)»

Escreve Renan uma larga introducção á *Vi-*

(1) Aos Corinth. Cap. II

da de Jesus. A essencia do livro é a introducção. O valor, que elle tiver, ha de ella dar-lh'o. O critico pretende, ao que parece, reduzir Jesus á mera humanidade, despreciando a valia dos Evangelhos, a historia coeva do Redemptor, o mais antigo testemunho que possuimos da sua divindade.

Por isso eu disse que a introducção é a essencia do livro: esta é a liça do debate, a questão suprema. Demoremos, snr. visconde, algum breve espaço, n'este vestibulo que tem muito que vêr. Se em quanto estivermos n'elle, se apagarem as lampadas que o philosopho nos offerece, não passemos além da ramalhosa introducção, que d'ahi a dentro será tudo trevas em labyrintho de hypotheses, nas quaes a ousada blasphemia corre parelhas com o desatino.

Observa um refutador de Renan que este fluctuante philosopho, tendo escripto, ha muitos annos, que a parte verdadeira dos Evangelhos escassamente daria uma pagina da historia de Jesus, se propoz agora extrahir da contextura completa dos Evangelhos uma *Vida de Jesus* em quatro centas e sessenta paginas. O insigne observador, em vista de reforma tão radical no animo do philosopho, espera que

Renan se converta pura e simplesmente aos quatro Evangelhos canonicos.

Por em quanto, as crenças do socio do Instituto, sobre a authenticidade dos quatro Evangelhos, são de tal modo contradictorias que não é concedido determinal-as. O seu parecer de ha muitos annos tinha o applauso de Voltaire; o seu parecer de hoje não intende com alguma seita ou escóla.

Apalpemos o cáhos.

N'um relanço da introducção, paginas 37, escreve Renan: «... Por ultimo, admitto como authenticos os quatro Evangelhos canonicos. A meu vêr, procedem todos do primeiro seculo, e são, com pouca differença, dos authores que se lhes attribuem. *Com pouca differença*, diz elle. Esta clausula é de minimo pezo. A *pouca differença* deixa percebêr que a substancia, a parte essencial dos livros canonicos, foi escripta no primeiro seculo pelos quatro evangelistas. Se Renan intendesse que as alterações e accrescentamentos no texto primitivo foram graves, não teria dito que os Evangelhos se lêem hoje *com pouca differença* do que, no primeiro seculo, continham; provavel e logicamente diria: com muita differença, differença que nos leva a suppor que os milagres, e a resurrei-

ção de Jesus foram interpostos no texto, ahi pelo segundo ou terceiro seculo.

A *quasi* authenticidade que Renan concede aos Evangelhos, até certo ponto, concorda com uma justissima ponderação de um dos mais illustres defensores do Christianismo: «Que, no decurso de dezoito seculos, se haja introduzido algum leve erro em nossos Evangelhos por descuido e ignorancia dos copistas, admitto; isto, porém, não chegaria a ser alteração substancial.» (1)

Certamente, não: o mais que seria é o que Renan presume que foi: *à peu près.— com pouca differença, quasi.* Até aqui são convergentes o bispo de Hermopolis e o professor de hebraico. Insta o philosopho christão, e diz: «A minha intenção é demonstrar que os nossos Evangelhos nunca foram alterados, no tocante á substancia e doutrina, moral e factos; em virtude do que, no essencial das coisas, acham-se em nossas mãos taes quaes foram nas mãos dos apostolos.» (2) Quem quizesse levar até á repetição a prova de não divergirem o philoso-

---

(1) Bispo de Hermopolis—Défense du Christianisme, 1.º vol. p. 383.

(2) Bispo de Hermopolis—Défense du Christianisme, 1.º vol. p. 383.

pho christão do racionalista, poderia dizer: «Renan é tão claro e orthodoxo como vós sois, illustre orador: o racionalista acceita a substancia e factos dos Evangelhos; apenas suppõe as pequenas differenças que vós admittis, elle diz: *à peu près*, e vós dizeis: *quelque faute légère*; elle diz: *j'admets;* e vós dizeis: *J'y consens*. Palavras e admissões consentaneas.

De sobra sabe V. Exc.ª que o Evangelho de S. João sobre-excede as narrativas synopticas em pormenores da divindade do Salvador. As paginas do discipulo amado são, por excellencia, os Fastos da Cruz e seus mysterios. Em S. João realça o narrador do dogma, do sacramento, da metaphysica do christianismo. Por isso mesmo, os detrahidores da divindade de Christo, com mais porfioso afan, se conspiraram sempre contra a authenticidade, do quarto livro canonico. Não assim o author da *Vida de Jesus*. As allegações de Renan contra a authoridade do quarto evangelho são embaralhadas com tão negativo engenho e desconcertada critica, snr. visconde, que eu chego a suspeitar lezão no intendimento do sonoroso escriptor.

Eu leio em Renan que «principalmente a leitura da obra (o Evangelho de S. João), é de

molde a impressionar. O author narra sempre como testemunha presencial, e quer que o tenham em conta do apostolo João.»

E logo em seguimento: «Se esta obra realmente não é do apostolo,...ha n'isto uma fraude de que não ha exemplo no mundo apostolico.»

Algumas linhas antes: «Não ouso affirmar que o quarto Evangelho fosse inteiramente escripto por um antigo pastor galileu.»

Algumas paginas depois: «Não me decido na questão material de saber que mão traçou o quarto Evangelho; propendo a crer que os discursos, pelo menos, não são do filho de Zebedeu; admitto, porém, que este é em verdade o Evangelho, segundo João...»

E na pagina seguinte: «Por ultimo, admitto como authenticos os quatro Evangelhos canonicos. A meu vêr, procedem todos do primeiro seculo, e são, com pouca differença, dos authores que se lhes attribuem.» (1)

Começam a vasquejar as lampadas do apparatoso vestibulo, snr. visconde. Eu já não sei desencadilhar esta meada. S. João não escreveu: foi um sujeito que o critico se dispensa

---

(1) Vid. pag. 25, 27, 36 e 37 da INTRODUCÇÃO.

de conhecer. S. João escreveu; mas não escreveu tudo. S. João escreveu, porque era impossivel, e não ha exemplo de fraudulencia de tal porte. S. João não escreveu, porque um pescador antigo não escrevia assim. S. João escreveu com pouca differença. S. João não é o author dos discursos. Isto não me parece coisa séria nem altercavel.

Se, todavia, é forçoso rir, vejamos ainda uma outra conjectura de Renan em que S. João fica sendo inquestionavelmente o author do Evangelho. Diz assim: «Sente-se tentação de crêr que S. João, já velho, lendo as narrativas evangelicas divulgadas, reparou primeiro em diversas inexacções, e depois azedou-se de vêr que lhe não assignavam na historia de Christo logar de primeira plana; pelo que, principiou a ditar muitas cousas que elle sabia melhor que os outros, no proposito de mostrar que, em muitos relanços, onde sómente se mencionava Pedro, figurára elle antes de Pedro e com Pedro.» (1)

Descamba em puerilidade esta hypothese. O imaginario João de Renan é um personagem

---

(1) Introd. pag. 27.

invejoso que disputa ao defuncto Pedro a primasia da corrida ao sepulcro de Jesus. Aqui nem ao menos se me offerece opportunidade de admirar o romancista. A imaginação costuma ser mais logica.

De modo, snr. visconde, que eu, á terceira leitura d'esta derramada introducção, que captivou a estima dos admiradores da linguagem florente, achei-me bem, e mais intrado da minha fé racional na authenticidade dos livros da vida de Nosso Senhor Jesus Christo. Da introducção em diante, encontrei os dislates, e as repugnancias irreconciliaveis em que devia enredar-se o escriptor que deseja sahir a limpo com uma façanha perigosa, ferindo de revéz a piedade do christão, e abroquellando-se inhabilmente dos golpes da philosophia racionalista.

Por amor d'isto é que elle, uma hora, sobrepunha Jesus a todos os homens; outra hora, avantajava-lhe Çakya-Mouni, Marco-Aurelio, e Espinosa, na virtude da sinceridade, e desapêgo dos prazeres mundanos. Por amor d'isto é que elle, a pag. 243, intende que Jesus se julgava tão filho de Deus como os outros homens, posto que se presumia homem extraordinario; e a pag. 254, escreve que Jesus, desde muito,

se persuadira que os prophetas o tinham em vista quando o prophetisavam...

Eu receio de o ir já enfadando, snr. visconde. V. Exc.ª copiosamente versado nos estudos de todas as religiões, e muito d'alma convencido da divindade da nossa, quando leu Renan devia sorrir, e entre si dizer: «Este livro não é para debates; propriamente os illitteratos hão de impugnal-o com as mesmas refutações que o author arma contra si.» E tão justo juizo deve ser parte para que V. Exc.ª me vá cortando nas demasias, e eu, sem impedimento do seu fastio, ouso pedir-lhe, snr. visconde, que me deixe trasladar d'este romance umas linhas que eu, sujeitando-as á minha alçada de author de quarenta e não sei quantos romances, me aventuro a denominal-as ineptas.

Chega Renan á resurreição de Christo.

«... Na manhã de domingo, as mulheres chegaram muito de madrugada ao sepulcro, sendo Maria de Magdala a primeira. Estava a pedra deslocada da abertura, e o corpo já não estava no logar onde o haviam posto. Ao mesmo tempo, os mais estranhos rumores se derramaram na communidade christã. Entre os discipulos correu, qual relampago, o brado: «resuscitou!» O amor lhes proporcionou em toda á

parte uma crença facil. Que se passou?... A vida de Jesus, para o historiador, acabou com o seu ultimo suspiro. Mas taes eram os vestigios que elle deixára no coração de seus discipulos e d'algumas almas dedicadas que, no espaço d'algumas semanas, ainda viveu para elles e lhes foi consolador. O seu corpo foi arrebatado, ou o enthusiasmo, sempre crédulo, deu brado ao conjuncto de narrativas com as quaes se curou de estabelecer a fé e a resurreição? E' o que, á mingoa de documentos contradictorios, havemos sempre ignorar. Todavia, digamos que a forte imaginação de Maria de Magdala representou n'este incidente um papel de primeira ordem. Divino poder do amor! instantes sagrados em que a paixão d'uma delirante dá ao mundo um Deus resuscitado!»

Aqui está como foi a resurreição de Jesus! Uma hallucinação de mulher apaixonada! Eu não ouso brincar, snr. visconde, com este assumpto: ha blasphemação e sacrilegio em disputar aos delirios do amor de uma mulher, que chorava suas culpas, a realidade da resurreição de Jesus Christo. O francez, a meu vêr, não póde dar contas á historia nem á razão das suas phantasias. Quem assim inventa,

quando não é romancista, argúe intermittencia escura de recto juizo. Estes eclipses não hão de sempre imputar-se á ignorancia: muitos procedem da deslealdade.

Eu devia ter parado, snr. visconde, na passagem d'esta carta em que ponderei a invalidez das invectivas de Renan, se o eram, contra os quatro livros canonicos. Não os desvaliou? não os desceu da sua legitimidade de dezoito seculos? A pergunta é vã. Não sei que outro philosopho attentasse contra a integridade dos Evangelhos com tão debil pulso e tão estrondosas futilidades!

Pois bem! Deixemos raivar o temporal. Estas ephemeras borrascas são as disputações a que Deus abandonou o mundo. *Tradidit mundum disputationi.* (1) Onde cáe um livro, como de Renan, abre-se um abysmo, e uma parte da humanidade revoluteia e dilacera alegrias de sua alma, e as consolações das suas esperanças em volta d'essa voragem. Depois, o anjo da misericordia divina baixa com a aza o dorso da procella; alizam-se as vagas; e, por sobre o mar bonançoso, baloiça-se serenamente o

---

(1) Eccles. C. III, II.

esquife de salvação, em que o anjo do Senhor depôs quatro livros, as quatro sagradas Memorias da Paixão de Jesus-Christo, escriptas por homens, que viram os prodigios, e o suor de sangue, a agonia, e a morte, e a resurreição do Redemptor.

Ainda me falta, snr. visconde, pedir a V. Exc.ª que receba benignamente a dedicatoria das meditações d'algumas horas da minha mocidade. A's suas excellentes qualidades, que tão fundo amor e respeito me inspiram, que hei-de eu offerecer, senão lembranças d'alguns dias em que eu, por breve tempo, me voltei do lado das minhas asperas tristezas e solidões da alma para os hortos amenissimos, em que a vida de V. Exc.ª se tem gosado, nas exultações de honrada paz e respeitada virtude?

De V. Exc.ª

Porto 1 de Janeiro de 1865.

amigo respeitador e creado

Camillo Castello-Branco.

DIVINDADE DE JESUS

Tu morreste por nós na cruz da affronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, Filho de Deus, Deus verdadeiro.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT — O REDEMPTOR.

Conheço os homens, e affianço-te que
JESUS CHRISTO não era um homem.

NAPOLEÃO.

PREFACIO

E' nosso intento responder á incredulidade, que argumenta. Ha uma incredulidade irrespondivel: é a que não contende.

A impugnação offerecida, sem hombridade, por contendôr tão debil, corre perigo de ser acoimada de atrevimento.

O gigante, que se nos antepõe, chama-se RAZÃO. E' um formidavel adversario, que se não temeria da funda de David em mãos de Bossuet, ou Chateaubriand. Está com elle o exercito tumultuario dos que pelejam rindo: gente de incutir pavôr aos mais robustos e intemeratos propugnadores da piedade; ferem com a zombaria, e fogem á clava pezada do raciocinio: são os scythas da dialectica. Quando o baluarte da razão estremece, desamparam-n'o e acastellam-se no extremo reducto, onde são

invulneraveis: a indifferença. Estes não são os triumphadores; mas estrondêam a brados, e palmas, e apupos, quando os caudilhos enfraquecem.

Então rompem o campo amotinados, e hastêam facilmente o estandarte da victoria. Esta gente chama-se Le-Brun, o *citador*, Meslier, o *cura* de Étrépigny, e milhares, com uns exteriores de sciencia grossa, revellada na estampa d'alguns caracteres gregos e hebraicos, com que fulminam os ignorantes das linguas orientaes.

Que monta isso?

Combatamos humildemente. Vamos sem armas, com o livro do Senhor aberto. Levemos este ceitil onde fulge a baixella dos opulentos da sciencia humana e da graça divina.

O assumpto é vasto, e gloriosa a lucta dos que succumbem. Os supremos vencedores, os martyres, venciam com a só palavra: CREIO. Se não vingarmos este fervoroso anhelo de entrarmos á consciencia de quem nos lêr, os adversarios não ganham.

Pouquissima gloria para quem vencer.

A seita dos «racionalistas» declara que não tem que vêr comnosco em artigos de fé. A peleja corre entre duas razões: a da crença phi-

losophica, e a da philosophia sem crença. Semelhante condição é a mordaça que nos offerecem com ares de benevolencia, como se nos dissessem:

«Se tens a sciencia universal, que abrange a natureza das cousas, e a explicação natural dos factos, levanta o cartél; porém, se as tuas armas sahiram das velhas armarias de Roma, não entres na liça, que, de parte a parte, não nos intenderemos.»

Onde está a sciencia que dá a explicação natural dos factos? Tivessem-na elles, que os segredos da creação viriam ao lume da agua, que tão turva sahe das fontes da sua sabedoria. Com a chave d'essa sciencia abririam elles o céo, em vez de construirem Babeis, que desabam.

O Christianismo não se esquiva á razão philosophica. «E' um facto; e, como tal, deve ser estudado» — pondera Fénelon. — Faz-se mistér sciencia para lhe intender o que é accessivel ao intendimento. Não é Roma que inicia e unge o luctador: é a razão allumiada no estudo da natureza e do homem. A previdencia dos racionalistas irá mais longe? Exorbita da esphera do visivel e palpavel? As sciencias especulativas transcendem os limites demarca-

dos ás inducções theologicas? A humanidade ignora em que eleúzinas cryptas escondem os sabios o facho, a cuja luz viram a causa das causas, a vida explicada, os designios do Creador definidos.

Sabemos sobre que alicerces ha de o escriptor christão cimentar o edificio da Fé, se intenta dar-lhe a razão por cupula e remate.

Cumpre-lhe demonstrar a divindade de Jesus.

Tal demonstração, que já vimos summariada em breves provas, é hoje obrigada a dispender-se em dilatadas satisfações á critica. Escreveram Strauss e Salvador, homens de muitas luzes. A sciencia que os impugne, ou immudeça a insciencia. Basta que seja acatada a ignorancia, quando legislar a inutilidade da religião pela bôcca de Voltaire, o mais ignorante insultador, que ainda injuriou a religião do Calvario.

Faz-se mister grande calor de fé aos que entram nos areopagos, e, á imitação de S. Paulo, os provocam. Os areopagitas, de hoje em dia, encaram-se, como os archontes, e, sorrindo desdenhosamente, dizem: «Quem é este que vem fallar-nos de um Deus desconhecido?»

Quem é este?

Perguntar assim equivale a vencer. Discuta-se o homem. Atire-se o machado ao tronco, e os fructos da arvore apodrecerão ámanhã. Systema que não inculca sciencia nem consciencia.

Assim fizeram os incredulos de Jerusalem com uns pobres pescadores que alli appareceram a jurar a divindade de Jesus. Ora, deveis saber que, no dia e logar em que esta pergunta foi feita, oito mil almas se converteram á fé do crucificado. E os convertidos sahiram depois a offerecer mansamente a prova de sua fé ás feras, ás fogueiras, e aos cutellos dos cezares.

DIVINDADE DE JESUS

CAPITULO I

A razão do homem interprete dos actos de Deus

Não se faz mister cabedal de sciencia para dizer isto: «E' inverosimil a divindade de Jesus.»

Não é preciso que Strauss authorise um asserto, de si tão obvio e banal, que dispensa o beneplacito do criticismo alemão.

A fé, sem quebra de sua inteireza, diz o mesmo, em concordancia com os luminares da christandade. Religião oriunda de Deus, como tudo que procede de occultas causas indecifraveis na mente divina, humanamente examinada, é incomprehensivel. O christianismo, porém, é um facto, uma luminosa verdade, um acontecimento que *é*, e repugna á discussão *se póde ser*.

A origem do christianismo em Deus afferimol-a nas

provas extrinsecas, provas testemunhaes. As intrinsecas vem menos de molde ao assumpto.

Pezam levemente conjecturas theoricas, se a illucidação d'um facto requer inducções d'outros factos — o methodo experimental. Póde a razão engenhar admiraveis instrumentos para indagar factos da alçada da observação; mas alcançar com elles os que demoram além dos limites da experiencia, não vingou ainda.

A chymica e physica, ha cem annos, eram um complexo de phenomenos, adjudicados ao serviço da alchymia. Os praticos e theoricos chamavam-lhes «mysterios.» Que fez a razão para corrigir esta absurda nomenclatura? Esperou a experiencia, que lentamente desvelou o segredo rebelde á sciencia especulativa.

Estudem-se os naturalistas de ha cem annos; approximem-se, e refundam-se as theorias. O descobrimento de Lavoisier não se antevê, nem espera. As sciencias de observação seriam hoje o que eram, ha um seculo, se os factos incomprehensiveis, com que então se manifestaram, fossem desprezados como inefficazes.

Longe de nós desestimar o lavor da razão no adiantamento das sciencias naturaes. A critica não ha de acoimar-nos por tamanho paradoxo. Confessamos que o apparecimento de um phenomeno excita a razão a exercitar-se para sujeital-o ás leis geraes da materia: queremos, porém, que os racionalistas assintam a que a razão não póde, com bom juizo, impugnar um facto da ordem moral por não poder comprehendêl-o.

O Christianismo precisa ser estudado desprevenidamente, como quem estuda um objecto abstracto, cuja certeza ou falsidade pouco importa a quem o estuda. Cumpre assim fallar ao scepticismo; se não, interrogam-

nos logo sobre difficuldades historicas, difficuldades metaphysicas, difficuldades na moral. Descrer é que não tem nenhumas difficuldades.

Estude-se o christianismo, se isto lhes quadra, como um problema de geometria; mas não valha ao incredulo a evasiva do «não comprehendo.» E' injudicioso negar a existencia dos antipodas, por que não comprehendemos os effeitos da theoria de Newton.

O christianismo é divino por seu fundador.

Provam-no os factos precedentes á fundação, as circumstancias coevas da sua origem e estabelecimento, e o testemunho.

Ha um milagre de todos os dias, ha mil e oito centos annos, a verifical-o: é a sua conservação. Disse Bergier aos racionalistas seus contemporaneos: *Examinez-vous bien, et voyez si vos prédécesseurs ont pu être vaincus sans miracle!*»

Gerações e systemas, philosophos e philosophias tudo se foi á voragem.

Cada seculo tem tido seu idolo; cada idolo tem baqueado ao abysmo commum das apotheoses humanas: sabios, legisladores, reformadores, tudo que teve um grande nome, uma ephémera gloria.

O que está em pé, rodeado das muralhas divinas contra as quaes resaltam em espuma as tempestades da razão humana, é o estandarte da Cruz, o guião dos martyres, a estrella dos sabios civilisadores. Este é o que é milagre, que exacerba a sanha dos adversarios da egreja.

Para o não confessarem, injuriam-no.

---

§ I

O christianismo começa com o mundo. Não é um facto meramente historico, um elo na concatenação dos successos constitutivos da vida da humanidade. Quem houver de seguir-lhe os vestigios até á origem d'onde procede, encontra o vago do infinito. A historia da humanidade, para além do primeiro capitulo genésico de Moysés, é o segredo imprescrutavel do creador.

São o velho testamento e o novo, a um tempo, base e essencia do christianismo. Destruir a validade da tradição escripta foi, e é o maximo esforço dos que impugnam a divindade de Jesus. Atacam o ponto mais descoberto e azado ás manobras da sciencia incredula. Levantam-se e abalam, contra os livros santos, a critica, a philosophia, a historia, e a chronologia, em ordem de batalha, com a bandeira da razão na avançada. Se o raciocinio fraquêa, dá-se á critica o tom da jogralidade: é a zombaria quem canta a victoria. Se a negativa carece de razão, estabelece-se o scepticismo, e pedem-se aos crentes as provas materiaes de sua fé. Se as datas embaraçam as illacções da historia, inventa-se a chronologia. Se os factos desfavorecem, recorre-se á conjectura d'outros mais conformes á razão humana.

Seja como fôr, venham de Julião, de Porphirio, de Ario, de Helvetius, de Strauss, de Cabet, de Quinet theorias nubelosas ou insultos manifestos: seja o que

fôr e de quem fôr: tudo serve para reduzir Moysés a mytho, Jesus Christo a homem, os evangelhos a legendas, pessimas legendas, «escriptas por boçaes charlatães que sequer não poderam altear-se ao sublime do estylo aziatico.» E' de Voltaire a censura; pelo que, os livros de Deus nem já dos homens eram dignos! O que o Espirito Santo ensinára aos discipulos foi tido em conta de «velhacaria estupida» no conceito d'um libertino feliz e laureado. Gloria á religião do crucificado! Voltaire desprezou-a por sandia! No toucador da velha Lenclos, o seu co-herdeiro não encontrou sentimento nem legado piedoso que lhe movesse o animo indulgente a favor da religião da pureza!

Da porfiada canceira de invectivas aos livros santos resultou que o espirito flexivel do maior numero pendesse a receber com agrado a desoppressão d'um jugo molesto. — São apócriphos os livros sagrados? Optimamente! Não ha nada mais summario! Concedamos que existiu um homem bom chamado Jesus, egual a outro homem bom chamado Sócrates; dê-se á Judéa a gloria de ter produzido dois judeus de elevados espiritos: Jesus e Philon.

Porém, os crentes, inabalaveis em sua fé raciocinada, disseram: Negai a authoridade de todos os livros conhecidos, e anniquilai depois a authenticidade do velho e novo testamento. Nós cremos que Jesus Christo é o Redemptor predicto e previsto no velho testamento. Rasgai os livros dos prophetas.

Rasgaram facil e promptamente. Umas coisas são mythos, outras symbolos, outras legendas: somma — nada.

Não obstante, reflexionemos.

O velho testamento é o mais antigo testemunho da

existencia de homens, e particularmente de homens em nação. E' o livro vulgar e notorio d'um povo ordenado e administrado por espaço de quarenta seculos. E' a sua religião, a sua historia, a sua lei, e disciplina. N'elle estudam os levitas os encargos e prerogativas que lhes incumbem. E' o codigo dos magistrados nos julgamentos. E' a resalva da tribu e da familia. Ahi estão os decretos e providencias sobre a fé; a moral, a lithurgia, e o direito. Reis e sacerdotes copiam o livro, e, uma vez cada anno, o lêem ao povo, á raça de predestinação, á amplissima nação hebrea, que se prostra e adora o sacratissimo nome de Jehovah.

Quem responde pela authenticidade do velho testamento?

Respondem os escriptores judeus que, no largo tracto de mil annos, se firmam na base dos livros authenticos de suas leis e historia. Josepho, o insuspeito collaborador dos que fazem repugnancia á procedencia directamente divina de Jesus, justifica a authenticidade do velho testamento, acostado ás affirmativas de Manethon, de Philocoro, de Apolonio, Alexandre e Polyhistor, gente mais authorisada em historias dos primeiros seculos que Dupuis, e Helvetius, e Diderot.

Diodoro Siculo, Pompeu, Juvenal, Galerio, Tacito, outros muitos poetas e historiadores dão testemunho da veracidade dos livros hebreus, como historia, como codigo juridico e moral, como prenunciador dos tempos, e caução da futura soberania de Israel. Zombam, referindo; mas conjuram a provar o facto. Se o paganismo os desconsidera, citando-os, isso não lhes desdoura a authenticidade. Observemos, porém, que os reformadores da historia, quando lhes impecem historiadores irrefutaveis, pagãos ou judeus,

christãos ou mahometanos, removem-os com menos-preço.

A biblia é um complexo de costumes, leis, ritos, praxes, ceremonias, descripções, localidades, e pessoas. Esta concatenação revê antiguidade impossivel de contrafazer-se em tempos posteriores. Como que se nos entremostram por meio d'aquellas idéas vagas a infancia da humanidade, as épocas nubelosas dos patriarchas.

Umas locuções pungem como lagrimas, outras enthusiasmam como canticos. E' o gemer e sorrir da natureza primitiva. São as primeiras lagrimas e os primeiros sorrisos.

E' inverosimil a fabricação da biblia, sem espanto e sublevação do povo, que se regulava por suas leis. Os factos descriptos eram, em parte, contemporaneos do povo historiado. Quem inventasse uma historia de tres mil annos, não ousaria dizer ás tribus de Israel: «Ahi estão gravadas as vicissitudes de tua errante vida, escrava no Egypto, no deserto, quarenta annos, favorecida por milagres do Senhor.»

As multidões deveram de espantar-se da historia contada... não por Moysés que é um mytho; mas por Esdras que, no intender de Spinosa, é o author do Genesis.

E por que não é Moysés? Moysés não escreveu—diz Voltaire—por que não tinha tinta. A facecia foi recebida como proverbio. O phylosopho não tivera occasião de saber que Cariath-Sepher, a cidade dos livros, é dez seculos anterior a Moysés. A vantagem da zombaria é dispensar o estudo.

Não foi Moysés; foi Esdras—tinha dito o transfuga da synagoga.

Lê-se, porém, na biblia que, antes da vinda de Es-

dras para Jerusalem, já os levitas exercitavam suas funcções, *como lh'as prescrevia a lei de Moysés, chamado o varão de Deus.* (1) Segundo Spinosa, Esdras inventou uma série de patriarchas e reis, e outra série de prodigios, que o povo nunca ouvira, e com o beneplacito dos samaritanos, que não consentiam a mais insignificante mudança nos caracteres dos livros santos; e, depois d'estas invenções, assignou-se mero *copista da lei de Deus.* (2) Quando o explicador de Descartes aggrediu a personalidade de Moysés, christãos e israelitas deixaram sem resposta o arrojado e infeliz fundador do pantheismo; porém, o que, ha trezentos annos, foi derelicto como paradoxo, assumiu em nossos dias a gravidade da controversia. Era preciso exhumar o absurdo.

Querem outros que o velho testamento fosse escripto depois do reinado de Salomão.

E' uma hypothese desamparada da minima probabilidade. De Salomão a Moysés decorrem succedimentos, que um falsificador não ousaria coordenar sem offensa da tradição e do raciocinio. As leis civis e religiosas consignadas no Pentateuco—fundamentadas na unidade divina e na liberdade politica—foram sempre o regimen da nação judaica. Estudem-se os acontecimentos desde os Machabeus até Moysés, lêam-se, *Ruth*, os *Reis*, *Samuel*, os *Juizes*, e o *Livro de Josué*, Ver-se-ha a deducção doutrinal fluindo uniforme desde o Pentateuco.

Era impossivel a falsificação logo que Judá e Israel se separaram, mediante o irritante scisma de Jeroboão.

---

(1) ESDRAS. 6, 18.
(2) Ibid. 7, 6.

Se Judá inventasse ou alterasse o texto, Israel daria o pregão da vingança; se Israel manchasse a pureza das tradições escriptas, sacrificar-se-ia á vigilante Judá. Se Jeroboão podesse justificar o scisma, bradaria contra os inventores da lei, e não daria testimunho publico dos prodigios historiados por Moysés, n'estas palavras: «Aqui tendes os deuses que vos tiraram do Egypto.» Os deuses que elle mostrava eram os bezerros de ouro; mas claramente confessava o milagre da passagem no mar vermelho. A mentira só podia vingar sobre a base verdadeira.

Os detrahidores de Moysés seja João J. Rousseau quem os julgue:

«A lei judaica, sempre subsistente, proclama hoje o sublimado homem que a dictou.

«Embora a orgulhosa philosophia ou o obcecado espirito de facção o tenha em conta de impostor feliz; o sincero politico admira nas suas instituições o grande e poderoso genio que preside aos estabelecimentos perduraveis». (1)

(1) «Contracto Social» L. 2.º, cap. 7.

§ II

Ha de regeitar-se tudo ou acceitar-se tudo nos livros de Moysés.

Que regeitam? Os factos encadeam-se. A intrusão de suspeita, que leve em mira desvalidar um successo, é impraticavel sem ferir os olhos da critica. Ou desvalidal-os todos, ou nenhum.

Existem monumentos a confirmar os fastos do povo hebraico: como que se contam as pulsações d'uma existencia de quatro mil annos. O Redemptor predito veio cumprir as profecias, e involveu-se na immensidade do seu mysterio; e o povo inconverso permaneceu aligado ás suas tradições, ás cerimonias dos seus livros. Ficaram com o povo deícida as festas da Paschoa, de Pentecostes, as memorias do Tabernaculo, da Arca da alliança, das tabuas da lei, da vara de Aarão, da serpente metalica, e do maná do Sinai.

Acodem os adversarios da authenticidade da Biblia: Herodoto, Manethon, Eratostheno não fallam de Moysés, nem dos seus milagres, nem do seu famigerado povo: logo, tal legislador, tal povo, e taes milagres foram depois inventados.

Herodoto floreceu dez seculos depois, de Moysés; e doze a treze seculos depois escreveram os outros. Qualquer d'elles principia a historiar sessenta mil annos antes. E' a mythologia contra a qual já ninguem se despende em

argumentos serios. Isso foi gosto do seculo passado, quando todas as absurdezas serviram á supina ignorancia d'uns philosophos que pareciam professal-a com esméro de artistas na arte de fabular.

Ora, não seria justo que a razão, tão applaudida em decisões de historia equivoca, se exercitasse em avaliar a nulla authoridade de historiographos que começam pela assembléa dos deuses na terra, e organisam depois a sociedade dos homens?

Aquelles mesmos, escriptores coevos, chamados a depôr contra as legendas mozaicas, contradizem-se em factos de primeira importancia; de modo que, volvidos dois seculos, quem quiz escrever a historia do Egypto soccorreu-se das tradições populares, e deixou em desprezo as chimericas e abstrusas narrativas sobre a mystica do boi Apis.

Herodoto, chamado o pae da historia, é considerado o enthusiasta das maravilhas com que elle, nos jogos olympicos, extasiava os seus ouvintes. Observemos agora que os philosophos — dê-se-lhes sempre o nome que elles se dão — classificam de mytho Moysés, e de legenda o velho testamento: como testemunho, serve-lhes o silencio dos antigos historiadores á cêrca dos livros sagrados e dos seus authores. Em Herodoto, e Manethon, e Eratosteno é que não ha mythos nem legendas: estes fallam á razão, e convencem-na. Moysés é que é mytho e fabula por que historiou o principio do mundo, e ensartou uma successão de factos, quasi sempre naturaes e comprehensiveis, tendentes a illucidar uma religião racionalissima, assentada na idêa do monotheismo.

Repugnar a verdade do velho testamento, por que a não contestam autographos contemporaneos, é negar

os commentarios de Cezar por que os gallezes não deixaram escriptos coevos do conquistador romano. Posto que Moysés, primeiro historiador, refira acontecimentos de uma sociedade solitaria, e estremada d'outras nações, que nenhuns vestigios deixaram, isso não impede que os detractores de sua veracidade considerem menos authenticos os escriptos do legislador hebreu do que os commentarios de Cezar, escriptos n'um tempo em que sobejavam historiadores para cada nação.

Não bastou á critica da razão indocil cortar pela raiz, a seu bel-prazer, a arvore em que se enxertou o madeiro da cruz. Da enorme façanha desceu a subtilesas grammaticaes, esmiuçando com paciencia, egual á ignorancia, o sentido philosophico d'uma interpretação variada. Os anatomistas dos livros divinos, bem que tolerantes na analyse de historias pagãs, não soffrem que debaixo do seu escalpello se não mostrem sensiveis e palpaveis os ligamentos que atam um facto a outro. Se lhes disemos que ha ahi relanços de linguagem symbolica, fechada com o sanctuario de Jerusalem, ou apenas visivel na penumbra da lei nova, redarguem-nos que desadora symbolos a critica, e não tem que vêr com elles quando estuda racionalmente e chronologicamente a geração anteposta á civilisação christã. Replique-se que no velho testamento são obscuridades os lapsos dos copistas, as notas explicativas amalgamadas no texto, e interpretações falsas que traductores deixaram equivocas, e marcadas do sêllo de nossas imperfeições.

Rossely de Lorgues, o author de *Jesus Christo perante o seculo*, desceu a responder aos racionalistas que intenderam reagir á revolução de Christo com uns

reparos exegeticos. Disseram elles que *um dia*, termo que S. Jeronimo tradusira de *yom*, era pouquissimo tempo para solidificar-se o globo, como Moysés, ignorantissimo geologo, contava no Genesis. O douto christão responde á sciencia dos naturalistas que a expressão *yom* não demarca o periodo dos nossos dias; mas designa um espaço de tempo, uma *revolução*, cujo termo os calculos humanos ignoram.

Com referencia aos livros santos, muito antes das triumphaes conferencias de Frayssinous, de Ventura, e Lacordaire, ponderou Bossuet:

«Não falta quem diga que ha difficuldades na historia da Escriptura. Em verdade as ha, e certamente as não haveria, se este livro fosse menos antigo, ou tivesse sido fabricado (como ousam dizer) por homem habil e ingenhoso *que emendasse o que se faz agora reparavel.* Ha n'elle difficuldades; conheço que sim; são essas, todavia, as difficuldades suscitadas pelo curso das idades, quando os logares variam de nome e estado, quando as datas esquecem, e as genealogias se perdem... Pergunto agora: acha-se tal escuridade no amago ou na substancia do livro sujeito? Não. Tudo é seguido, e o que tem sombras revela a mesma veneravel antiguidade nos livros santos. Ha differenças, dizem os adversarios, entre os textos samaritano e judeu. Que inferem d'ahi? Que os judeus ou Esdras fabricaram o Pentatheuco, depois da volta do captiveiro? Deve inferir-se pontualmente o contrario. As differenças provam em evidencia a antiguidade do Pentatheuco anterior a David e Salomão... Quão incontestavel é, pois, a authoridade de Moysés e do Pentatheuco, se todas as objecções o cimentam e consolidam!»

CAPITULO II

Prophecias

O cumprimento das prophecias justifica a divina missão de quem prophetisou, e a divindade de Jesus em quem se realisaram.

Em quatro mil annos, decorridos desde Adão até ao seu resgate, manifesta-se relevantemente Jesus Christo nos vultos historicos da historia do povo hebreu. Aclaram-se mais os relêvos dos symbolos, quando se aproxima a vinda do Reparador, de quem fôra dito: «Da mulher nascerá um filho, que esmagará a cabeça da serpente.»

Dois mil annos depois d'este promettimento restaurador, recebe Abrahão, alliado de Deus, a prelibação de antever gerar-se em sua posteridade a vergontea divina, á sombra da qual virão sentar-se as gerações redemidas da sombra da eterna morte. Jacob indica a tribu de Judá, como sanctuario da esperança redemptora, e David,

em extasis de gloria, individualisa sua propria familia como a indigitada a Abrahão pelo Senhor.

Além das prophecias, um signal personifica o salvador em ramo distincto dos muitos que bracejava o tronco de Judá : o Messias, por espaço de tres mil annos, é representado n'uma série de personagens, analogicamente figurados em nascimento, vida, morte e ressurreição.

Figura Adão o pae da nova raça, e a egreja a sua emanação filial. Abel é o irmão e a victima ; Melchisedec o seu eterno sacerdote; Isac o seu sacrificio; Jacob o seu desterro voluntario buscando sobre a terra a esposa fecunda e abençoada. Joseph vendido pelos seus, escravo, preso, perdoando, e beneficiando seus perseguidores. Moysés salvando e libertando ; Josué, salvador tambem, e triumphador com seus irmãos na terra promettida; Gedeão, o vencedor de Baal, salvando o mundo com debilissimas armas; Sansão pela natividade miraculosa, escôlha de esposa entre gentios, e victoriosa morte na cruz ; David, a realeza dôce e affectuosa, o imperio fundado sobre ingentes contrariedades; Salomão o triumpo e a gloria; Jonas, a vocação dos gentios á meza do cordeiro redemptor, a ressurreição depois de tres dias de sepultura.

O natural acaso podia estabelecer aquellas analogias ? Concedamol-o á critica philosophica; porém, seja-nos relevado que não attribuamos ao acaso o cumprimento das prophecias. Não sei quanto pezam uns racionalistas que dão fé ao acaso, e recusam-na aos milagres. Innegrecido o coração, pouco vai d'ahi ao pyrronismo brutal da intelligencia. Então é o negarem a historia para negarem os prophetas, e o negarem os prophetas para negarem a divindade de Jesus Christo.

Ir com os olhos d'alma ás profundezas do futuro não é façanha natural que as sciencias tenham podido explicar-nos com theorias, como ahi as ha, não menos incomprehensiveis que a sobreexcitação intellectiva dos videntes. Agasta-se contra o dom prophetico a philosophia sensualista, e repugna humilhar a razão á condescendencia de receber como verdade a coisa inexplicavel, bem que seja facto cumprido, e assignalado por monumento de historia incontroversa.

Ahi estão os israelitas ha dezenove seculos dispersos na terra, sem rei nem legislador. A *razão* catholica, ao vêl-os assim tão carecedores de compaixão, e alquebrados sob a mão da justiça humana de infaustas eras, recorda as palavras de Jacob: «O sceptro não sahirá de Judá, nem o legislador da sua posteridade, até á vinda d'aquelle que deve ser enviado e a quem os povos obedecerão.» (1)

A *razão philosophica*, ponderando este maravilhoso acaso, explica o derramamento da nação judaica entre as varias nações da terra, com o facto de Tito e Vespasiano lhe anniquilarem a nacionalidade, sepultando-a nas ruinas de Jerusalem. Mas a *razão catholica* escuta as palavras de David, computando setenta semanas de annos para a vinda do Salvador, a contar desde a reedificação do templo; escuta-o annunciando a morte de Christo em meio da sexagesima semana; escuta-o apontando um povo, que já não está da mão de Deus, vagamundeando miseravel, sem altares, sem sacrificios, até á consummação dos seculos (2).

(1) Gen. XLIX. 10.
(2) Idem, IX. 25. e seg

A prophetisada destruição do templo, arrasado desde os cimentos, tem dois valores na historia: a destruição incontestavel, e os esforços baldados d'um imperador romano no intento de reedifical-o para desmentir os prophetas judaicos, e as palavras de Jesus. A *razão philosophica* negará a tentativa de Juliano, invertendo-lhe a intenção; ou aspará dos evangelhos as palavras de Jesus: «Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu hei querido reunir teus filhos, como a galinha aconchega os pintos com suas azas, e não tens querido? Pois sabe que as tuas casas hão de ficar desertas.»

A *razão philosophica* em que estriba o negar que uns globos de fogo se desentranharam das ruinas do templo cavadas por Juliano, o apostata? E' por que algum padre do quarto seculo lhe conta a legenda? algum sonhador de Pathmos inventaria a pia fraude, que os concilios mandaram inserir nos annaes da christandade e nos fastos da Roma imperial?

Certamente não. Ammiano-Marcellino, inimigo dos christãos, e grande amigo do imperador, deve dar do caso um solemne testemunho. Traslademos textualmente as suas palavras:

«Juliano chamou de toda a parte os melhores operarios, e confiou a fiscalisação da grande empreza a Alypio, um dos seus principaes amigos, e encarregou-o de não poupar despezas no incessante trabalho. Confluiam de toda a parte judeus a Jerusalem, insultando os christãos, ameaçando-os, violentando-os, como se tivesse soado a hora do restabelecimento de sua nação. As mulheres despiam os mais valiosos ornatos para ajudarem á despeza da obra, e os judeus trabalhavam com as

proprias mãos, e carreavam terra nas tunicas, não obstante mandar fabricar picões, pás, e cestos de prata para a piedosa obra. Cyrillo, bispo de Jerusalem, regressando do desterro, encarava n'estes preparativos tranquillamente, confiado na infallibilidade dos prophetas, e affirmando que em breve se viriam confirmando as prophecias.

«Ao cavarem os alicerces, arrancaram enorme pedra, e descobriram uma caverna cavada em rocha, á qual desceu suspenso d'uma corda um operario, o qual, tocando no fundo, entrou n'agua até ao joelho; e, palpando em redor, topou uma columna á superficie da agua, em cima da qual encontrou um livro envolto n'um finissimo pano: tomou-o, e deu signal que o içassem. Chegou a cima; e quantos viram o livro admiraram de não estar estragado; porém, maior foi o assombro de pagãos e judeus, quando, abrindo o livro, lêram estas palavras, no comêço, em lettras maiusculas: *No principio era o verbo, e o verbo estava em Deus,* e o mais que se segue, porque este era na sua integra o Evangelho de S. João.

«Quando Alypio accelerava ardentemente a obra coadjuvada pelo governador de provincia, romperam dos alicerces frequentes linguas de fogo, e globos igneos formidaveis, que, sobre queimarem os trabalhadores, tornaram o logar inacessivel; e como vissem que o fogo se obstinava em queimar tudo, foi suspendida a empresa». (1)

A *razão philosophica* declara, n'este ponto, que o historiador coevo de Juliano conta o facto como elle se deu, sem obtemperar aos pregoeiros do milagre. Não se lhes pede outra resposta aos philosophos. Esta não tem siso commum.

---

(1) Citação de «Fleury» — H. Eccl. T. 4. L. 15. art. 43.

§ I

Annunciaram os prophetas o Messias; e tão dentro d'alma da nação hebrea se intranhara a esperança de sua vinda que, nos derradeiros tempos, o apparecimento de S. João Baptista suscita nos judeus a certeza de que é chegado o Christo, e os samaritanos por egual se entram do mesmo convencimento. «Eu sei, diz a samaritana a Jesus—que o Messias está proximo, e tudo nos será enviado por elle quando chegar.»

Não se restringiram, porém, os prophetas a predizer a vinda do Salvador. O retrato que elles predefinem do Messias é tão minudencioso, que impossivel seria confundil-o com os seus contemporaneos.

Disseram que nasceria d'uma virgem (1).

Que nasceria em Betlem, aldêa obscura e incognita (2).

Que seria da tribu de Judá e raça de David (3).

Que seria pobre, e annunciaria a boa nova aos pobres (4).

Que seria obscuro e sem magnificencia; mas que um dia se lhe prostrariam os reis (5).

---

(1) Izaias, VII, 14.
(2) Mich. V, 2.
(3) Gen. X, Izai. XI, II; Sam. XVI; Ps. 39. Jer. XXIII.
(4) Zach. IX, 9, 10; Izai. XI, 3.
(5) Izai. LIII, 4.

Que a voz d'este precursor soaria no deserto (1).

Que semearia milagres e beneficios em seu caminho (2).

Que o espirito do eterno, espirito de sabedoria, de intelligencia, de conselho, de força, e de temor seria com elle, e o faria brilhar em pleno resplendor de justiça; porém, ao mesmo tempo, a sua omnipotencia seria sublime de doçura e humildade (3).

Que seria ludibrio de despresos e contradições, repellido e perseguido por seu povo (4).

Que, em vez dos antigos sacrificios regeitados, estabeleceria um sómente, duradouro e puro, que seria consagrado em todas as regiões da terra (5).

Que seria trahido por um dos seus discipulos (6).

Vendido por trinta dinheiros (7).

Desamparado dos seus (8).

Calumniado por testemunho (9).

Que, espontaneamente, se deixaria levar á morte, como cordeiro sem defesa, e mudo entre as mãos d'aquelle que o afoga (10).

Que seria esbofeteado, cuspido, affrontado, cravado de pés e mãos (11).

---

(1) Izai. XL, 3.
(2) Izai. XI, XL, XLII, LII, Zach. IX.
(3) Dan. IX, 26. Izai. VI. 10; LV. 2.
(4) Malach. 10, 11.
(5) Ps. XI, 12, 13.
(6) Zach. XI, 12 13.
(7) Ibid. XIII. 7.
(8) Ps.
(9) Izai. LIII. 1.
(10) Izai. LIII. 2.
(11) Izai. LIII, 3.

Que os transeuntes insultariam suas agonias tregeitando. (1)

Que seria contado entre os scelerados e suppliciado como elles. (2)

Que lhe jogariam aos dados a tunica. (3)

Que lhe dariam fel e vinagre. (4)

Que seria gloriosa sua sepultura; resuscitaria ao terceiro dia; allumiaria toda a carne com o reflexo do seu espirito. (5)

As prophecias realisaram-se em Jesus Christo.

Escutemos os philosophos.

---

(1) Ps. XXI; Izai. Jerem. e Zach.
(2) Ps. XXI, 7, 8.
(3) Ibid. 8, 19.
(4) Ibid, 22.
(5) Ps. XV, 9, 10. Izai. XI, 10. Joel XI. 28. Izai. XL, 9.

§ II

Os philosophos denegam umas prophecias por que tem pouca luz, outras por que são claras de mais. As muito luminosas, no dizer dos racionalistas, foram engenhadas depois dos successos, por que esclarecem as menores miudezas e circumstancias. As outras nada tem analogo com os factos, e astuta e violentamente lhes concertaram as anologias os interessados em sustentar o paradoxo do dom prophetico. O patriarcha do materialismo grosso, Voltaire, disse: «não póde prever-se o que não se vê». Este aphorismo cortou a questão. A impiedade antiga escrevêra milhares de livros, sem chegar a conclusão assim redonda!

Está visto que não ha ahi conciliarem-se prophetas e incredulos. Luz de mais e luz de menos são attributos damninhos que tornam inadmissiveis Jeremias e Ezechiel. Havemos de ȧspal-os da historia, e acceitar as historias de Salvador, de Strauss, e de Proudhon.

Salvador, ao menos, não lhe soffrendo o animo que os prophetas-biblicos fossem expulsos da assemblea dos homens de lettras, lembrou que se lhes concedessem honras de poetas. Contrariaram esta benevola reclamação os seus collegas, allegando que não duvidariam cathalogar os prophetas na honrosa especie dos vates, se elles tivessem existido como Homero, Tibullo, e Propercio. Redarguiu Salvador que não havia razão efficaz pa-

ra negar a existencia de Ageo, Zacharias, e outros poetas orientaes. Ajuntou que a prova concludente de haverem existido era a generica indole hebraica em que poétaram, pois que era essencial da poesia hebraica individualisar a divindade no povo judeu. Isto é que é intendimento! O povo hebreu figura Deus, ou Deus entrou exclusivamente no povo judeu, que, mais tarde, representando collectivamente o Messias, se suicida na pessoa de Jesus. Deus, nação judaica, e Messias são mythos significando uma coisa, que Salvador não diz o que seja, por que elle sinceramente não nos leva vantagem em sabêl-a.

Reposta a questão em controversia ajuizada e séria, o philosopho nega as coisas sobre-naturaes, e a divina influencia na missão de Israel. Homens communs, indistinctos da humanidade, sem commercio com os poderes superiores, os videntes, levados de allucinação poetica, prenunciavam glorias, delicias, e poderio á nação judaica. Não lhe promettiam senão faustos com a vinda do Messias, e ao povo de Deus circumscreviam as suas operações propheticas.

A christandade conforma-se aos que dizem que as prophecias tinham em vista o povo hebreu; mas não intende o que seja a consubstanciação de Deus no povo, povo redemptor, luzeiro do mundo.

Não quer a philosophia que Jacob, Izaias, e Daniel se referissem ao Messias. A quem era? Izaias, no cap. 53, prediz a morte e resurreição de Jesus. Intendamos este ponto que é grave. Está entendido com Salvador, e com dois sabios de sua polpa. Jesus Christo é o povo todo, ou a parte fiel da nação, ou o corpo collectivo dos prophetas. São tres opiniões: tres paradoxos, que a

habilidade de Rousseau, amantissimo de theses absurdas, regeitaria como ineptos.

Prediz Daniel o termo dos sacrificios antigos, a ruina do templo e da nação, como castigo aos deícidas. Respondem que Jesus Christo não era o desejado das nações, nem o promettido dos prophetas. Em quanto ao cumprimento das prophecias, remettem á questão á natureza das coisas e á critica da historia.

«Nos livros sagrados, diz um philosopho christão, não se tracta unicamente da prosperidade temporal, riquezas e delicias da vida. Um Messias, profundamente distincto do povo judaico, é annunciado em todas as paginas dos livros inspirados. Se ahi são predictas as suas magnificencias, tambem lhe são ahi prophetisadas as humilhações e morte. A' hora, em que era esperado, appareceu o Messias. Não ha negal-o, não o negam os doutores judeus, applicando-lhe, como nós, prophecias impossiveis de caberem n'outro. Foram tambem predictas a destruição, a ignominia, as calamidades, que, ha dezoito seculos, esmagam a raça israelita. Se Jesus Christo não era o Messias, se o crime do povo judaico não foi desconhecêl-o, como explicar a implacavel vingança que o persegue ha tanto tempo? Os annaes d'este povo, e os de todo o mundo nada referem semelhante; e, todavia, quando o raio da desgraça os fulminou, eram elles, como nunca haviam sido, zelosos observantes de sua lei.» (1)

Chegados os tempos assignalados da redempção, a

---

(1) MARET. «Tratado sobre o Pantheismo», pag. 417. JOLY. «Religião christã illustrada pelas profecias».

divindade de Jesus já radia nos successos estranhos que complanam o caminho por onde o rei das nações ha-de chegar ao seu throno. O reino eterno expede ao alto suas cupulas perfulgentes por entre as nações, que baqueiam, tocadas pela mão da Providencia. Durante os ultimos quinhentos annos anteriores á era christã, todos os grandes imperios são absorvidos em quatro poderosas monarchias; e, no momento em que o *herdeiro universal,* como diz o apostolo, se ergue do seio de um povo desprezado, as quatro monarchias arrastadas por invencivel fascinação, depõe os annaes de suas glorias ás plantas do degenerado neto de Augusto.

Este prodigioso facto anteviu-o Daniel: os historiadores que o lêram nas ruinas de assirios, persas, gregos e romanos não o referiram com mais negras e tragicas imagens. Sobre as ossadas das quatro ingentes monarchias ergue-se o Filho de Maria, o operario da Galilea, o Deus, o coroado de espinhos, com o seu cortejo de infelizes, n'um throno de agonias.

Mal podemos sem assombro contemplar a incadeada destruição dos imperios que ruem esphacelados uns ás mãos dos outros. O quadro, porém, é providencial; a razão não interroga os decretos do Ente supremo: confrange-se e humilha-se. Os assirios sobvertem o povo judeu; ao ultrapassarem a missão, que cumprem sem consciencia, surgem os persas a algemal-os. Senhoream-se os gregos do imperio oriental: propagam a sua lingua, que será a dos apostolos, para que os livros santos sejam depurados das imperfeições hebraicas. Os povos são já uma cadêa lançada em torno do solio de Tiberio. Os mensageiros da boa-nova não ha barreiras que os retenham. No meio-dia falla-se a linguagem do septem-

trião. Os discipulos de Jesus podem annunciar que o sceptro sahiu de Judá, conforme a predicção de Jacob. E a historia de quatro mil annos será compendiada em poucas palavras, e comprehendida em numerosas nações, quando S. Paulo clamar: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei.*

CAPITULO III

Jesus

Era esperado, desde o principio do mundo, um reparador.

Numerosas nações alvoroçadas por esta esperança, fitavam uma estrella, que a tradição lhes apontava no céo da Judea.

Affirmaram-o Suetonio e Tacito entre os escriptores pagãos. Confirmaram-o Boulanger, Volney, e Voltaire, d'entre os mais abalisados inimigos da religião revelada.

«Uma antiga e constante tradição, diz o historiador dos cezares, derramada por todo o oriente annunciava que em determinado tempo devia surgir da Judea o dominador do mundo.» (1)

«Os romanos, diz Boulanger, posto que mui republicanos, esperavam, no tempo de Cicero, um rei, predito pelas sibyllas, como se lê no livro do *Vaticinio* d'este orador philosopho: as calamidades de sua republica de-

---

(1) Vid. de Vespasiano.

viam dar o signal, e a monarchia universal a consequencia.»

Escreve Voltaire: «Desde remotissimas eras, grassava entre indios e chins o boato de que um sabio viria do occidente. A Europa dizia que o sabio viria do oriente. Todas as nações assentiram á necessidade de um sabio.» Ora, a Judea está collocada ao criente da Europa, e ao occidente da India e China.

«As tradições sagradas e mythologicas dos tempos anteriores á era christã, observa Volney, haviam levado por toda Asia a esperança n'um sublime mediador; o qual devia vir, juiz supremo, salvador futuro, rei, Deus, conquistador e legislador, a inaugurar na terra a idade do ouro, e a redimir os homens do imperio do mal.»

Da officina d'um operario de Nazareth sahiu o luminoso espirito, que irradiou no coração dos justos, quaes o velho Simeão do templo. Aos doze annos, um menino, creado na supersticiosa e ignorante Judea, vai á synagoga, impugna a doutrina da lei velha, e humilha a soberba dos doutores. Os ouvintes, suspensos dos labios d'uma criança, dizem: «Nenhum homem fallou assim! Onde apprendeu estas coisas o filho do carpinteiro?!»

E não era como Socrates, e Platão, e Cicero que respeitaram os desvarios supersticiosos do vulgo. Estremava-se dos philosophos da gentilidade, que pregoavam maximas de bôa vida, e as desdouravam na pratica. «Se não crêdes em minhas palavras, dizia o justo da Galilea, crêde ao menos em minhas obras.» Aos que lhe espiavam mal-querentes a existencia milagrosa de beneficios e abnegação, disia: «Quem de vós me apontará uma culpa?»

Na serenidade de seu rosto lampejavam, intercaden-

tes com as amarguras de homem, os resplendores da divindade. Acariciava as criancinhas com branduras de pae. Fallava aos velhos com respeito e amor de filho. Enxugava lagrimas com as consolações nunca ouvidas da palavra humana. Coava balsamos estranhos ás chagas reconditas da alma. Desapertava os pulsos roixos das algemas de tyrannos. Diante do pobre, admoestava a soberba do poderoso. Diante do poderoso, ensinava ao pobre a virtude da humildade. Ia á presença do grande, sem antepor aos exteriores da pobreza a recommendação de sua divina mensagem. Abraçava os fugitivos á lei pharizaica, instrumento de hypocritas, sepulturas branqueadas, cheias de vermes e podridão. Sustentava as multidões famintas com o pão que o Pae multiplicava debaixo de seus olhos supplicantes. Feria com um raio de luz os olhos cerrados em trevas desde o nascimento. Levava suas palavras ao coração do surdo para quem a linguagem humana fôra um mysterio. Mandava ao paralytico erguer-se com o seu grabato. Chorava sobre o tumulo de Lazaro, e filtrava-lhe no seio vida nova com suas divinas lagrimas. Perdoava á mulher peccadora, que a justiça da terra apedrejava. Curvava-se a lavar os pés dos discipulos que o seguiam vacillantes de fé e coragem.

Este justo, se fosse um homem, não teria inimigos. Eram predestinadas as suas inenarraveis amarguras. Ergueram-se homens a injurial-o. E o santo da paciencia e do perdão encarou-os com doçura, e fallou, quando os viu baixarem-se para o apedrejarem : «Por qual dos meus beneficios quereis apedrejar-me ?»

Não era homem ; que a sua paixão foi um assombro

nunca repetido de humildade, submissão, brandura e constancia.

Não era homem; que as calumnias, os ultrajes, as dôres, os supplicios não lhe arrancaram um gemido de cólera.

Não era homem; que antes do trespasse de Jesus Christo nunca o perdão baixára da cruz sobre os algozes d'um innocente.

Socrates morrêra com espantosa coragem e animo imperterrito. «Se a vida e morte de Socrates foram de um sabio, a vida e morte de Jesus foi de um Deus.» Diz Rousseau, o philosopho, a consciencia alvoroçada por um rapto do coração.

---

§ I

Os philosophos do seculo passado, os mestres de quem os philosophos actuaes joeiraram as doutrinas depurando-as da impiedade tôrpe, disseram que Jesus fôra um impostor.

Impostor por que se declarára enviado de seu Pae celestial.

Impostor por que se chamára filho de Deus.

Impostor por que se dissera juiz universal de vivos e mortos.

Sentaram-no entre Apollonius de Thyane e Mahomet, e julgaram-no.

Os milagres do Nazareno estavam para além de dezesete seculos. «Queremos vêr um milagre!» diziam os juizes. Não viram os rabbis do seculo XVIII rasgar-se o véo do templo; nem toldar-se de crepe o sol; nem fender-se a pedra tumular. Holbac fita no céo um olhar provocador, e escreve: «Que Deus impotente é este que me não fulmina?»

A geração immediata é menos blasphema, ou sabe pulir mais urbanamente a injuria. Concede que Jesus haja sido um *grande homem,* grande quanto podia ser na sua época, e com os poucos elementos da sua educação. Discorreu, a proposito, sobre pobres, ricos, propriedade, liberdade, tyrannia, communismo, christianismo social, e acabou por alvitrar que a religião do crucificado era já insufficiente ás necessidades do tempo.

Senão era Deus, por que ha de ser *grande homem* Jesus?

Tão sublimes doutrinas havia mister innublal-as em dogmas que confundem a razão? carregal-as de obrigações e asperezas que irritam o animo? demasiar-se em maravilhosas artimanhas que invalidam a seriedade da doutrina? Onde está o *grande homem* que se não apoia absolutamente na força do exemplo proprio para santificar a belleza do seu apostolado? Platão e Socrates dispensaram prodigios, como desnecessarios á implantação da crença n'um Deus remunerador da virtude, e castigador do crime. Para a grandeza de Jesus bastava-lhe a pureza da vida e a santidade dos preceitos. O simulacro de milagres, auxilio de impostores sem consciencia de sua missão, damna á sublimidade da obra, quaesquer que fossem as consequencias. Como podem os philosophos consentir na magnitude e superioridade do impostor, que finge o milagre para realçar a doutrina, e se deixa morrer ineptamente como um louco, odioso aos discipulos, que elle deixa perseguidos, e escarneo das turbas, que elle quiz enganar?

Grande homem! Será o epytheto um novo amargo que lhe imbebem na esponja de fel?

O doutrinario da Judea que precisão tem de nos cohibir a satisfação de paixões que tão agradavelmente podem harmonizar-se com os affectivos principios da sua moral? Por que nos dá a sua carne e sangue, como comida e bebida, se nos abasta a razão natural para nos espiritualisarmos em sua optima doutrinação?

Vaidade summa é essa de querer reunir o universo em redor de sua cruz affrontosa, quando o inspirado

Socrates se absteve de predizer que iria alguem adoral-o na sepultura!

Se Jesus não é Deus, maior homem é Socrates. Se Jesus é impostor, por que injuriais os executores da lei que pune os blasphemos? Judas de Kariot é menos censuravel que Melitus; os Herodes e Pilatos foram menos intolerantes que os *heliastes* de Athenas. Socrates falla sempre em nome da razão: julga-se impellido do *seu demonio*, da sua inspiração; porém não pretende que o demonio inspirador lhe haja baixado do céo. «Sê virtuoso para ser feliz» é o resumo da sua doutrina.

Que homem, querendo vingar doutrinas de sã moral, em meio d'uma sociedade cancerosa de vicios e hypocrisia astuciosa, começaria por atirar ás faces dos poderosos o sudario dos seus crimes d'elles?

Respondem: «Seria aquelle que, á semelhança de Jesus, curasse de captar ardilosamente a bem-querença da plebe.»

E como é que se prende a bem-querença da plebe? Favoneando-lhe as paixões. Ao proletario, se lhe disserdes, como Jesus, que soffra resignado a penuria, esperançado na bem-aventurança dos que choram, o proletario ha de voltar-vos as costas, como a perfido bandeado com os poderosos.

Jesus Christo era austero com pobres e ricos. Que systema tão irracional para crear proselitos, segundo a philosophia social!

Então em que era elle *grande homem?* Em ter conseguido por meios sobrenaturaes levar depoz sua cruz milhares de martyres, uns que sahiram da pobreza, outros que desceram do fastigio da gloria mundana, para se encontrarem todos nas garras das feras?

Se Jesus era homem, que estupidas gerações se levantaram a proclamal-o Deus, e a morrer em honra de sua doutrina!

Que serie de ineptos escravos d'um preconceito, desde S. Paulo até aos desgraçados que ainda agora se estão deixando matar, propagando a fé!

Bemdito sejais, Jesus Christo, Filho de Deus! Se fosseis homem, sem operar maravilhas, terieis, desde o sermão da montanha, convertido a vós os grandes e os pequenos?

O resplendor de vossa divindade cegou a raça prevaricadora que devia immolar-vos em redempção da humanidade. Conspiraram todos contra vós, Senhor, por que não quiseram acceitar-vos como Deus, e não podiam acceitar-vos como homem!

---

§ II

As sublimes doutrinas, que fecundaram a intelligencia de Jesus, onde as estudou elle?

O christão responde: O Verbo divino não as estudou: creou-as como creara o universo.

«Fez-se na escola dos essenios ou dos sadduceos» respondem os admiradores do *grande homem* para tudo explicarem pelo homem, sem dependencia da divindade.

Dois historiadores mencionam a seita dos essenios, Josepho e Philon. Nenhum d'estes noticiosos judeus nos diz que a escóla essenia fosse anterior ao christianismo. O mais que póde averiguar-se de Josepho é que a seita foi contemporanea d'elle.

Deposta a questão contingente, se não querem dar-lhe essencial importancia, perguntaremos o que podia apprender um moralista, que se chamasse Jesus, d'outros moralistas, denominados essenios, ou therapeutas por Philon de Biblos?

E' necessario confrontar as doutrinas de Jesus com as dos suppostos mestres: não temos inducções d'outra ordem.

Jesus ensinou idéas novas para todas as seitas judaicas: o mysterio da Trindade santissima; o da Encarnação; o da Redempção; o chamamento dos gentios á graça e salvação eterna; a resurreição dos corpos.

Os essenios desconheciam inteiramente semelhantes dogmas. Criam no destino, e negavam, por tanto, a liberdade humana. Os evangelhos não encerram uma

só palavra marcada de fatalismo, nem sombra de idéa que cohiba a razão do homem no alcance do reino eterno, por meio da pureza da vida.

Ignoraram os essenios o que fosse caridade universal, e desconheceram a efficacia dos sacramentos.

O seu maximo zelo consistia na observancia do sabbado; e Jesus reprehendia os que observavam lei tal, menoscabando os preceitos da lei nova. Fugiam do templo, contra os dictames de Jesus, que sacrificava no templo. Afervoravam-se em purificações, excedentes mesmo ás prescriptas na lei velha. Jesus Christo aos seus seguidores dispensava-os de todas as abluções fanaticas. Negavam os essenios obediencia a reis, a philosophos, a conquistadores, e reconheciam apenas a authoridade dos seus antepassados. Jesus recommendava aos seus discipulos obediencia propriamente aos imperadores idolatras.

Quem descobriu nos evangelhos vislumbre da escóla judaica, separada da lei de Moysés?

Em que se assemilha o discipulo aos mestres? Em que refez e melhorou Jesus as doutrinas emprestadas? Como as converteu em ensinamento de todo em todo novo, e contraposto aos pontos capitaes das seitas coevas do christianismo?

Os conterraneos e os parentes de Jesus deviam de saber que elle estudára entre os essenios, ou n'outras seitas. Se o sabiam, se o tinham visto partir e voltar d'entre os therapeutas, dispersos nas ribas do mar-morto, por que perguntariam elles:—«Não é este o filho de Maria? o filho de Joseph? Não conhecemos nós seu pae e mãe? Onde estudou elle o que diz? Como sabe elle a sabedoria, se a não apprendeu?»

Apprendel-a-ia na seita dos sadduceos? Não se póde seriamente cottejar as doutrinas de Jesus com as da seita que negava a immortalidade da alma; a remuneração das boas obras, o castigo das más, e a authoridade doutrinaria. Esta escóla era um como foco aristocratico de reis, summos-sacerdotes, e membros do sanhedrim. Jesus de Nazareth fugia d'estas assembléas para o centro dos seus pobres: o filho do artista não iria sentar-se entre os mais opulentos, degenerados e falsos interpretes do velho testamento.

A philosophia assignou hypotheticamente a Jesus outra escóla: a pharizaica. Os evangelhos, como obras santas dos humildes discipulos de nosso Senhor Jesus Christo, respondem á hypothese, que revê zombaria. Vejam a severidade com que o divino Mestre argúe os pharizeus.

---

§ III

Que decidem os philosophos da humanidade de Jesus em vista dos seus milagres?

«Não acreditamos milagres;—respondem—e temos para os não acreditar a razão fortissima que o positivista Strauss fez favor de nos ensinar. Acceitamos a authoridade de todo o homem que estiver comnosco; e levantamos desde já o módio para que a luz se derrame. Diz o insigne Strauss, a respeito de milagres:—Todas as vezes que uma narrativa nos refere qualquer acontecimento ou phenomeno, dizendo formalmente, ou dando a perceber que o phenomeno ou acontecimento foi immediatamente produzido por Deus, ou por individuos humanos, que receberam d'elle poder sobrenatural, tal narrativa não podemos admittil-a como narração historica. Se, pois, nos dizem que um grande homem, desde menino, sentiu e experimentou o sentimento intimo da grandeza, que lhe foi apanagio á idade viril; se nos dizem que os seus partidarios, ao primeiro intuito, como tal o reconheceram, devemos mais que muito duvidar da realidade de semelhante historia. Em tal conjunctura, urge que attendamos a todas as leis psycologicas, as quaes defendem que um homem sentisse, pensasse, e praticasse de theor diverso dos homens, ou da sua maneira usual.»

O arrasoado de Strauss redunda n'esta breve inferencia:—Deus não póde praticar acto extraordinario di-

verso dos que já conhecemos, cuja immutabilidade a sciencia demonstra. O testemunho das nações póde ter evidenciado um acontecimento inexplicavel á sciencia : não importa. Strauss não crê, por que não conhece o phenomeno, por que a razão natural não o intende. Pelo que, os annaes do povo de Deus, as prophecias, a redempção, os milagres e supplicio do justo, o apostolado, não se admittem, por que não são historicos : historia, já fica dito, com interferencia de Deus, e actos sobrenaturaes, não se ha de como historia receber.

Isto é que é uma necedade luminosa, puro alemã! Merece a pena ser mentecapto em Alemanha para ser-se philosopho no restante do mundo.

Illações das doutrinas de Strauss, á cêrca dos milagres de Jesus Christo :

Ha leis rigorosas e inalteraveis que marcam a cada homem uma área de acção egual á de todos os homens. Consequencia : o que eu psycologicamente não faço nenhum homem é capaz de fazer. A premissa está clara : *Urge que attendamos a todas as leis psycologicas, as quaes defendem que um homem sentisse, pensasse, e praticasse de theor diverso dos outros homens...*

Ha, por tanto, um padrão no qual o creador demarcou a intelligencia do homem, vedando á posteridade do primeiro homem excedêl-o nas faculdades intellectuaes. Como ha de conciliar-se este caso com a cultura do espirito humano? Que injustiça as nações, chamadas cultas, tem feito aos selvagens !

Em resumo, a idêa do author *da Vida de Jesus*, publicada em 1835, é que Deus não póde fazer milagres, por que Deus não póde desfazer o que fez.

Em quanto á egualdade moral dos homens,—indistinc-

ção de attributos psycologicos—Strauss é nevoento, e paradoxal. Como explicará este nivelador os raptos do auditorio, na presença d'um orador? A influencia de Pedro, o eremita, na Europa christã? e S. Francisco Xavier nos povoados idolatras? Será mytho a profunda dominação moral, o arrojado heroismo, os impetos vehementes d'uma aspiração gloriosa?

Annula-se a historia para se annular o sobrenatural, o intangivel ao escalpelo da razão humana. O Christo, Filho do Eterno, era a luz da historia de dezoito seculos.

Apague-se a historia, para reduzir-se o Redemptor a proporções humanas.

Que fica? Ficam as sciencias naturaes: os devaneios psycologicos da seita Strauss e Littré ficam sendo tambem sciencias naturaes. A philosophia faz o milagre de amalgamar o scismar alemão com o positivismo, carne e osso, das suas theses.

Strauss é espada de Alexandre em todos os nós.

Por exemplo: Jesus Christo resuscitou ao terceiro dia.

O professor vibra o golpe: «Jesus não resuscitou por que não morreu; e não morreu por que ninguem morre em tres horas de cruz, especialmente no vigor dos annos.»

Strauss, para não cuidarmos que zomba comnosco, leva-nos á escóla de anatomia, d'ahi lecciona-nos em physiologia, depois entrega-nos a um chymico, que faz favor de nos explicar como é que se não póde morrer cortado de chagas, pregado de mãos e pés, rasgado o lado a ferro de lança, e extenuado de transes d'um longo martyrio.

Um theologo francez reflecte assim, como respondendo ao philosopho:

«Que se faça Strauss crucificar, depois de uma cruel e prolongada agonia como a do jardim das Oliveiras, depois de uma série de supplicios eguaes aos que precederam a paixão do Salvador, e venha depois de tres horas fallar comnosco, que havemos de ouvil-o com muita curiosidade.» (1)

---

(1) Barthelemy — «Encyclop. Cath.»

CAPITULO IV

Discipulos, apostolos e martyres

São os discipulos as primeiras testemunhas, que depõem sobre a divindade de Jesus Christo.

Não é ousadia apresentarem-se no tribunal da razão philosophica do seculo XIX uns desvalidos corajosos que se affrontaram no seculo apostolico com os doutores da lei; com os cezares em Roma; com os philosophos do espiritualismo na Grecia. Nem os racionalistas d'este seculo são mais temerosos que os conselheiros de Diocleciano, nem as suas armas cortam mais que os dentes dos leões do circo. Fallemos ao orgulho com respeito, em nome dos homens de Deus, que fallaram aos tyrannos com a coragem da santificação.

O testimunho dos discipulos de Jesus, pregoado na Judea, na Samaria, em Roma, e Grecia, revela ousadia sobre humana, impulsada por força divina. As debeis forças do racionalismo de então respondiam ao atrevimento santo com as masmorras, com a cruz, com a decapitação, com a fogueira. O racionalismo actual responde com a negação formal, e com a tortura da zombaria,

verdadeira tortura para as almas que em si recebem os ultrages feitos ao Filho de Deus, immolado no calvario.

E' a mesma, porém, em todas as épocas a razão philosophica: está a differença em que, ha dezenove seculos, o apostolo da divindade de Jesus, morria proclamando-a, e vencendo. Com taes condições, a victoria induz-nos a crêr quanto valia o testimunho dos discipulos então, e qual dêva ser o seu quilate no apostolado de hoje em dia.

Os discipulos prégaram aos judeus que o crucificado no calvario resuscitára.

Em que conceito e veneração tinham os de Israel o homem que os discipulos conclamam Deus?

Um innovador blasphemo, condemnado a requerimento da synagoga e da plebe amotinadas, companheiro de morte ignominiosa entre dois malfeitores.

Que estranha ousadia, senão loucura é esta dos discipulos que entram em Jerusalem annunciando a resurreição do galileu, que elles adoram e ensinam a adorar como Deus, como o Messias dos prophetas, como Verbo humanado, e redemptor da culpa original?

Que provas da divindade de Jesus apresentam elles ás multidões suspensas?

Referem os milagres de Christo; mas o povo ouviu dizer aos seus sacerdotes que os milagres de Jesus eram influencia diabolica. Além de que, os milagres eram já testimunhados e notorios quando o Nazareno foi condemnado. As turbas que pediram o supplicio d'elle á porta de Poncio foram as mesmas que lhe bradaram «hosanna!» nas ruas de Jerusalem.

Que lucravam, pois, os discipulos reproduzindo as mesmas provas aos mesmos que as haviam testimu-

nhado, e as negavam ao Filho de Deus, para as attribuirem ás virtudes magicas de potencias infernaes?

Pelo que, o testimunho dos apostolos, na Judea, racionalmente, devia não converter, mas sim irritar os animos; devia recrudescer, e não quebrantar, o orgulho dos sabios, a rebeldia do povo. Semelhante apostolado repugnava ao sentir d'uma nação inteira, sobre o que vinham contar-lhe do Filho do Eterno, que ella crucificara como blasphemo, e homem de nenhuma conta.

Como quer que seja, o brado apostolico havia de repercutir nas extremas da terra. Para além dos horisontes da Judea, demoravam as nações gentilicas, onde a noticia dos milagres de Jesus não havia chegado. Ahi não se conheciam as tradições hebraicas nem a palavra Messias. A idêa da redempção vagamente lhes alvorotara os espiritos, como prophecia balbuciada pela consciencia universal.

Aqui entrarão pobres e desprotegidos os apostolos. Em Athenas dirão que a sua patria é a Judea; e os athenienses hão de escarnecel-os, por que a Judea, no juizo das nações cultas, é um seminario de loucuras e desvarios.

E, como para confirmarem a opinião que os escarnece, dirão: que um judeu da Galilea, filho de um operario de Nazareth, era divino.

Os philosophos areopagitas perguntarão com que desatinos se fez divinisar tal homem. Responderão os apostolos: — que, depois de vida obscura de trinta annos, Jesus Nazareno fizera prodigios, e morrêra na cruz, arvorada pelo povo para quem e entre o qual esses prodigios foram operados.

E os athenienses continuarão a rir, por não intende-

rem um Deus, que consente em ser suppliciado pelos homens, embora o seu divino Platão haja escripto que «assim como o mais odioso dos mortaes seria o scelerado que, hypocritamente, conquistasse a estima devida ao homem de bem, assim o mais veneravel deveria ser o justo infeliz, que, benemerito de todas as recompensas da virtude, fosse coberto de todos os opprobrios do crime; de maneira que, tendo por si apenas a consciencia propria, se visse condemnar por toda a sua nação á pena ultima.» (1)

Se os apostolos impetrassem para o seu Deus um logar entre as trinta mil divindades do Pantheon, talvez o conseguissem, que em Grecia e Roma não havia um crime sem sua apotheose, desde Saturno, que devora os filhos, até Venus que se faz celebrar com a devassidão das virgens. Mas a missão dos discipulos de Jesus é destruir as crenças das nações, é arrazar o Pantheon, affrontar os sacrificadores e as aras, confundir a soberba dos sabios, e desprezar a idolatria intranhada na religião do povo.

Na Athenas dizem: «Nações da Grecia, esses deuses todos, reconhecidos por vossos sabios, tão brilhantemente celebrados por vossos poetas, e adorados por vossos avós, esses deuses todos são vãos phantasmas. Aqui vi-

---

(1) De Repub. 1. 2. Henrion (Hist. Eccl. pag. 12. tom. 1.º) depois que cita as palavras de Platão, prosegue: «Idêa justa e admiravel que Deus inspirou no animo de um sabio pagão, como ponderam muitos padres, para de tal imagem mostrar a realidade do Salvador do mundo, com a circumstancia mais valiosa de que elle soube soffrer e morrer, sem ostentação e sem pusillanimidade.»

mos testimunhar, e annunciar-vos o unico Deus que merece vossos cultos; é Jesus de Nazareth, o crucificado. *Nos autem predicamus Christum cruxifixum.*» (1)

Esta linguagem, núa de toda arte, devia offender o orgulho da philosophia, sem conciliar a bem-querença do povo, com desembaraçal-o das pêas religiosas, e convidal-o ao completo gôso das paixões. Não curavam estes revolucionarios indiscretos, humanamente fallando, de apear uns idolos e levantar o pedestal de outros. A lingua dos enviados pelo crucificado era ferro de dous gumes que a um tempo golpeavá o pundonor dos sabios e as crenças enraisadas dos indoutos. Religião, culto, leis, maximas, sentimentos, costumes, interesses, affectos, tradições, tudo isto devia ser substituido por outra religião sem pompas, por outros costumes sem prazeres d'este mundo, por outras leis contrarias á natureza indocil do homem, e pela morte radical das paixões livres, que então eram o viver das nações policiadas.

E' coisa sabida que immensas difficuldades ha de vencer um legislador politico se quizer expurgar preconceitos. A soberania de Luiz XIV não pôde extirpar o duelo d'entre os francezes, nem invocando os sentimentos da dignidade humana, nem prescrevendo as rigorosas penas do codigo. Um imperador chinez, decretando o córte dos cabellos dos seus vassallos, o mais que conseguiu foi que elles lhe cedessem a cabeça; mas não cortaram os cabellos. Succedeu o mesmo a Pedro o grande, quando decretou que os seus vassalos cerceassem os bigodes.

---

(1) S. Paulo Corinth. 1. 23.

E, com tudo, doze homens humildes, sahidos d'uma nação desprezada, apostolando a lei do Filho de Deus, que padecêra e morrêra como homem, intentam revirar a face moral do mundo, revolucional-o profundamente, e refundil-o em moldes inteiramente novos!

Esta empreza, tentada seculos antes, nas épocas heroicas de Grecia e Roma, por ventura seria facil a homens de talento e força. As nações, apenas acordadas do torpor moral em que as enervára a mythologia, ouviriam a linguagem nova dos espiritos superiores, e adorariam homens estranhos em vida e palavras, bem como o indiano adorou aquelle que primeiro fez ouvir o estampido da espingarda.

Porém, o seculo apostolico é o mais lustroso da antiguidade: explendem as sciencias, bem que ainda nas suas faixas infantis; reluz a eloquencia já adulta; e a poesia com primores que ainda agora se dão como exemplo. Os philosophos declamam nas escólas e nas praças: senado e povo discute a sabedoria como se todos a professassem. As pompas da civilisação douram a mais corrompida licença, incomparavel ao que a desvergonha offerece mais esqualido nas metropoles da moderna civilisação material.

Que vão, pois, fazer á Grecia e Roma os apostolos do sacrificio, das paixões e da adoração em espirito?

Vão ser precizamente a zombaria e as victimas de gente que refrigera com sangue as sequidões da alma. Hão de apellidal-os barbaros, esses homens que tem a sciencia das suas escólas, os seus deuses tolerantes, as suas flôres para se toucarem nas folias nocturnas, os seus banquetes, em paga de cada cabeça de imperador, que rola aos pés do novo amphitrião. Os anjos de Deus que

vem fazer a estas Gomorrhas em ebulição de lama e sangue?!

Os epicuristas, erguendo a cabeça dos triclinios flaccidos, dirão, ao perpassarem os apostolos da temperança, da abnegação, e da pobreza: «Que querem esses falladores?» (1)

Esta era a sociedade em que os discipulos iam proclamar a divindade do Mestre.

Acompanhemos a maravilhosa revolução operada no espirito da sociedade, em que se apresentam os pobres homens da Judea, e ponderemos na efficacia do seu testimunho.

---

(1) Act. dos Apost. XVII, 18.

§ 1

Que recursos tinham os apostolos para se fazerem accreditar? O ouro? a eloquencia subtil? o patrocinio dos poderosos? a força?

A eloquencia não, que as subtilezas dialecticas, e as argucias da argumentação eram, como hoje, prerogativa das philosophias escolares, e não podiam ser dom de pescadores, que apenas sabiam de seu mister, quando Jesus Christo os chamou a divulgarem os preceitos do Senhor.

O ouro não, que os haveres d'elles eram os utensilios de suas artes, e essas mesmas renunciaram, e, d'ahi até á morte, nunca mais tiveram de seu pedra em que reclinassem a cabeça.

Protecção de poderosos não, que os ricos escassamente sabiam da existencia d'elles; e, quando os viram, ou tudo deram para se fazerem como elles humildes, pobres e perseguidos, ou se bandearam com os perseguidores.

A força não, que a espada dos conquistadores do mundo é uma palavra do coração, o seu exercito os pobresinhos, o seu estandarte a cruz, emblema execravel na Siria, em Roma, na Grecia, em toda a parte onde

ella se destina ao supplicio dos mal-feitores da plebe infima.

E os apostolos foram seu caminho, seu destino, sem sciencia, sem ouro, sem força, sem protecção: uns poseram olhos no levante; outros no meio-dia; outros no septentrião; outros no occidente. E assim separados, bem que unidos em doutrina e alma, nem ao menos podiam atter-se á força moral, á coadjuvação mutua do conselho e alento, que dá a unidade entre os correligionarios semeadores de doutrinação nova.

Supponhamos que estes homens inventaram Jesus Christo e os Evangelhos.

E' crivel que planeassem tão nesciamente a conquista espiritual das nações cultas, onde se annunciaram enviados do Filho de Deus crucificado?

Ahi vão de sobresalto sobre o velho mundo; chegam; acercam-se das multidões; dizem quem são, d'onde vão, como a perseguição os dispersou; e o desvalimento e pobreza em que vivem. Que seita de doutrinarios tão pouco de convidarem turbas avassaladas aos patricios, aos ephoros, aos sátrapas, aos poderosos de todo o stadio da terra, em que a consciencia estava captiva ou sopeada da ignorancia!

Prégam dogmas incomprehensiveis, e, peor ainda, repugnantes severidades em moral. Levanta-se contra elles a humanidade. Soffrem, e insistem. Affrontam os idolos, e os sacerdotes. Que desatino, que furia de morrer, que suicidio sem exemplo nem interpretação que o salvê do sorriso piedoso da posteridade!

E, dizendo-se enviados de Deus, blasphemavam: ás amarguras da vida transitoria ajuntavam merecimentos para a condemnação eterna. Pobres impostores! se o

mundo os tivesse n'este infimo conceito, não os mataria: deixal-os-ia passar escarnecidos como doidos.

Os impostores, ou, mais nobremente qualificados, os inventores de religiões, sacrificam-se á esperança de as radicarem, e ante-gostam a gloria de fundal-as, emquanto luctam com as adversidades. Não assim os inventores da divindade de Jesus Christo: eil-os que pregoam a mentira, ganham tribulações sem conto, morrem da morte de mil dôres por fim, e legam á posteridade memoria escarnecida.

E de tantos que radiaram d'um ponto para a circumferencia da terra conhecida, um só não foi que fallasse linguagem diversa d'aquella que, a centenares de leguas, fallaram seus companheiros. Como poderam os apostolos fundar christandades e ensinar doutrinas, as quaes, cotejadas no primeiro concilio, não destoam na minima regra?

Não se inventavam assim os codigos religiosos, nem os apostolos da vida nova annunciavam que os merecimentos d'ella eram penas.

Inventou-se Mahomet enviado de Deus. Acreditou-se entre milhões de homens.

Dava largas ás paixões, pabulo infinito ás organisações ardentes do seu clima: muitas mulheres na terra, muitas houris no céo. E, se ainda assim, algum descrente se dispensava d'uma bemaventurança abonada pelo goso infinito da infinita contemplação das mulheres formosas, o alphange tirava-lhe a alma pelo pescoço, e á força lh'a remettia ao paraiso.

Ora os discipulos de Jesus morriam.

«Pedro, e Paulo, e vós gloriosos apostolos, generosos santos, e illustres martyres! por ventura soffrestes ta-

manhos trabalhos para enganar os homens? A resurreição de Christo, que invocaes incessantemente, chamando terra e céo por testimunhas, seria em vossa bocca uma mentira odiosa, uma ignobil perfidia? Quando morrieis por Christo resuscitado, sabieis que morrieis por um impostor?»

---

§ II

A fé sublime dos martyres, a humilde entrega da vida em abono da divindade de Jesus, não convence menos que a do apostolado. O sangue escrevia na lamina do cutello a ultima prova da doutrina.

Je crois volontiers les histoires dont les témoins se font égorger, diz Pascal.

A christandade, no berço ainda, inerme e desamparada do auxilio dos poderosos, luctou contra o ferro e fogo de dez perseguições.

Os editos imperiaes eram peremptorios: «Que os christãos, seja qual fôr sua condição, sejam despojados de seus teres e dignidades, e postos á flagellação. Todos os litigios contra elles instaurados sejam legitimados pelos juizes. Não possam reclamar justiça, se os ultrajarem, quando ainda lhes tirem os bens, e lhes corrompam as mulheres.»

Nas grandes cidades do imperio romano, as turbas, açuladas pelas dignidades do estado e do sacerdocio, conclamavam, agitadas nos circos: «os christãos ás feras!»

A este grito de milhares de gritos, irrompiam das jaulas os leões enfuriados pelos jejuns d'algumas horas, e preavam centenares de victimas espadanando o sangue das entranhas d'uns homens que haviam dito: JESUS CHRISTO ERA DEUS.

Todavia, o paganismo, antes de entregar os christãos á ferocidade das feras, submettia-os aos cathequistas do polytheismo, que brandamente lhes insinuavam a adoração dos deuses, e a apostasia do galileu. Aos que as doutrinas não amolgavam, offereciam a restituição das dignidades, e honras novas, se estes por sua posição, como Sergio Paulo e Diniz, davam nos olhos das multidões. Respondiam ás catequeses cariciosas com humilde desapêgo dos bens da vida; iam á morte, e recebiam-na com a mesma compostura e serenidade de semblante.

Negam alguns historiadores do nosso tempo a veracidade dos supplicios, referidos nas actas authenticas dos primeiros seculos do christianismo. Ponderam que o mundo romano era então policiado de mais para comportar barbaridade tamanha.

Esta maneira de inventar historia, ou inferil-a de inducções pueris—contrapostas ao que se lê em Juvenal, Tacito e Petronio, e em centenares, respeito aos costumes da Roma cezarea—dá-nos a pensar que a civilisação arripiou carreira assombrosamente! Pois que! Se ha dezenove seculos as regras da moral romana não se compadeciam com os atrozes supplicios infligidos aos sectarios de Jesus Nazareno, que havemos de pensar das regras de moral de épocas muito posteriores, e nomeadamente dos costumes do seculo XVIII? O que foi então a revolução franceza? Aquella carnagem como se fez mil e oitocentos annos depois da civilisação de Roma? Pois o que estes historiadores chamam civilisação não é o facto equipolente ao que se denomina «progresso»—aperfeiçoamento moral do homem?!

Se havemos de discutir a verdade dos amphitheatros

dos christãos primitivos, como acceitaremos as guilhotinas da carnificina de hontem? As sentenças de Marat, e Danton, e Robspierre serão menos authenticas que os rescriptos de Sejano, de Decio, e Galerio?

Em todos os tempos revoluteados pela guerra do homem ao homem, é a politica, sob capa de razão de estado, quem vibra as serpes da discordia. Não ha ahi laços d'alma e sangue que ella não desate. Entre irmão e irmão, seis palmos de terra conquistaveis podem abrir-se em sepultura d'ambos. Os politicos innovadores são adversarios que maior aluvião de inimigos provocam, se atiram o camartelo aos alicerces do edificio antigo, e attentam contra os costumes.

Os pregoadores da divindade de Jesus inflammaram contra si a politica e as paixões, a tranquillidade do imperio, e a licença de cada homem. O christianismo era uma violencia, um freio intoleravel. Sahiram os politicos, reclamando em honra dos deuses, e em prol das nações consubstanciadas em Roma, um codigo severo contra os perturbadores que minavam a religião de seculos para cimentarem a sua. Assopravam a furia popular, a furia d'um povo menos policiado que o de 1793, e o de 1848. O povo romano foi povo. Os historiadores, infieis á historia e á razão, reformaram a natureza, inventaram a doçura dos costumes romanos, desmentiram os escriptores coevos do martyrio para nos darem como imaginaria a ferocidade da perseguição aos sectarios de Jesus. Voltaire e Gibbon haviam sido os alvitreiros d'este expediente.

Podemos, sem sahir da historia contemporanea, dar como explicada e natural a barbaria dos comtemporaneos de Nero e Sejano.

Era crença dos romanos que deviam aos deuses a explendida fortuna do imperio. Juliano, o apostata, quando a sorte da guerra se lhe atravessou funestamente, bradou contra os christãos, que provocavam a cólera divina, adorando, como a deus o crucificado da Galilêa. Se no seio da terra se escondia algum monstro chamado Nero, e as bençãos publicas acclamavam algum varão de bôas entranhas como Antonino, gritavam os politicos contra a perigosa compaixão dos governadores das provincias, por que elles deixavam esmorerecer a guerra aos christãos. E assim mesmo, os piedosos Antoninos, que ficaram em proverbio de bondade, piedosos para todos os homens, não poderam sêl-o com os discipulos de Jesus.

Adriano quer deíficar Jesus, dá-lhe altares em sua casa e nos templos, e simultaneamente manda perseguir os christãos no Egypto. Alexandre Severo, honrador de Jesus como de todos os deuses, prohibia que os subditos abraçassem o christianismo. A politica impunha-lhes esta doblez de caracter, pela boca das guardas pretorianas.

E, quando a maior parte do imperio romano transigia com a opinião, que podiam esperar os sectarios da religião, que admoestavam destemorosamente nas praças os motins com argumentos injuriosos ao paganismo? O povo clamava: *Tolle impios*! Impios, por que, nos seus conciliabulos nocturnos, matavâm crianças e as devoravam. Estes infanticidas eram os discipulos de Jesus, que dissera:

«Deixai vir a mim as criancinhas, por que o reino do céo é d'aquelles que se lhes assemelham». Impios os christãos, por que, pactuados com os demonios, inimi-

gos figadaes dos deuses, faziam milagres para desviarem o espirito do polytheismo. O povo pensava assim, e os sabios tambem. Tacito, o grave historiador, diz que os christãos são homens odiosos, dignos dos extremos tormentos. «A morte dos christãos foi uma brincadeira, diz elle referindo-se ao supplicio dos desgraçados, que Nero arguiu de incendearem Roma. Uns, envoltos em pelles de feras, atiravam-os á voracidade dos cães; outros, amarrados a postes, accenderam-os para servirem de archotes de noute. Nero emprestou os seus jardins para tal espectaculo, e compareceu em pessoa entrajado de auriga, e posto sobre uma carroça como nos jogos do circo.»

Celso espanta-se da demencia dos christãos, que se deixam torturar até morrer.

Libanio, commemorando a elevação de Juliano ao imperio, escreve: «Esperavam os christãos que lhes arrancassem olhos, e os degollassem, e corressem ondas de sangue; cuidavam que o novo senhor inventaria novos tormentos, mais crueis que a mutilação, e o triturar das mós, o enterramento em vida, e a asfixia, supplicios empregados contra elles pelos imperadores precedentes... Vendo, porém, Juliano que o christianismo augmentava com a carnificina de seus sectarios, não quiz exercitar contra elles os flagicios que reprovára.

Plinio, governador d'uma provincia, escreve a Trajano, dando conta das torturas a que submettera sem proveito alguns christãos.

Estas noticias não as deram os padres historiadores do Christianismo: foram os luminares da gentilidade; os philosophos coevos das perseguições. Os panegyristas da civilisação pagan desmentem os padres, e muito

de astucia occultam as passagens dos philosophos. Sempre a má fé!

O *Nomine christianorum deleto* das medalhas de Diocleciano, essa divisa de exterminio, gravada em cobre, e sculpida nas duas columnas encontradas em Hespanha, contradiz a historia dos falsificadores, os quaes, testimunhas das attrocidades commettidas á luz plena do seu seculo, não podem racionalmente acceitar a veracidade do martyrio nos tres primeiros seculos, desde Tiberio até Constantino.

Depois que Bayle, Gibbon, e Voltaire, e os da sua raça pensadora acoimaram de calumniosa a historia antiga, os racionalistas assentaram que o martyrio dos adoradores de Jesus era incongruente com as candidas almas de Galerio e Diocleciano.

CONCLUSÃO

Ha mil e oitocentos annos que o dogma catholico se occultava, como hoje, á concepção dos mais alumiados espiritos. Era nos tempos em que as tribus christãs morriam pela fé, pelo dogma, pelo mysterio. Esta coragem d'onde lhes vinha? Quem lhes abriu na alma enchentes de luz que deslumbraram a da razão natural?

E' que o dogma fôra esclarecido pelo milagre, e o milagre dera a prova do mysterio.

Os martyres viram o milagre, ou o creram das testimunhas presenciaes; morreram pelo dogma, e não pediram a explicação do mysterio.

Na esphera da razão está circumscripto o que é da razão. Se impugnamos os deveres que nos ella impõe, mais prestes refutariamos o que dogmaticamente nos cohibe, se o dogma tivesse caracter de formação humana. Nas mais claras cousas, a essencia, o ámago é incomprehensivel.

O que é a materia?

O que é a vida?

O que é a alma?
O que é o movimento?
O que é a luz?
O que é a electricidade?
O que é o pensamento?
O que é o espirito vital dos phisiologistas?
O que é attracção e affinidade?
Como se fazem os actos da intelligencia?

Estes factos irrespondiveis correm sem negativa nem assombro. Dão-se: recebem-se. Os dogmas da mathematica acceitam-se. Todas as abstracções, todas as chimeras valem em materia de sciencia; porém o que transcende o raciocinio e entra nas demarcações do incomprehensivel é absurdo. Não se comprehendem as obras de Deus, mais visinhas do alcance dos olhos, e dispensa-se a religião que envolve mysteriosamente os actos do creador.

Imaginai um astronomo a contemplar as profundezas do céo com o seu telescopio. Assombrado pelos orbes luminozos, que giram no espaço, narra enlevado as maravilhas de suas visões. Um ignorante, porém, olhando ao céo, e não vendo maravilhas novas, ri do enthusiasmo do astrologo. Ora, o philosopho que perscruta os segredos de Deus com os olhos da sua desluzida razão é como o ignorante que desdenha do telescopio do astronomo.

O respeitador do dogma descortina uma face dos mysterios de Deus por que a sua optica é a revelação. Barthélemy pondera que o observador, dotado de penetrantissima vista, vê apenas alguns milhares de estrellas no firmamento: mais nada vê, por que o restante são manchas mais ou menos confuzas, cujo esmaiado

alvor se desenha na profundidade da abobada azul; mas, se, do miradouro d'um observatorio, contempla o céo com os maravilhosos instrumentos que abrangem tão prodigiosamente as distancias, o cáhos dilucida-se, céos novos se aclaram, refulgem as constellações, e os astros, chamados fixos em virtude da sua aparente quietação, entrecruzam-se como planetas em volta de seus sóes. Via-os, ha pouco coruscar faulas de luz pallida, contempla-os agora flammejantes de formosissimas côres. Ora, se alguns vidros, collocados entre o céo e os olhos, podem assim transformar-lhe a decoração, devassando-lhe tão ingentes objectos, havemos de espantar-nos se a razão, cujo raio visual é tão curto, não vê em Deus o que a fé, allumiada pela revelação, descobre? Imitaes uns logicos attrevidos, obstinados em sustentar que o sol gira por que o vêem girar, e que a terra é fixa por que a não vêem mover-se. Querer estudar a religião, e conhecer o que é de Deus, sem o auxilio da revelação, é querer estudar o céo material sem o auxilio do telescopio. O cumulo da irrisão é um philosopho com taes desvanecimentos! E' a fé o telescopio divino, com cujo auxilio attingimos o sobre-natural; e a conformidade de razão e fé actua como a do olho do astronomo, com o tescopio, que lhe desvela as profundezas do céo.

§ I

O Deus do Christianismo é o Deus das sciencias. *Deus scientiarum Dominus est.* (1)

A philosophia moral, a sciencia das almas, a luz que nos aproxima do foco luminoso, que a vista da razão evita como insupportavel á sua fraqueza, deu-nol-a Jesus Christo.

Deus, e o universo e o homem foram assumptos para as divagações absurdissimas dos sabios do paganismo, desde Aristoteles até Cicero, desde o infimo pária até aos principes da intelligencia.

A obra divina de Jesus resgatou as sciencias, anniquilando a divinisação da materia, e devastando as legiões de genios e deuses, pela acção dos quaes tudo se explicava.

Allega-se que não é mister soccorrermo-nos da divindade de Jesus para explicar o que é do fôro, do progresso, e do lavôr da razão do homem.

«Se a luz que espancou as trevas da gentilidade não fosse o raio divino da religião de Jesus — pondera um sabio — uma de duas coisas succederia: ou a razão ficaria sempre accorrentada ao carro das velhas superstições, como na India, e então seria impossivel o progresso; ou, desprendida das superstições, cahiria no atheis-

(1) Reg. II. 3.

mo, como na China, e então seguiria o caminho opposto ao progresso.»

Se nos dizem que a philosophia sem professar o atheismo, tudo esclarece, responderemos que Victor Cousin, e Edgard Quinet, e Jouffroy, professores de philosophia, fóra dos vestigios dos apologistas do christianismo, não firmam passo seguro: por cada impeço que evitam estabelecem um paradoxo, ou involvem nas nuvens a doutrina. A sós com a sua razão e criticismo, fechando olhos aos marcos miliarios da fé, aquelles, como Lacordaire lhes chama, «illuminados da razão obscura» oscillam entre o deismo pantheista, e o scepticismo atheu. Não se sabe o que são, nem o que ensinam. Occupam cadeiras docentes, e entretem o seu tempo.

Tem de si a moderna philosophia o quer que seja de analogia com a filha motejadora das cans de seu pae, e presumida de excellencias originaes d'ella. A França trasladou as suas sciencias philosophicas da Alemanha; a Alemanha inspirou-se de Roma catholica na parte em que a razão philosophica procede da razão do catholicismo.

A final, deram vaias á sciencia-mãe, desnaturaram-se de filhos d'ella. *Verdadeira luz do mundo*, como Jesus de si dissera, a obra do Filho de Deus, a religião augustissima dos martyres, dos doutos, dos incultos, dos bemfeitores da humanidade, dos justos, e dos desgraçados, a divina religião de Jesus deu ás sciencias a sua virilidade, levou-as por mão por entre precipicios, sublimou-as ao ponto de serem um dos supremos dons do homem.

E' arvore abençoada de fructos de vida. O orgulho do homem esforça-se em filtrar-lhe peçonha ás raízes: esperem-lhe os effeitos, se os não experimentaram ainda.

O christianismo recebeu o mundo qual Deus o creára, e entregára á disputação das sciencias. (1)

Abre o universo seus vastos horisontes á sciencia, descerra-lhe os arcanos reconditos á penetração dos luminares da Grecia e Roma, e deixa-se estudar no mysterio da creação.

O christianismo quer a sciencia, deleita-se estudando as maravilhas de seu auctor; e, se não póde comprehendêl-as, ajoelha á porta do tabernaculo, e adora o mysterio. Os astros do céo, e as coisas humillimas da terra referem a gloria do Altissimo. A consciencia intendeo os silencios da creação.

Que quereis mais ouvir? que pedis aos sabedores de grandes e estrondosas philosophias?

Que vos desmintam as revelações de Jesus?

Quereis que Deus vos seja entregue com a sua egreja?

E que nos dais em troca? «Palavras, palavras» como dizia o poeta inglez por boca de um dos seus tristes personagens.

O seculo requer reformas — bradam os destruidores.

— A immobilidade da fé empece o movimento da razão. Cada época tem sua face.

Uma face inalteravel tem as épocas todas.

E' a das miserias do homem, a das desillusões, das injustiças, da esterilidade dos affectos, da desgraça que envolve a alma em negros nevoeiros, e do desconforto que faz o tedio da vida, e o escarneo da piedade.

E o mais inamovivel e pungente caracteristico de to-

---

(1) Eccles. III, II.

das as épocas é o acabarem-se, o irem-se com ellas abysmo dentro, as gerações pervertidas pelos seus inimigos figadaes—os sabios que immolaram á soberba do intendimento a bondade do coração.

Pobre razão humana!

TRADIÇÃO APOSTOLICA

Ide, pois, e ensinai todas as gentes.
JESUS CHRISTO, em S. Mat. XXVIII, 19.

TRADIÇÃO APOSTOLICA

A doutrina ecclesiastica não se esquiva á alçada dos raciocinadores. Acceita-os, offerece-se, expõe-se ainda aos paralogismos da má fé.

E' certo que a razão natural, ou, mais claramente ennunciada, a razão indocil aos dictames da fé não alcança a forma real como o testimunho divino se opéra: são inefficazes as forças do intendimento no afan de conhecerem as causas efficientes de numerosos phenomenos da sciencia humana. Pois se a razão é limitada no entendimento dos factos de observação, que muito se no entendimento das causas divinas submettemos a razão á fé?

A tradição nos refere os actos da origem divina. Theologicamente definimol-a: «um testimunho que nos assegura a verdade d'um facto, dogma, ou uso.» Examinada em seus primordios, procede de Deus ou dos homens. Pelo que, distinguimos entre tradição divina, tradição apostolica, e tradição ecclesiastica. A tradição apos-

tolica, ao parecer de todos os theologos, e a beneplacito da mesma razão, considera-se divina. Os apostolos ensinaram o que immediatamente apprenderam de Jesus, ou do espirito do Senhor no discurso do apostolado. A porção humana de Christo vive no doutrinamento dos discipulos: «Ide, e ensinai.» O Filho do homem vai com elles. A luz radiosa do cenaculo fez-se columna perfulgente que lhes esclarece as veredas escuras do mundo.

A tradição apostolica é a fonte das aguas incorruptiveis. Ahi está em eterno bronze a pagina incontroversa da christandade catholica. Lacordaire, como visse que a razão era o guia da philosophia, pediu tambem á razão que o encaminhasse á fonte da tradição. Achou-se em plena luz, lá onde a incredulidade se teme da escuridão refractaria ás luzes do raciocinio.

---

§ I

Deus, cuja existencia é eterno acto, não tem passado nem futuro; a tradição, pelo conseguinte, não é elemento necessario á existencia de Deus. O homem, porém, que vive no tempo, e vai do ventre á sepultura atravez de successiva cadêa de instantes, não poderia, sem a tradição, estabelecer a unidade dos instantes, nem certificar-se da identidade de sua vida.

A tradição, elo que ata e harmonisa o passado com o presente, é o vinculo que liga o passado ao futuro.

O fim está em proporção com a origem: esta lei é universal de tudo. O conhecimento da origem revela precizamente o segredo do fim.

Diz Lacordaire:

«Se a vontade creadora fecundou o nada, se divino sôpro bafejou a face do homem, não é á terra que o homem pertence: mais altos destinos o impulsam: o sôpro de Deus, que elle encerra, mostrar-se-ha em sua final immortalidade.»

Somos effeitos d'uma causa: esta causa é a vontade omnipotente que nos produziu; e, pela razão de não poderem os effeitos exceder as causas, nós, emanações da vontade omnipotente, não podemos conhecer nossa origem, nem ainda o fim, por que é mister conhecer o primeiro para conhecer o segundo. O passado de cada individuo que inducções lhe dá para descortinar o futuro? Quem de sua experiencia de longos annos colheu a pre-

videncia para a hora que vai começar? Van pergunta! O segredo do que vem está no segredo da origem; e o effeito não póde antepor-se á causa.

O segredo do passado tão sómente póde revelar-no'l-o a tradição. E por isso que o conhecimento da origem é o conhecimento do fim, á tradição incumbe descortinar o mysterio do futuro. A sciencia do que foi, é, e ha de ser, está na tradição. As tradições historicas e religiosas são os repositorios da sciencia universal. «Despresal-as, —diz o novo Bossuet,—é desprezar a vida» pois que a harmonia do passado com o presente, e do presente com o futuro — partes constituintes da vida considerada em seus momentos successivos — é a tradição que no'l-a dá, e é impossivel substituil-a por outra qualquer palavra que não tenha o valor, e não seja o nucleo d'um complexo de factos.

O fundamento do catholicismo está na tradição conservadora da palavra divina.

Diz a tradição oral que existe um Deus, perfeito, e de natureza eterna, o qual creára o homem, por effeito d'amor que o homem não comprehende. Aqui estão dois dogmas da doutrina catholica: a existencia de Deus, e a creação do homem por Deus.

A tradição oral acrescenta que o homem repulsára este amor, preferindo a independencia e a corrupção; pelo que, o creador, segunda vez misericordioso, resolvera, em sua vontade omnipotente, a restauração do homem. São estes os dogmas da queda e rehabilitação.

Diz mais a tradição oral que o homem, submisso á lei da reparação, seria com Deus eternamente; e, renunciando-a, seria privado da presença de Deus. Este é o dogma do juizo final.

Porém, a palavra de Deus, lançada no tempo, e entregue ao homem, desmemoriado pelas paixões quebrantadoras, devia degenerar, e, ao correr dos seculos, extinguir-se necessariamente. Cumpria á Providencia, para assim dizer, fundir a palavra divina em moldes prepetuos e universaes. Foi a palavra por tanto eternisada no symbolo.

Estabeleceu Deus entre os homens a tradição symbolica.

«Resolvera Deus salvar o mundo pelo sacrificio, que na sua essencia encerrava os cinco termos que constituem o mysterio do bem e do mal: a idêa de Deus, a quem se offerece o sacrificio; a idêa de Deus creador, pois que a victima immolada é testimunha do seu supremo dominio; a idêa da quéda do homem, pois que o sacrificio, offerecido por todos é uma expiação universal; a idêa da reparação pois que seria inutil expiar o que não tem expiação; finalmente, a idêa do juizo final, pois que, se o homem nada tivesse que temer e esperar n'outra vida, a quéda e reparação seriam palavras vans.» (1)

(1) «Lacordaire.»—T. 1, pag. 124.

§ II

A tradição oral, em par com a tradição escripta, foi, no antigo mundo, complemento e indispensavel commentario dos symbolos religiosos, das leis e ritos consignados em poucas palavras nos monumentos escriptos.

Investiguemos a verdade d'este asserto na religião judaica.

Um dos artigos fundamentaes da lei é que Moysés, ao recebel-a da mão do Senhor, fôra mysteriosamente instruido na forma de a praticar. O filho de Jethro comprehendeu o sentido espiritual da lei, e o phonomeno da creação em seis dias, a quéda original, e a significação mystica dos sacrificios.

Moysés iniciou no conhecimento das tradições os anciãos do povo, e mandou-os transmitil-as aos mais virtuosos mestres da lei entre as multidões do deserto.

Posto que os phariseus adulterassem a palavra tradicional, e com isso merecessem as admoestações de Christo, a nação judaica sempre a teve em conta de infallivel seminario da verdade religiosa.

No principio, e ao correr de muitos annos, a lei escripta era commum; todavia, interpretar o sentido do texto sagrado não era de todos, por que a tradição oral, sem o quê fôra impossivel comprehender a escripta, era privilegio de poucos. A unidade da doutrina religiosa e moral dependia da tradição, que ensinava o modo de escrever a lei, com a phraze do seu genuino sentido.

As subtrações, argumentos, mudanças, transposições de letras, variedade na fórma dos caracteres, supressão e sobreposição de vogaes quasi imperceptiveis, tal mistura de significados enredava de modo a intelligencia da lei, que, se a tradição os não dilucidasse, eternamente ficariam na escuridade de mysterio. Este mysterio, pois, foi sujeito á intelligencia de regras fixas, as quaes eram prerogativas dos mestres da lei que de viva voz as receberam.

N'esses tempos era tão difficil escrever a lei como comprehendel-a.

A Thorah primitiva (lei gravada) era escripta sem pontos nem vogaes: os versos, e os capitulos eram indistinctos, e apenas d'uma a outra palavra se interpunham espaços confusos e irregulares.

Sem um dedo indicador de mestre, que encaminhasse o discipulo n'este todo inconcebivel de arabescos compactos, a lei seria um cahos, uma pedra runica, que poderia inspirar o mysticismo contemplativo, mas nunca o exercicio da intelligencia. Ora este dedo de mestre era a tradição, que continha em si o thesouro das regras mysteriosas, cujo segredo os doutores exclusivamente possuiam.

Nem de longe podemos já agora avaliar as difficuldades que o judeu encontrava na leitura da sua lei.

O Pentateuco e os profetas continham certos vocabulos que um judeu, sem pena d'anathema, não poderia lêr com as letras todas. Era-lhe forçoso, para ser comprehendido, pronunciar um grande numero de palavras mui diversamente do texto, mudar o som de certas letras, e suprimir-lhes inteiramente a desinencia. Do abatimento ou elevação da voz, da maior ou menor de-

mora nas transições d'uma a outra palavra, resultava sentido diverso, accepção toda contraria, absoluta confusão no texto !

Do ensino oral dependia tudo; e, se estas razões não bastam para ajuizar do predominio da tradição oral, será sobeja prova a que nos dá a lei, escripta bastantes seculos depois de promulgada.

Por espaço de dez seculos, a tradição oral foi o unico recurso para a interpretação do sentido da lei. A tradição oral, entre os judeus, comprehendia o que fô-a transmittido de viva voz, e as explicações escriptas pelo mestre, cuja copia era prohibida; por que só os doutores e os sabios tinham a excellencia de annotar os pontos essenciaes da doutrina.

Estes manuscriptos, intitulados «cathalogo dos mysterios» multiplicaram-se, ao passo que a tradição se desenvolveu com o progresso dos espiritos na intelligencia das verdades reveladas. Os mysterios conteudos n'este «cathalogo» continham as rigorosas explicações sobre a pratica da lei, o codigo de preceitos que levavam o homem á sua possivel perfeição, e a explicação das mais sublimes doutrinas como fosse a essencia divina, a pluralidade das pessoas em Deus, a creação, a incarnação, a redempção, e a vida futura.

Os doutores, os juizes e padres communicavam ao povo estas doutrinas, e o povo, que murmurasse em desconformidade d'elles, ou lhes negasse, na pratica, inteira obediencia, era punido de morte, se á letra devemos verter esta passagem do Deuteronomio :

«Cumprireis á risca o que disseram os escolhidos por Deus para a presidencia : seguireis suas ordens sem desviar para a esquerda ou para a direita : e quem, de

proposito deliberado, não escutar o padre ou o juiz, será punido de morte.» (1)

Tradição foi esta substancialmente transmittida pelos chefes da Synagoga até ao II seculo depois da destruição de Jerusalem. E o complexo d'estes commentarios á lei, o qual seria trabalhoso e inopportuno individuar aqui, chamou-se o Thalmud.

---

(1) Deut. C. XVII, V. 10.

§ III

Jesus Christo, o illuminador das intelligencias, e balsamo dos corações, derramando beneficios sobre os homens, e elevando-os, pela doutrina, á condição sublime de se aproveitarem dos dons regeneradores, quiz que permanecessem eternos os seus beneficios em signaes sensiveis, e que a sua divina palavra fructificasse em uma sociedade universal e imperecedoura. A Egreja e os sacramentos são a graça e a verdade eterna, que significam Jesus Christo entre os homens até á consummação dos seculos.

A Egreja é, pois, uma sociedade religiosa, instituida por Jesus Christo, e depositaria da sua doutrina.

A missão d'esta sociedade é a conservação, defeza, e interpretação da doutrina, cuja identidade de fé está submettida á auctoridade d'um apostolado permanente, que o Espirito Santo dirige, para que até ao fim das gerações sejam continuados os beneficios do Salvador, durante a sua vida mortal.

O dogma da Redempção e da Incarnação, com todas as circumstancias que pertencem a este duplicado mysterio, são prerogativas que a Egreja recebeu de Jesus Christo, seu fundador, por que «a Egreja é Jesus Christo na sua plenitude» como Bossuet a define.

Esta sociedade, constituida corpo moral, vive d'uma vida sua, e exercita-se na elevadissima esfera onde se estabelecem as mais intimas relações do homem com Deus.

Os membros de tal corpo são os fieis ligados por la-

ços visiveis d'uma mesma fé, d'uma identica moral, d'uma semelhante legislação, d'um mesmo culto, e d'uma mesma sugeição ao chefe do apostolado perpetuo, divinamente instituido depositario dos poderes espirituaes, e da auctoridade confiada á Egreja.

O caracter d'este apostolado é essencialmente monarchico. O voto de todos os catholicos colloca a supremacia do poder nas mãos de um só, legitimo representante de Jesus Christo, e chefe unico e visivel de toda a Egreja.

Estas ligações, que, sahidas da mão de Deus, vinculam integralmente os membros do corpo universal, não podem ser quebradas no menor dos seus enlaces, sem que os fieis reneguem o principio fundamental sobre que a Egreja repousa. Tal é a infallivel auctoridade da jerarchia apostolica, prerogativa divina, legitimo exercicio de auctoridade, que ninguem poderá affastar de si, sem que as portas da Egreja lhe sejam fechadas, pela mão d'Aquelle que disse: «Quem vos ouvir, ouvir-me-ha; e quem vos desprezar, desprezar-me-ha: ora, quem me despreza, tambem despreza aquelle que me enviou.»

E ainda:

«Como meu Pae me enviou, eu vos envio... Ide e ensinai todas as nações .. Serei comvosco todos os dias até á consummação dos seculos. O que não escutar a Egreja, seja entre vós estrangeiro como o pagão e o publicano.»

Qual é o principio vital da Egreja?

Esta questão é o ponto capital da controversia que divide os catholicos dos protestantes em materia de tradição.

Daremos em resumo este debate.

§ IV

Reduziremos a proposições a doutrina dos protestantes, nos artigos que nos são indispensaveis para a controversia que deriva do titulo d'este artigo.

I. A doutrina do Salvador e dos Apostolos, no que diz respeito á salvação, acha-se completamente substanciada na palavra escripta. São incriveis os artigos da fé, embora a Tradição nol-os transmitta, logo que a palavra escripta os não justifique manifestamente.

II. Qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de julgar o sentido da Escriptura, e pessoalmente interpretal-a.

III. Em controversias religiosas não ha àhi pastores da Egreja auctorisados pela supremacia a quem devamos submetter os nossos juizos. Cada qual decide como lhe praz.

IV. Os pastores da Egreja são homens; e, como taes, o mesmo importa valerem-se da sua importancia em Concilios geraes, por que a susceptibilidade do erro é a mesma, qualquer que seja a dignidade do homem.

V. A Egreja de Jesus Christo não só póde errar, mas effectivamente errou, quando à idolatria, a superstição, e outros erros condemnaveis lhe mancharam a primitiva toga d'innocencia.

VI. O papa é o Anti-Christo, e os seus successores são a continuação do Anti-Christo.

VII. Jesus Christo não deu a S. Pedro algum privilegio sobre os seus companheiros de apostolado; as Escripturas não nos justificam a supremacia de S. Pedro;

e, pelo conseguinte, os bispos de Roma são iguaes aos bispos de todo o mundo catholico.

Qualquer d'estas sete proposições, assim francas e desembaraçadas, bastaria para significar a barreira interposta á Reforma e ao Catholicismo.

Pareceu-nos, porém, conveniente alinhavar no mesmo apontoado estes pedaços rasgados do mesmo estendal de heresias, que, mais ou menos coloreadas, são aquellas que ha pouco repellimos, embuçadas n'um manto de hypocrisia com visos de moralidade christã. (1)

Pareceu-nos, outrosim, que mais assentariam as nossas provas, quando fossemos ao encontro dos adversarios sem lhes desunir os argumentos e retalhar a doutrina. Sendo certo que em todos os trabalhos systhematicos da intelligencia humana ha um enlace de raciocinios, que lhes dá solidez e tenacidade, é tambem evidentissimo que, n'esta maneira de expôr a controversia, não procuramos fazer pedaços a estatua do protestantismo para mais commodamente lhe pulverisar os fragmentos.

Esta linguagem, que argue nimia affouteza contra um complexo de seitas que se contam a centenares, diz menos ao intento que as conversões frequentes á verdadeira fé. Dizem que da parte de lá avultam elevados espiritos. Assim o crêmos: o erro tem feito illustres victimas. Cumpre respeital-as? Tanto quanto ellas respeitam os depositarios da palavra divina.

A Reforma deu de si, a final, uma philosophia que

---

(1) Referencia a um escripto, sobre o «Poder temporal» que se refutou no semanario em que estes artigos foram publicados.

redunda nas abstracções do pantheismo. O Christo está no fim da sua missão. A aurora de um novo cyclo social vem despontando. O catholicismo é já um retrocesso. Os Arios e Pelagios renascem menos fervorosos; mas esgrimidores de armas mais penetrantes. Assim que as doutrinas lhes disparam no absurdo, acolhem-se ao presidio da razão natural. A meia volta, acham-se racionalistas. Os Origenes e Tertulianos teem de medir-se com elles no campo da rebellião franca.

Não póde o seculo, infelizmente, erguer aquelles vultos venerandos da Egreja Lusitana: todavia, á sombra d'essas arvores magestosas, que bracejaram frondes para todos os seculos, ainda os humildes tentam elevar-se para aquelle alto principio d'onde descem aos pequenos da terra a coragem que os faz grandes entre os maiores do orgulho humano.

Os protestantes absolutamente repellem a tradição. A «palavra escripta» e mais nada. Doutrinas que derivem de consenso universal, ou tradições humanas, embora tidas em conta de divinas pela egreja catholica, abjuram-nas.

Ora, se ventilarmos á cêrea da «palavra escripta» um simplissimo debate, seguramente cremos que as seitas dissidentes, e os seus abalisados chefes, regeitarão a gloria de nos reduzirem á sua fé.

A questão é esta:

Que «palavra escripta» aprenderam os protestantes dos livros sagrados, que constituem o seu codigo ecclesiastico?

Suppondo que um dos livros da Escriptura dá testimunho de todos os outros, qual é a «palavra escripta» que justifica a authenticidade d'esse livro abonatorio?

Não existe essa palavra escripta; e, não obstante, as egrejas reformadas receberam a tradição da Egreja romana ao escolherem os livros do seu codigo ecclesiastico.

Esta é uma repugnante incoherencia que denota os frageis alicerces da Reforma.

E como seria possivel o contrario, se a genuina interpretação da palavra escripta é contra a palavra escripta dos protestantes ! ?

Como consta da 1.ª proposição, a doutrina do Salvador e dos Apostolos, em tudo o que diz respeito á salvação, está consignada na escriptura; mas não será cegueira prestar credito a semelhante maxima contrariada pela propria escriptura ? !

S. Paulo é, quanto podemos desejar que o seja, explicito :

«E por tanto, meus irmãos, permanecei firmes; e conservai as tradições que aprendestes de nossas palavras, ou mediante nossas cartas.» (1)

«Em nome de N. S. Jesus Christo, meus irmãos, ordenamos que fujais aquelles d'entre vós cujo procedimento desregrado não é o que lhes ensina a tradição, que receberam de nós.» (2)

«Eu vos louvo, meus irmãos, por vos ser lembrado em tudo, e guardadas as tradições que vos dei.» (3)

---

(1) Itaque, fratres, state, et tenete traditiones, quas didicistis, sive per sermonem, sive per epistolam nostram. 2. «Thessal». Cap. 2. v. 14.

(2) Denuntiamus autem vobis, fratres, in nomine Domini nostri Jesus Christi, ut subtrahatis vos ab omni fratre ambulante inordinate, et non secundum traditionem, quam acceperunt á nobis. 2. Thessal. C. 3. V. 6.

(3) Corinth. Cap. 2. v. 2.

Não é mister fatigar a intelligencia na versão d'estes textos para comprehender que S. Paulo ensinára verbalmente aos de Corintho e Thessalonia doutrinas, que suas cartas não mencionavam. E, ao mesmo tempo, reconhece-se que o Apostolo recommendava igual observancia tanto para o que fôra dito, como para o que fôra escripto.

S. Paulo, escrevendo a seu discipulo Thimoteo, observa-lhe que transmitta aos homens, capazes de instruirem os outros, o deposito de doutrina que elle discipulo lhe ouvira na presença de muitas testimunhas. (1) Este deposito doutrinal não é a tradição escripta, que essa era de todos, e ninguem, por mais elevado na gerarchia ecclesiastica, se arrogava o thesouro peculiar dos livros sagrados. O deposito era a tradição oral cuja perpetuidade é providenciada pelas admoestações do Apostolo, repetidas vezes, ás Egrejas d'Epheso, de Corintho, e Thessalonia.

O que se collige das razões tiradas da palavra escripta, é que S. Paulo não favorece os hiresiarcas: reprehende-os como fizera aos de Thessalonia, cujo procedimento desregrado dessoava da moral da tradição, que haviam recebido.

O Evangelho de S. João, em suas ultimas palavras, é testimunho insubornavel das cavilosas interpretações dos reformistas.

«Jesus operou outras muitas coisas, as quaes, minu-

---

(1) Et que audisti a me per multos testes, hoc commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt, et alios docere. Ep. 2. C. 2. v. 2.

ciosamente contadas, não bastaria o mundo para conter os livros escriptos.» (1)

E' crivel que a palavra de Jesus, a significação do homem-Deus, a semente lançada no seio do genero humano cahisse na voragem do esquecimento?! E' crivel que as obras de Jesus, tão amplas, tão multiplicadas como o Evangelista as considera, fossem beneficios precisos á primeira geração dos filhos da lei nova, e inuteis para a geração do seculo XVI?!

Sustentam os protestantes—quanto é possivel á má fé sustentar principios absurdos—que qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de interpretar e julgar o sentido da Escriptura. Os anabaptistas, ramificação d'aquelle tronco regado por sangue precioso no coração da Alemanha, affirmavam que aos mais ignorantes concedera o Altissimo mais penetrante espirito de interpretação.. E' por isso que João de Leide, cansado das saturnaes de Munster, em que o *verdadeiro* culto era representado por devassidão liberrima, batia á porta dos jornaleiros a mendigar a versão genuina das palavras de Jesus Christo.

As palavras da Escriptura desmentem rigorosamente estas asserções extravagantes.

«E' de saber, primeiro que tudo, que nenhuma prophecia da Escriptura se explica por interpretação particular... por que os santos homens de Deus fallaram inspirados pelo Espirito Santo.» (2)

---

(1) Sunt antem et alia multa, quæ facit Jesus quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros. C. 21 — v. 25.

(2) Hoc primum intelligentes quod omnis profecia Scriptu_

Confessando os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é impossivel interpretar as escripturas inspiradas por elle, como é que a reforma traduz o sentimento dos seguintes textos de S. Paulo:

«Este recebe do Espirito Santo o dom de fallar com sabedoria: aquelle o dom da sciencia, e aquelle outro o dom da prophecia.. ora é só um o mesmo espirito que opera, distribuindo a cada um os dons que lhe praz.» (1)

Na intelligencia do texto ha esta supposição unicamente rasoavel: o dom da interpretação foi singularmente concedido aos *apostolos*, *pastores*, *e doutores* (2) expressamente designados por Deus columnas da sua Egreja.

Com que recto juizo ousarão os protestantes appellidar dom do Espirito Santo aquelle especialissimo dom de contradição, que elles tem, a ponto de não haver uma d'entre multiplicadas seitas, cuja totalidade de membros esteja d'accordo n'uma só interpretação da Escriptura?!

Confessam os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é inefficaz a intelligencia das Escripturas; mas as suas egrejas contradizem-se, guerream-se, e desacreditam-se ciosas da primasia de entendimento; e, sendo impossivel a cada uma d'ellas, de bôa fé, reputar-se a inspirada pelo Espirito Santo, poderemos nós

---

ræ propria interpretatione non fit. Non enim voluntate humana .. sed Espiritu Sancto inspirati, locuti sunt sancti Dei homines. S. Pedro. 2 Epist. Cap. I. V. 20, 21.

(1) 1.ª Corinth. Cap. IX, II, 20.

(2) Ephes. Cap. IV, V. 11.

concluir que nem o seu clero, nem os seus leigos podem avaliar, e menos dar como julgado o sentido da Escriptura. Acresce ainda sobre estes argumentos de prova moral, aquelle que julgamos irrespondivel—o da propria letra da Escriptura, contheudo nos textos que vamos mencionando.

Se nos dissessem, que, nos primeiros annos do Christianismo, por todo o seculo apostolico, um dos leigos mais curiosos em escutar os juizos d'aquelles em cujas mãos eram frequentes as Escripturas—se nos dissessem que esse leigo comprehendêra habilmente uma passagem de Isaias, acredital-o-iamos com bem pouca repugnancia. E, com tudo, o Novo Testamento viria em contrario da nossa crença com a seguinte passagem:

«Ora um ethiope eunuco, que era dos primeiros officiaes de Candace, rainha da Ethiopia, e superintendente geral do seu erario, viera a Jerusalem por fazer sua adoração.

«E quando já voltava, ia assentado no seu coche, lendo no propheta Isaias.

«Então disse o ethiope a Filippe:—chega aqui á beira d'este coche.

«Correu logo Filippe; e, ouvindo que o eunuco lia no propheta Isaias, disse-lhe: *Tu crês que entendes o que estás lendo?*

«Elle lhe respondeu: *Como poderei eu entendel-o, se não houver alguem que m'o explique?!*

E rogou a Filippe que montasse, e se assentasse com elle.» (1)

---

(1) Act. CVIII — V. 28 e seg.

Notemos que o eunuco era homem que reunia santidade e illustração. Comparemol-o, depois, com os interpretes da Escriptura, consoante o protestantismo os admitte, nas pessoas dos seus sacerdotes e sacerdotisas. Não sei como havemos de estribar a nossa fé na virtude e illustração de taes interpretes. Querem-nos parecer mais idoneos S. Jeronimo, Calmet, e Duhamel.

Quando os proprios discipulos de Jesus Christo precisaram interprete na intelligencia das Escripturas; quando aos proprios Apostolos enviou o Mestre a luz indispensavel no entendimento d'ellas, (1) não será judicioso duvidar d'uns ingenhos que se inculcam subtilisados no espirito de sua razão, e menoscabam o espirito de Deus inspirador e conselheiro dos interpretes antigos?

Dizer que Jesus Christo inspira as interpretações contradictorias, que são a base das egrejas reformadas, é blasphemar.

---

(1) Tunc apernit illis sensum ut intelligerent scripturas. Luc. CXXIV V. 45.

§ V

Sustentam os protestantes a negativa da submissão, nas controversias religiosas, aos pastores da Egreja. Remettem os contendores ás Escripturas, e proclamam a palavra escripta juiz sufficiente nas disputas religiosas. A Escriptura contraría taes maximas claramente com estes textos, colhidos entre muitos:

«Assim como fui enviado por meu Pae, eu vos envio... (1)

«Ide, pois, e ensinai todos os povos, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.» (2)

«Quem vos escuta, é a mim que escuta: quem vos despreza, me despreza; e quem me despreza, despreza aquelle que me enviou.» (3)

No estudo das sciencias humanas, a razão individual póde affastar-se do trilho dos mestres, e subir mais alto na investigação da verdade. Mas verdades reveladas são sempre escuras no seu sanctuario mysterioso, embora a viva luz da mais transcendente razão as queira esclarecer.

Jesus Christo, que não viera a instituir um codigo caprichoso em maximas incomprehensiveis, apontou aquelles que deviam interpretal-o tanto quanto convi-

---

(1) S. J. XX, V. 21.
(2) S. Mat. C. XXVIII, V. 19.
(3) S. Luc. C. X, V. 16.

nha á salvação dos homens de bôa vontade. Taes depositarios da genuina interpretação da palavra divina são os appellidados: «Delegados de Jesus Christo, Dispensadores dos mysterios de Deus.» Convictos de sua soberana missão, os Apostolos, zelosos propagadores da doutrina, declaram anathema ao anjo, que descesse do céo a annunciar preceitos diversos do que elles tinham ensinado.

Se quereis um exemplo da auctoridade que os pastores da Egreja receberam de Jesus Christo para julgar as heresias e condemnal-as, lêde os actos dos Apostolos no cap. XV —:

«Ora alguns que tinham vindo da Judéa ensinavam esta doutrina aos irmãos: Se não sois circumcizos, segundo a pratica da Lei de Moysés, não podeis ser salvos. Paulo e Bernabé, vivamente sublevados contra elles, decidiram ir, juntamente com alguns dos adversarios, a Jerusalem, para, na presença dos Apostolos, proporem a sua questão. Reuniram-se, pois, os Apostolos e os padres para resolver esta pendencia, e, depois de muito examinada de parte a parte, Pedro levantou-se e deu o seu juizo.»

Vemos, pois, na primeira questão ventilada na Egreja, a decisão de Pedro curvar á obediencia os fieis, tanto judeus como gentios. Onde irão os protestantes mendigar texto que lhes abone a má fé da sua razão arbitra em controversias religiosas? Se a palavra escripta repelle a maxima fundamental da Reforma, quem, tão cego como o orgulho humano, suspeitará cavilosa invenção, que se não peja de estribar no Evangelho, diametralmente opposto?!

Os protestantes respondem a esta invectiva dos catholicos com presença de espirito um tanto para riso:

«Não ha duvida que as decisões dos apostolos eram infalliveis; mas, mortos elles, cessou a infalibillidade.»

E, comtudo, S. Paulo, o infallivel nas suas doutrinas, segundo o argumento dos protestantes, deixa de o ser na carta aos de Epheso, que tão luminosamente destroe o debil recurso dos adversarios do Catholicismo:

«Elle mesmo, (Jesus Christo) deu á sua Egreja Apostolos, Prophetas, Evangelistas, pastores e doutores, cada um com sua missão, a fim de cooperarem para a perfeição dos santos, para as funcções do seu magisterio, para a edificação do corpo de Jesus Christo, até que todos cheguemos á unidade d'uma mesma fé, e d'um mesmo conhecimento do Filho de Deus, á perfeição do homem... e que não sejamos como creanças, e pessoas voluveis, que se deixam levar por todos os ventos das opiniões mundanas, por trapaças de homens, e pela astucia que elles tem de arrastar ao erro artificiosamente.»

Ahi está bem coordenada a missão d'um tribunal, complexo de homens com varios encargos, que deve ser continuado em quanto a Egreja luctar contra as aggressões da heresia.

§ VI

Affirmam os protestantes, que não podemos confiadamente jurar nas palavras da Egreja e dos concilios geraes sobre decisões de fé, e dc moral, por que os pastores da Egreja *são homens*, podem enganar-se, e por consequencia enganar-nos, se lhes prestamos inteiro credito. A conclusão que sua má vontade lhes dá de taes principios é—que, para maior segurança, devemos só adherir á palavra de Deus *escripta.*

Depois d'uma determinação assim enfatica e suasoria, devemos de boa fé consentir em que os protestantes *não são homens*, não se enganam, nem podem enganarnos com suas decisões! Tem o arbitrio d'estas estravagancias, que o levam a galhofar em assumptos muito serios, e até não sabemos se o riso será a mais judiciosa illação de suas primicias.

Que importa a illustre assemblêa dos pastores da Egreja de Jesus Christo comparada com Calvino a trovejar as suas inauferiveis conclusões?

Quem falla ahi da infallibilidade da Egreja, quando um quaker, ou um anglicano, ou um anabaptista se declara infallivel em relação áquelles poucos sectarios que o acreditam?

O absurdo, pelo menos, tem a particularidade de ser faceto, e não sabemos por que operação providencial estes parallelos não podem já hoje ser estabelecidos com os argumentos de uma logica escorreita e grave.

Dizer que a Egreja póde enganar-se, é ir de encontro ao Evangelho de Jesus Christo, que expressamente contraría uma tal asserção. Estas são, entre outras, as provas, não pedidas ao livre arbitrio, mas extrahidas da «palavra escripta:»

«E eu tambem te digo que tu és Pedro, e que sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno.» (Math. Cap. XVI, v. 18.)

As portas do inferno teriam prevalecído contra a Egreja, se esta, alguma vez, se tivesse desviado da fé e doutrina de Jesus Christo; mas o divino fundador da Egreja catholica predisse e prometteu o contrario: logo ou taes promessas nunca foram feitas, ou Christo era um falso propheta, ou nunca a sua Egreja será manchada pelo erro.

«Ide, e ensinai a todos os povos, baptisando-os em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, ensinando-lhes a observancia de tudo aquillo que vos eu mandei: e confiai, que eu serei sempre comvosco até á consummação dos seculos.» (Math. Cap. XXVIII, v. 19, 20.)

Os protestantes estão d'accordo com os catholicos na infallibilidade das doutrinas dos Apostolos, e dão como perservados d'erro os fieis que os ouviram, por isso que Jesus Christo promettera acompanhar os depositarios da doutrina até á consummação dos seculos.

E' evidente, porém, que a promessa do Salvador não poderia cumprir-se integralmente nos apostolos a quem Jesus Christo não prometteu simultaneamente vida que discorresse atravez das gerações até á ultima. A infallibilidade da doutrina, coadjuvada pela vontade do Altissi-

mo, devia transmittir legado celeste áquelles que foram enviados para *ensinar todas as nações.*

Os unicos homens apostolicos, que, depois dos discipulos, prégaram o Evangelho de Jesus Christo a todas as nações, foram os bispos, e os pastores da Egreja Catholica Romana, e os seus delegados ás nações idolatras, que abraçaram a fé.

Ora, se os apostolos eram infalliveis em virtude das promessas de Christo, conclue a intelligencia menos versada na theologia, que a Egreja dos Apostolos, nos seculos posteriores, em virtude d'aquella promessa, manteve cunho de infallibilidade, garantido pela permanencia da doutrina.

«Eu supplicarei a meu Pae, e elle vos dará um outro consolador, que esteja comvosco eternamente.» (Joan. Cap. XIV, v. 16.)

«Quando este espirito de verdade descer, toda a verdade vos será ensinada por elle.» (Joan. Cap. XVI, v. 13.)

Os apostolos, como homens, eram falliveis de seu natural: mas o dom particular de ensinar a verdade, privilegiou-os no dom da infallibilidade. Não nos pergunte o espirito de sophisma se a dadiva do Espitito Santo foi exclusivo dos apostolos: respondemos que não. O espirito de verdade, como espirito de sanctificação, foi derramado sobre todos os fieis: mas o espirito de ensinamento é promessa especial d'aquelles que Jesus Christo elegêra entre as multidões, os quaes precisamente não preferiria, se o mesmo espirito illuminasse com a mesma intensidade de luz as intelligencias de todas. Onde iriam, fóra do mundo, os apostolos propagar a doutrina do divino Mestre?

Jesus Christo prometteu a coexistencia *eterna do Espirito de Verdade* na pessoa dos apostolos. Estes, certo, não vieram atravez das gerações até ao extremo dia da humanidade para que o *eternamente* da promessa de Jesus Christo tivesse n'elles o seu complemento. A concessão no rigor da palavra escripta foi feita á serie de successores d'aquelles primeiros que ouviram a promessa do Redemptor, e a tomaram desde logo como garantia para si, e para aquelles que succederam no seu augusto ministerio.

E' sublimemente expressiva a prophecia de Isaias, quando prediz a descida do Espirito Santo sobre a Egreja de Jesus Christo:

«Meu espirito que é comtigo, e minhas palavras que puz em tua bôca, não serão da tua bôca arrebatadas, nem *da bôca da tua posteridade*, nem da bôca dos descendentes de teus descendentes para todo o sempre— diz o Senhor.» (Isaias Cap. LIX, v. 21.)

A divina Providencia, depois de tão solemnes promessas, não permittiria que os missionarios da sua instituiçãs sagrada, os successores do santo congresso dos apostolos, abandonados, e arbitros da sua missão sem fé nem authoridade, proclamassem o erro contra a fé, e a fé contra a sã doutrina de seus predecessores. Concluimos por illação rigorosa das palavras de Jesus Christo, que a Egreja romana, sob a inspiração infallivel do Espirito Santo e da divina Providencia, nunca pôde nos passados tempos, nem poderá nos tempos futuros, ser abandonada ao ensino do erro contra a moral, e a fé.

Thimotheo, temeroso de que, em sua ausencia, a Egreja a seu cargo desvairasse nos conselhos, que de viva voz recebera, escrevia:

«Escrevo-vos, não obstante bem cedo estar comvosco; para que, se a demora fosse grande, soubesseis por que maneira devereis proceder na casa de Deus, que é a Egreja do Deus vivo, columna e fundamento da verdade.» (Thim. Cap. III, v. 14, 15.)

Admittida a infallibilidade da Egreja de Jesus no seu começo, é necessaria consequencia proclamar scismaticos e hereticos aquelles que, separados d'ella, se não pejam de divinisar o espirito de seita sobre a apotheose do livre arbitrio.

---

§ VII

Quem se impozer a utilissima tarefa de estudar a reforma lutherana em todas as suas ramificações irreconciliaveis com o tronco, chegará precisamente aos mais proficuos resultados do estudo, que são a sabedoria, e ás extremas consequencias d'um falso systema, que são o desengano.

Mais d'um mancebo d'esta geração analytica, e ao mesmo tempo inerte, me tem dito que o seu espirito religioso fôra regenerado na leitura dos livros phisolophicos do seculo XVIII. Confessam a inanidade de crença em que os deixou a sciencia turgida dos antigos padres; sendo que os modernos philosophos proclamam a divindade do christianismo, antes de syndicarem as provas nas formulas da Biblia, ou nos argumentos imperiosos do raciocinio.

Estas illações, colhidas de principios absurdos, são as mesmas que affluem da leitura imparcial das razões do protestantismo contra as razões da Egreja catholica.

Leiam-se, e dissequem-se na raiz que medrou pela seiva da mentira; profunde-se o principio do erro, como quem lhe não consente uma só de suas consequencias; argumente-se com o Evangelho aberto, já que a reforma se não pejou de arrogar-se o Evangelho em abono d'um capricho de *frade despeitado* (1), e felizmente o joelho

---

(1) Epytheto expressivo d'um principe, que vivera protestante e ha pouco expirou catholico.

do homem, que procura saber o seu destino, curvar-se-ha no sanctuario das verdades eternas, confiadas por Jesus Christo ao seu representante.

Não sejamos timidos em assoalhar ao sol da intelligencia os retalhos dispersos da reforma. Não haja medo que o racionalista insipiente vacille entre os caracteres da verdade catholica e da mentira protestante. Não se arreceie o bom christão em prejudicar a sã doutrina de Roma, expondo-a aos que passam indifferentes para que a comparem com a de Inglaterra, para que a comparem com a de todo o mundo, e com a de todos aquelles que julgam mais bem doutrinado o que não tem doutrina alguma religiosa.

E', por isso, que, por pouco, proseguiremos na franca apresentação d'um ou outro argumento dos protestantes que valha a pena de ser rebatido. Temos procurado a clareza nas fórmas d'este trabalho arido e mesmo obrigatorio. Quizeramos que o assumpto em discussão fosse já hoje entre catholicos reputado frioleira; por que faz pena sentir a precisão de invocar o espirito de analyse de algum de nossos leitores para que decida sinceramente entre a Egreja pura de Jesus Christo, e a *prostituida de Babylonia,* como poderiamos denominar a filha de Luthero, essa mãe fecundissima de erros e desgraças, se quizessemos figural-a a realidade d'aquella tremenda visão do Evangelista na ilha de Pathmos.

Se com o espirito de lealdade e desejo de saber, lhe pedimos a causa radical da sua separação, respondem, com inabalavel firmeza de caracter, que a Egreja de Jesus Christo, na sua totalidade, não só podia resvalar ao despenhadeiro do erro, mas que effectivamente resvalou, desde que, infeccionada d'erros, e surperstição, e ido-

latria, forçára a consciencia dos protestantes a *sahir do centro de Babylonia.* Estas suas ordinarias expressões, como irrisorias, e de todas as menos insolentes, invectivas á esposa de Jesus Christo, são a arma que mais dextramente jogam, e é por ventura aquella que Voltaire melhor jogou como legitima herança provinda de seus mestres. São consequencias filliadas e rigorosas. Depois do livre arbitrio o scisma; depois do scisma o racionalismo; e o sarcasmo ultimamente como complemento da destruição, embora apadrinhado por homens, que lhe deram aquelle pomposo nome da philosophia.

Não fecharemos ainda a Biblia, em quanto presentirmos que a serpente do erro se refugia nas suas paginas.

Em Daniel—cap. II, v. 45—lê-se:

«No tempo de taes reis, o rei do céo creará um reino, nunca destruido, um reino, que não passará a outro povo, que pulverisará todos os reinos, e subsistirá eternamente.»

Concedem os protestantes ser esta a predição do *Reino espiritual de Jesus Christo, nunca destruido, e eternamente existente.*

Fortaleçamos a predição com palavras do mesmo propheta:

«Eu via estas coisas em uma visão nocturna, e vi o Filho do homem, que vinha entre as nuvens do céo, e abrangia o ultimo dos dias. Vieram á sua prezença, e d'elle receberam o poder, a honra e o reino; e todos os povos, e todas as tribus, e todas as linguas o serviram: o seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será usurpado, nem o seu reino destruido.» (Dan. Cap. VII v. 13, 14.)

«Elle será grande, e chamar-se-ha o Filho do Altissimo. O Senhor Deus dar-lhe-ha o throno de David, seu pae: reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e seu reino será infinito.» (Luc. Cap. I, v. 32, 33.)

São evidentes e clarissimas as palavras do texto, e crêmos que accumulal-as não augmentaria a sua força de prova. A Egreja de Jesus Christo, que, segundo o estylo da Escriptura é o seu *Reino Espiritual*, foi, desde a sua fundação, destinada á perpetuidade, e constituida como nação indestructivel entre todas as nações perecedoras.

Articulam os protestantes:

«Nós tambem affirmamos que a Egreja de Jesus Christo é perpetua e indestructivel.»

Pois bem: acceitamos a benevolencia da sua confissão.

Onde é que estava a Egreja perpetua e indestructivel antes da Reforma protestante?

«Nos seculos anteriores á Reforma—respondem elles—existia uma Egreja christã, que ensinava o Christianismo; mas era impura, corrupta, idólatra, e supersticiosa.»

Fallar d'uma EGREJA DE JESUS CHRISTO *corrupta*, é uma contradicção manifesta dos termos, um «ente de razão» — diz um scismatico da Egreja anglicana, n'um lucido intervallo de boa fé.

A demonstração é simples, sem recorrer aos poderosos auxiliares das razões moraes.

A Egreja é um corpo mystico, essencialmente composto de verdadeiros crentes, e adoradores de Jesus Christo. Quem faz o verdadeiro crente é a profissão da verdadeira fé, e do verdadeiro culto de Jesus Chris-

to. Logo—a Egreja apóstata que abandonou a fé e a doutrina christã, que degenerou em erro e idolatria, impureza, e corrupção, tal Egreja não é a Egreja de Jesus Christo, nem uma parte d'ella. Um particular, que professou a verdadeira fé e depois se fez heresiarcha, deixou, no instante da sua rebeldia, de pertencer á Egreja de Jesus Christo. As mesmas condições militam na transfiguração religiosa d'úma nação, qualquer que seja a heresia predominante do seu systema religioso. Se toda a Egreja apostatou, como os protestantes affirmam, muitos seculos antes da Reforma, a Egreja de Jesus Christo necessariamente pereceu, por isso que membros impuros, hereticos, idólatras e corrompidos não podiam constituil-a. Mas a Biblia rebate energicamente esta hypothese assás degradante para a humanidade, e grandemente ultrajadora para o divino fundador da Egreja catholica. A Biblia repete-nos que o *Reino Espiritual* de Jesus Christo, desde o seu estabelecimento, não poderia ser anniquilado. A Biblia brada contra a accusação de idolatria, de superstição e erros condemnaveis que a Reforma attribue á Egreja romana.

A Biblia diz claramente que a Egreja de Jesus Christo foi, por graça e misericordia de Deus, estabelecida em perpetua santidade.

«Sereis respeitado e honrado por todas as idades, em quanto o sol e a lua subsistirem.» (Ps. 4, XXI, v. 5.)

«N'esses dias florescerão os justos, e saborear-se-hão ahi fructos de paz, em quanto a lua subsistir.» (v. 7.)

Em traducção ingleza, os protestantes affirmam que David prophetisa aqui a gloria do Reino ou Egreja de Jesus Christo. E, comtudo, o propheta é solemnemente desmentido pelos seus interpretes, quando chamam ao

tribunal do livre arbitrio a Egreja do Pontifice para se vêr condemnar de impura e corrompida! A Biblia protestante declara que Isaias prophetisa a vinda do reino de Jesus Christo por estas palavras, realisadas no rigor da palavra:

«Acontecerá nos ultimos tempos que a montanha sobre a qual a casa do Senhor será edificada, terá seus alicerces nos pincaros dos montes, e sobrepujará o vertice das collinas; e todas as nações hão-de ahi convergir em multidão... e os idolos serão ahi pulverisados.» (Isaias, Cap. II, v. 2 e 18.)

O anniquilamento da idolatria, não tendo sido cumprido pessoalmente por Jesus Christo durante o seu transito nas amarguras da Redempção, é o que nós hoje comtemplamos n'essa obra gloriosa, levada ao seu complemento pela Egreja catholica, cujos prégadores apostolicos converteram á fé os idolatras, e ainda hoje dispersos na face do mundo, luctam anciosos contra as perseguições, para obrigar no redil da fé o restante d'infieis, sobre quem a luz da Redempção começa a derramar o seu influxo de vida e immortalidade. E é esta a Egreja que os protestantes condemnam de impura e idolatra! A Egreja Romana, forte de graça, e depositaria da missão de Jesus Christo, condemnada de corrupta, supersticiosa e idolatra!

§ VIII

Ha um braço a desarmar o gigante de tres seculos, que, no delirio da sua grandeza, ousou pôr hombro ás columnas do Vaticano, para nivelal-as com o tremedal de vicios, em que mergulhára os seus admiradores. O protestantismo, como todas as creações arrogantes do homem, recua tres seculos á sua origem na cella d'um frade heresiarcha, para explicar-nos a miseria da sua morte pela miseria do seu nascimento. Aventureiro, que medrára á custa das paixões da humanidade, que lisongeára nas praças, entre as multidões, e nos salões mais viciosos que as praças, o protestantismo é hoje o decrepito, entorpecido no leito da paralysia, esperando bocejar o ultimo suspiro da sua desastrosa passagem entre os homens. Nos ultimos dias da sua existencia, chamou á cabeceira do leito o racionalismo, revelou-lhe o segredo da sua conservação, legou-lhe a herança das suas doutrinas desacreditadas, e socegou um instante, na esperançosa felicidade de encarecer, na pessoa de seu herdeiro, o thesouro de mentiras, que a sciencia lhe rebaixára a bem merecido desprezo.

O racionalismo está descoroçoado á cabeceira do moribundo. O seculo da mentira para o regimen da sociedade, é tambem o seculo da verdade para investigar as profundezas do espirito, e as elevadas hypotheses do destino da humanidade. As luctas ha tres seculos incessantes do homem com o homem, da sociedade com

o seu governo, e das velhas instituições com os novos ensaios, enervou a coragem, desanimou a esperança, e desacreditou o materialismo da vida, sempre occupada em *viver*, e sempre irresoluta no conjecturar seus destinos além do tumulo.

O reinado do espiritualismo, com o seu cortejo de concepções elevadas e generosas renuncias das coisas do mundo, apresentou-se, ha vinte annos, sem estrepido, sem ovações, e sem a concorrencia dos fanatisados, que apparecem sempre para justificar o bom quilate da novidade que se annuncia. O seu progresso, lento e regulado na estrada das experiencias, logrou assumir as honras d'uma verdade magestosa, que caminha sempre desempedida ao seu fim, sem embaraçar-se com os empecilhos do erro. N'este mundo, a verdade religiosa é como um estandarte animador, agitado sobre nossas cabeças pela mão do anjo, que jámais desce a hastea-lo entre os homens.

Crêmos na fervorosa dedicação de muitos espiritos para que a Egreja de Jesus Christo haja de triumphar sobre todas as seitas, e acôlha ao seu seio maternal todas as rebeldias de seus ingratos inimigos. Este zêlo é em si o fructo que mais se resente do saboroso leite, que bebemos no seio d'aquella mãe carinhosa ; mas a verdade é uma, eterna e superior aos bons officios da humanidade.

A religião christã é a luz perenne accêsa por Deus na longa noite que vai atravessando as gerações desde que o primeiro homem, perdido na vereda em que Lucifer o desviára, precisou de luz que o encaminhasse á gloria para que fôra creado. O fervoroso zêlo, que os amigos dos homens empregam em mostrar-lhes essa luz

Redemptora, é um beneficio feito a seus irmãos, desgarrados do caminho, mas não é argumento novo para mais aclarar a face da verdade. *Frayssinous*, o inspirado apologista do Christianismo, não formulou demonstrações que S. Ireneu não adduzisse no 2.º seculo. S. Clemente d'Alexandria não recearia caminhar ao lado de *Lacordaire* nas provas da divindade da religião christã. E *Bossuet* não subiu mais alto, nas contemplações de Deus, que Santo Agostinho ha quatorze seculos.

A vantagem é toda dos homens. O sol brilha sempre no firmamento; mas na terra nem todos tem o dom da visão para contemplal-o. E o cego, que hoje abriu os olhos, dará mais resplendor ao astro que nunca vira?

Quem devemos ouvir com mais anciedade nos argumentos que nos aproximam da verdade, é aquelles que, mais perto d'ella, beberam a sciencia pura, que lhes manava como de fonte virgem antes que a onda turva do orgulho humano lhe manchasse a pureza.

E', por isso, que no ultimo artigo do motivo que rapidamente desenvolvemos, viemos, no decorrer dos seculos, mencionar a auctoridade d'aquelles cujo nome só por si sobre-excede o que mais acurado poderá sahir da nossa inexperiente penna.

No primeiro seculo, S. Bernabé condemna o orgulho dos hereticos, que preferem a sua sciencia aos mandamentos da egreja universal, cujo ensino e communhão regeitam. S. Clemente reprova aos Corinthios as suas desintelligencias e menospreço pela auctoridade dos pastores, que os apostolos, animados do espirito de Deus, lhes conferiram para governal-os. Exhorta-os a submetterem-se aos padres, desarmando-se do seu orgulho e arrogancia. Santo Ignacio repete em suas cartas a neces-

sidade de se unirem os fieis a seus pastores. S. Polycarpo pedia aos de Filippes firmeza e constancia na fé, que receberam dos apostolos por intermedio de seus pastores; e ao mesmo tempo, segundo refere Eusebio, repetia as palavras do Senhor, quaes as ouvira da bocca dos apostolos. Hegisippo, no começo do 2.º seculo, fez uma viagem a Roma, consultou um grande numero de bispos, e declarou que se lhe deparára a mesma fé em todas as cidades. Reuniu, depois, todas as tradições apostolicas em cinco livros, que Eusebio viu, e que não chegaram a esta geração. No mesmo seculo, em cada manhã do domingo, as cartas do papa S. Clemente e d'outros bispos eram lidas na assembléa dos fieis, em seguida ás dos apostolos.

No 2.º seculo vejam-se as bellas e profundas doutrinas de S. Ireneu, Tertuliano, e S. Justino. Este recorda o preceito de se ajuntarem os fieis na egreja para celebrarem o domingo—tradição emanada de Jesus Christo, fallando a seus discipulos em uma de suas apparições «dir-se-ha que este preceito não foi promulgado por Jesus Christo?—pergunta um professor de theologia.—Ou faz elle parte da tradição escripta? Que escolham os nossos adversarios uma d'estas asserções absurdas e sem provas, com a condição, porém, de que encontrarão a maneira de concilial-a com o seu systema, e com a obrigação de direito divino, que elles reconhecem, como nós, de santificar o domingo, primeiro dia da semana, em logar do setimo.»

Diz Tertuliano, no livro da «Resurreição» que os hereges deveriam provar os seus sentimentos pela simples escriptura. Esta asserção tomam-na os protestantes como resposta para fazer calar os catholicos. Esquece-

ram que Tertuliano repelle victoriosamente os hereticos que invectivam os dogmas particulares, formalmente expressos nos livros sagrados, com vãos raciocinios e auctoridades pagãs. O apologista manda-os renunciar os habitos do paganismo, diametralmente adversos á doutrina das Escripturas, cuja intelligencia é um perfeito trabalho e não uma analyse superficial em que a heresia termina por bradar contra o dogma contrario ao raciocinio. E' necessario—diz elle—combater com o sentimento das Escripturas, enunciadas por uma segura interpretação. Onde encontrar esta segurança?—pergunta a heresia do alto da sua soberba racionalista. Tertuliano responde:—«na tradição, no consenso unanime das egrejas, no ensino oral, primittivo, e uniforme dos pastores, que substituiram os apostolos, cujo valor tem na integridade da doutrina.»

No IV seculo ensina-nos Eusebio que os discipulos do Salvador nos transmittiram sua doutrina, parte na obra que nos legaram, e parte na tradição oral que é,—póde assim chamar-se—o direito não escripto dos christãos. Na sua obra contra Marcel d'Ancyra mostra-nos elle a doutrina de Jesus Christo espalhada d'uma extremidade á outra da terra, por meio da tradição oral, que é o sustentaculo e a confirmação da que as Escripturas nos ensinam.

§ IX

Todos os padres, e doutores dos primeiros seculos do Christianismo, estabelecem, unanimes, a sacrosanta auctoridade da tradição. Os adversarios do catholicismo, que apregoam, para fins sinistros, a integridade da religião de Christo nos primeiros seculos, não sabemos como, tão inconsequentes, recusam acceitar a tradição oral, em cuja observancia consistia a belleza dos chamados bellos seculos do Christianismo.

Ao grave testimunho da antiguidade ecclesiastica, reune-se o dos concilios, e a voz unisona da egreja universal.

Nihil innovetur, nisi quod traditum est: é este o preceito que preside a todas as deliberações em Nicea, em Constantinopla, em Epheso, e Calcedonia, em Roma e Trento.

A constituição da Egreja não poderia subsistir, qual Jesus Christo a instituira, sem a existencia e auctoridade divina do ensino tradicional.

Pois que é a Egreja? Não é uma assembléa, divinamente privilegiada com a infallibilidade da doutrina, e com a prerogativa de propagal-a? Não é em seu seio, que, pelo vinculo da mesma fé, se abraçam os homens, se santificam pelo culto, e se colligam submissos a uma só auctoridade, representante de Deus?

Mas a Egreja não é só sociedade divina, por que a palavra do eterno lhe bafejou a existencia. E' por que

Jesus Christo e o Espirito Santo presidem na realidade do espirito, na intelligencia dos pastores, e de todos os seus membros. A tradição é a palavra de Deus reproduzida na bôca dos que a transmittem; e o Espirito Santo, alumiando o coração dos que a escutam, illumina-lhes o entendimento para que a razão não repugne assimilal-a aos seus juizos. Negar a tradição é negar a Egreja, cujá existencia é essencialmente tradicional. Ensinar é transmittir a verdade de geração em geração pela palavra viva, e não pela letra morta. A palavra que significa ensino, é semelhante á palavra tradição, na lingua de S. Paulo, e na intelligencia das Escripturas.

Jesus Christo nem escreveu nem fez escrever codigos legislativos. O seu augusto preceito é: «ide e ensinae,» e não: ide, e ensinae isto, ou aquillo, estes, e não aquelles preceitos. O novo testamento, posterior ao estabelecimento da religião christã, é um compendio de dogmas enunciados debaixo da forma imperativa. Os evangelistas escreveram muito depois da morte de Jesus Christo, para desmentir as falsidades, que o paganismo, e os fariseus disseminaram. As epistolas eram uma substituição ao ensino oral, que os apostolos não podiam exercitar de viva voz, por estarem longe das suas egrejas. E' evidente, pois, que a Escriptura não entrou nem sequer integralmente na fundação do Christianismo. «Se o Christianismo — diz *de Maistre* — não tivesse soffrido ataques, nunca seria forçoso recorrer á Escriptura para fixar o dogma; mas nunca o dogma seria determinado pela Escriptura, se não existisse anteriormente no seu estado natural, que é a *palavra*... A fé, se a opposição sophistica a não forçasse a ser escripta, seria mil vezes mais angelica. A fé chora sobre

essas decisões que a revolta lhe arrancou, e que produziram desgraças sempre... o estado de guerra levantou essas veneraveis muralhas em torno da verdade: defendem-na, por certo; mas occultam-na; tornam-na inaccessivel; mas, por isso mesmo, menos accessivel. Ah! não era isto o que ella queria! Reunir o genero humano em seus braços, era esta a sua vontade!» Prosegue o illustre escriptor: «O homem não póde fazer-se uma constituição, e nenhuma constituição legitima poderia gravar-se em caracteres legiveis na sua amplitude. (1) Nunca foi nem será escripto *à priori* uma collecção de leis fundamentaes, que devam constituir a sociedade civil ou religiosa. Sómente quando a sociedade está constituida, sem que possa dizer-se como, é possivel fazer declarar ou explicar por escripto certos artigos particulares; mas quasi sempre taes declarações são effeitos ou causa de grandissimos males, e sempre custam aos povos mais do que valem.» (2)

Se bem que o *Conde de Maistre* exceptua d'esta regra geral a legislação de Moysés, inalteravel e pura durante quinze seculos, a legislação de Moysés confirma rigorcsamente a regra geral. Por quanto, ao lado d'esse codigo civil, religioso, e militar, emanação divina, funcciona a tradição, que rege os tribunaes encarregados de explicar os sentidos obscuros da lei, e os meios de applical-a em casos reservados. «Nenhuma instituição, verdadeiramente grande—diz um theologo francez—embora seja divina, poderia fundar-se na simples escriptura, porquanto, a não degenerar a natureza das cousas, nem

---

(1) «Principio gerador das Const.» T. 17.°—pag. 22.
(2) Ibid. T. 27.° pag. 39.

Deus nem o homem poderiam communicar á escriptura a vida, e virtude que ella não tem; será sempre letra morta, e palavra muda.»

O Christianismo, sem a tradição, seria forçosamente no seculo V semelhante ao seculo I, e no seculo XIX identico, e estacionario como nos primeiros. A sua vida consiste na harmonia das suas fórmas com os tempos e com os logares.

A multiplicidade de leis escriptas denuncía a fragilidade d'uma instituição. «*Pessimæ reipublicæ, plurimæ leges*»—dizia Tacito. E Platão, por estas palavras, que, segundo um illustre canonista, são o *prefacio humano do Evangelho*, parecia responder, christãmente inspirado, aos que recusam confiar o espirito religioso ás tradições oraes: «O homem que deve toda a sua instrucção á Escriptura, não tem de sabedoria mais que as apparencias: a palavra é para a escriptura o que um homem é para o seu retrato. A nossos olhos apresentam-se-nos como vivas as obras da pintura; mas, interrogadas, guardam silencio com dignidade. Tal é a Escriptura. Interrogae-a; dar-vos-ha sempre uma só e mesma significação. E' por isso que todo o discurso escripto se divulga entre sabios e ignorantes, elle não sabe o que ha de dizer a uns nem occultar a outros. Atacado e insultado sem razão, não póde responder, nem defender-se, e carece sempre de seu auctor ausente para sua defeza... Mas, se o mesmo discurso é fallado, como nos elle parece legitimo, como sáe mais possante e corajoso do seio de seu pae!... Fallo do discurso vivo, que se grava com a sciencia na alma do discipulo; falo da palavra, que tem a sua defeza, e que sabe o que convém revelar a uns e esconder a outros... d'aquelle Verbo

vivo e animado, cujo simples retrato é a escriptura.» (1) S. João Chrysostomo applica á revelação do Salvador os principios da sabedoria antiga. Diz elle: «sem duvida, bom seria que não necessitassemos da Escriptura, e que os preceitos divinos nos estivessem Escriptos no coração pela graça, como o estão pela tinta em nossos livros; mas, já que perdemos tal graça por nossas culpas, construamos, que assim é forçoso, *uma prancha em vez de uma nau*, sem comtudo esquecer que o primitivo estado da nossa doutrina era o melhor. Deus nada revelou por escripto do velho testamento aos patriarchas eleitos: fallava-lhes directamente, porque sondava a pureza de seus corações; mas, cavado o abysmo de vicios pelo povo hebreu, foram-lhe necessarios livros e leis. Deu-se o mesmo sob o imperio da nova revelação, pois que o Christo não deixou um só escripto a seus apostolos. Em vez de livro, prometteu-lhes o Espirito Santo: «*E' elle quem vos inspirará quando vos fôr necessario fallar.*» Mas, com o decorrer dos tempos, revoltada a humanidade contra os dogmas e contra a moral, foram-lhes tambem precisos livros. (2)

Regeitando a tradição, emfim, os protestantes desprezam a essencia do Christianismo, e os racionalistas conferem-lhe a mesma importancia que lhes merece a palavra escripta. Para que os primeiros sejam consequentes, devem cedo ou tarde consubstanciar-se no systema dos segundos.

---

(1) Plat. in Phædr. edit. Lugdun, 1590, pag. 356 e 357.
(2) Hom. in Math. 1, 1.

Que o seio de Deus se abra, e irradie torrentes luminosas sobre todos; chova-nos o orvalho da fé reanimadôra. Desça sobre nós o imperio de Christo. Venha a nós o vosso Reino, Senhor!

FIM

NOTAS

Á

DIVINDADE DE JESUS

NOTAS

Á

DIVINDADE DE JESUS

PAG. 70

Voltaire, o mais ignorante insultador que ainda injuriou a religião do Calvario.

Alguns julgadores de Voltaire dizem:

«..... A' frente de todos está o author do *Essai sur les mœurs,* obra sarcastica, repleta de *ignorancia* e de intolerante scepticismo.» C. CANTU. *Hist. univ. Introd.*

«*J'étais très-disposé à pardonner à Voltaire la mauvaise politique, son* IGNORANCE, *et la hardiesse avec laquelle il tronque, défigure, et altère la plupart des faits, mais... Que de choses inutiles qu'un historien ne se permet quand il est fort* IGNORANT *!*» MABLY. «*De la manière d'écrire l'histoire.*»

«..... *Pour plaisenter comme l'a fait Voltaire sur Ezéquiel et sur la Genèse il fallait réunir deux choses qui rendent la plaisenterie bien misérable; la plus profonde* IGNORANCE *et la plus déplorable légèreté.*» BENJAMIN CONSTANT. *Cours de littérature française.*

Esteve o philosopho de Ferney um seculo na desgraça dos mesmos que o egualavam em scepticismo. Reputavam-no auctoridade indecente para argumentação séria. Voltaire, n'estes ultimos annos, entrou em purificação. Já se não peja da camaradagem d'elle a philosophia. As jogralidades do homem que disse: «*Écrasons l'infame!*» entendem-nas aquelles que acham nebuloso Strauss.

PAG. 97

Barthélemy, insigne collaborador da *Encyclopedia Catholica*, a este esboço dos personagens figurativos do Messias, acrescenta: «Figurado por pessoas, o Messias tambem é figurado por successos. O cordeiro paschal, o maná do deserto, a columna de fogo, a serpente de cobre, a immolação perpetua do cordeiro do templo, a maior parte das ceremonias legaes, e, por sobre tudo, os sacrificios eram outras tantas figuras permanentes, que sempre e successivamente iam presignalando o Desejado das nações. Quem não vê ahi designio providencial, perfeitamente seguido até sua completa realisação? Teremos isto em conta d'acaso? O mesmo seria dizer que muitos retratos do mesmo individuo, tirados por diversos auctores, se pareciam entre si porque o acaso os fizera similhantes. Além de que, a propria Escriptura nos adverte que é necessario vêr Jesus Christo e a sua egreja sob o véo das antigas sombras, e que, em tempos anteriores ao Messias, tudo acontecia *figurado*, como diz S. Paulo. Ponderam os padres que o novo testamento é a rosa desabrochada, e o velho o botão. No dizer de Santo Agostinho, o novo está recondito no velho testamento, e o povo judeu é um como ingente propheta.»

PAG. 110

Desde o sermão da montanha...

Fragmentos do sublime discurso de Jesus Christo:

«Bem-aventurados os pobres de espirito por que é d'elles o reino dos céos.

«Bem-aventurados os limpos de coração, que hão de vêr a Deus.

«Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, por que é d'elles o reino do céo.

«Não cuideis que eu vim a derrogar a lei ou os prophetas: não vim derrogal-os, vim a dar-lhes cumprimento.

«Por que, em verdade, vos digo que em quanto existirem céo e terra, não passará da lei um só *i*, ou *til*, sem que tudo seja cumprido.

«Aquelle, pois, que violar o menor d'estes mandamentos, e induzir os homens a transgredil-os, será visto como o ultimo no reino dos céos; mas o que isto fizer e ensinar será o grande no reino do céo.

«Dai a todos que vos pedirem.

«Não repulseis quem vos pede de emprestimo.

«Tratai os homens como quererieis ser tratados.

«Sabeis que foi dito: «Amareis vosso proximo, e odiareis vosso inimigo.» Mas eu vos digo: «Amai vossos inimigos: fazei o bem aos que vos aborrecem: orai

por aquelles que vos perseguem e calumniam, afim de que sejais os filhos de vosso Pai que está no céo, que faz levantar o seu sol sobre bons e máos, e dá chuva a justos e a peccadores.

«Por que se amais apenas os que vos amam, que recompensa haveis de ter? não fazem os publicanos tambem o mesmo?

«Fazei a todos bem, e sereis os filhos de Deus, que é bom para os ingratos, e para os máos.

«Sêde, pois, cheios de misericordia, como vosso Pai é cheio de misericordia.

«Guardai-vos de fazer as vossas bôas obras diante dos homens, com o fim de serdes visto por elles: de outra sorte não vol-as recompensará vosso Pai que está nos céos.

«Quando, pois, dás a esmola não o faças ao som da trombeta, que vai adiante de ti, como praticam os hypocritas nas synagogas, e nas praças para serem honrados dos homens. Em verdade vos digo, que elles já receberam a sua recompensa.

«E quando fazeis oração, não sejais como os hypocritas, que gostam de orar em pé nas synagogas, e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo, que elles já receberam a sua recompensa.

«Guardai-vos dos falsos prophetas, que vem ter comvosco, cobertos de pelles de ovelhas, quando elles interiormente são lobos arrebatadores.

«Pelos fructos é que os haveis de conhecer. Por ventura colhe alguem uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

«Nem todo o que me diz: «Senhor! Senhor!» ha de

entrar no reino dos céos; mas aquelle que fizer a vontade de meu Pai.

«Todo aquelle, pois, que ouve as minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sabio que edificou a sua casa sobre rocha; veio a chuva e vieram as innundações, e assopraram os ventos contra aquella casa; e ella não cahiu, por que estava fundada sobre rocha.

«E todo o que ouve minhas palavras e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia; veio a chuva, e vieram as innundações, e assopraram os ventos contra aquella casa; e ella cahiu, e foi grande a sua ruina.»

Jesus disse ainda muitas outras coisas, e os que o ouviram pasmaram extaticos.

«Quem é este homem?» — perguntavam elles.

Este homem era o Salvador do mundo, o Verbo de Deus descido á terra, para revelar aos homens o seu destino. Uma nova era surgia para a humanidade, quando Jesus principiava sua celestial missão.

Trasladamos da *Vida de Nosso Senhor Jesus Christo* de Luiz Veuillot, a magnifica conclusão d'aquelle livro que primou entre quantas obras d'alto quilate sahiram a impugnar Renan :

«Jesus Christo é o Filho unico do Deus unico. E' o poder, a sabedoria, e explendor increado do Increado. E' Deus da terra e céo, Rei eterno, omnipotente como seu Pai, e formando um só com elle na indivisivel Trindade. Por mysterio que excede o entendimento e satisfaz a razão, Deus o ha dado á terra, e, dando-o, a si se deu. Este Jesus, dado assim, é Filho do Homem, e filho de Deus: homem e Deus a um tempo: homem nascido sob a lei, Deus para cumprir e rematar a lei; homem para servir, Deus para redemir; homem para abater-se debaixo do jugo, Deus para vencer; homem para morrer, Deus para triumphar da morte. E maravilha tal é esta que os olhos de nossa alma podem vêr a divindade atravez da humanidade, o poder que creou o mundo e venceu o inferno atravez da infermidade que a injustiça humana crucificou. Por que Jesus é um ser divino composto de duas naturezas mui diversas : uma divina, outra humana; uma increada, outra creada; uma eterna, outra temporal. Mediante esta miraculosa operação, a divindade está no homem, e o homem subsiste em Deus; homem e Deus se enlaçam assiduamente em Jesus Christo. Nasceu Jesus; mas d'uma virgem; ahi está uma criancinha pobre sobre um emprestado berço; mas uma estrella a annuncía, os anjos a saúdam com um cantar, que em breves termos encerra toda a sabedoria; os sanctos o bem-dizem, adoram-n'o os principes da sciencia, os tyrannos assustam-se. Foge; mas

escoltado de invisivel guarda. Vai humilde, mas soberano senhor do universo. Vive infermo; mas com sua palavra guarece os infermos, reviventa os mortos, expulsa os demonios, retem a seiva das plantas, dá ordens aos elementos. Paga o tributo; mas obriga o mar a pagar-lh'o. Padece na cruz; mas á hora predicta, e conforme seu designio. Expira; mas o centurião reconhece-o no madeiro infamante em que morre, assim como pastores e Magos o haviam reconhecido no presepe onde nascêra. E' sepultado, e descola a pedra sepulcral, e surge vivo.

E' Deus? E' homem? Taes quebrantos, soffrimentos e miserias, são proprias d'um Deus? E taes maravilhas são proprias d'um homem? Nem homem nem Deus está só de per si em alguma das hypotheses. Tão intimamente identificou Jesus sua divindade e humanidade que não ha ahi scisão comprehensivel. Se não é Deus, redunda meramente n'um impostor; se não é homem, a obra de Deus não se entende, e a divindade propriamente fica desluzida.

Só Deus explica o homem, e só o homem explica o Jesus, em tudo sempre Homem-Deus. No Homem-Deus é tudo logico e congruente, simultaneamente com a divindade. Em tudo transcende a razão humana, e em nenhum ponto lhe repugna; a cada passo a confunde, e em caso nenhum lhe faz espanto.

O papa S. Hormisdas, compendiando o ensinamento do papa S. Leão, dá a um imperador esta excellente explicação do mysterio das duas naturezas em Jesus Christo:

«Deus é Trindade, isto é, Padre, e Filho, e Espirito Santo; todavia, Deus é um. *Ora escuta Israel: O Se-*

nhor teu Deus é o Deus uno. Outra qualquer doutrina, ou separa a divindade e admitte a insana impiedade do polytheismo, ou attribue o soffrimento á essencia da Trindade, e presuppõe dôr na impassivel natureza divina.

A Trindade santa é um só Deus, que numericamente se não multiplica, nem d'algum modo recebe accrescimo, nem se divide. Não emprehendamos sujeitar ás leis humanas as profundezas d'aquelle mysterio da substancia eterna, inaccessivel á mais elevada das naturezas invisiveis. Adoremos a incomprehensivel e ineffavel substancia da Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, cuja distincção subsiste na indivisibilidade, cuja unidade repugna á divisão da essencia, bem que as pessoas se numerem; e saibamos conferir a cada pessoa o seu distinctivo, não tirando a nenhuma sua divindade, nem attribuindo á Essencia o que é proprio d'uma ou d'outra.

Deus Pai, Deus Filho, Deus Espirito Santo, Trindade indivisa: incomprehensivel mysterio! Sem embargo, sabemos que é da essencia do Pai gerar o Filho; e da essencia do Filho de Deus nascer do Pai, e egual ao Pai; e da essencia do Espirito Santo proceder do Pai e do Filho na unidade d'uma identica substancia. Tambem é da essencia do Filho de Deus o que está escripto: que, nos ultimos tempos *o Verbo se fez carne e habitou entre nós.* Pelo que, nas entranhas da Santa Virgem Maria, virgem mãe de Deus, as duas naturezas se haviam unido sem se confundirem. Aquelle que, anterior ao tempo, já era o Filho de Deus, fazia-se filho do homem. Nascia, no tempo, de mãe, consoante os demais homens; mas sem abrir o seio maternal, nem

desluzir-lhe a santissima e perfeitissima virgindade: mysterio sobremaneira digno do nascimento d'um Deus! Aquelle, cujo concebimento se fizera sem intervenção do homem, e guardava o que recebêra do Pai celestial, offerecendo aos olhos dos homens o que recebêra de sua mãe bemdita, como nasceria senão preservado de toda a macula humana?

Estava no presepe, e ao mesmo tempo no céo; adoravam-no, envolto nas mantilhas, as legiões celestiaes. Menino ainda, ensinava doutrina sobre-humana, e revelava seu poder com divinos prodigios. Era Deus e homem a um tempo, não já por qualquer união, mas por que elle mesmo era de si o filho de Deus. Deus e homem, que o mesmo importa dizer: força e fraqueza, humildade e magestade; vendido e redemptor; crucificado e liberalisador do reino do céo; revestido de nossa infermidade ao extremo de receber a morte; possessor do poder divino ao extremo de readquirir a vida. Pois que elle quizera nascer homem, foi sepultado; e por que quiz igualar-se a seu Pai, ergueu-se da sepultura. Como fosse um entre os mortos, reanimou os que eram cinza no tumulo, e sem deixar o seio de seu Pai, desceu ao inferno: entregando a alma, segundo a lei commum de todos os homens, retomou-a de sua força divina.

E' isto o que nos ensina e certifica aquelle mesmo que assim o fez. Como não quizesse que o espectaculo dos soffrimentos de seu corpo nos induzisse a crêr que elle não era Deus, nem quizesse tambem que o explendôr de seus milagres nos induzisse a pensar que elle era sómente Deus e não homem, instruiu-nos com o diverso comportamento de dois dos apostolos. «A fé de Pedro nos ensina que Jesus Christo Nosso Senhor é Deus; a du-

vida de Thomaz, que é homem. Quando pergunta a seus discipulos o que dizem d'elle os homens, provoca a resposta de Pedro: *Sois o Christo, filho do Deus vivo.* E o louvor dado a estas palavras, que o Deus Padre inspirou, accende em nós a fé na verdade que ellas revelam. Por igual theor, quando, depois da resurreição, o Senhor apparece aos apostolos, porque está Thomaz ausente e depois duvida? E' para que o mundo creia o que o discipulo incredulo verificou, e que a universalidade dos fieis possa conhecer quem era Jesus, mediante o testemunho d'um a quem elle ordenou que lhe tocasse com suas mãos. Sendo que o affectuoso Salvador não evidenciou tanto a incredulidade de Thomaz para confusão do santo apostolo, como para instrucção da posteridade. Com o mesmo proposito se reuniu o Senhor aos dois discipulos que iam para Emmaus e conversou com elles. Haviam elles sabido da resurreição pelo aviso das santas mulheres, e não obstante duvidavam. Jesus, interpretando Moysés e todos os prophetas, lhes mostrou que ao Christo cumpria soffrer para entrar na sua gloria; e estabeleceu, com os multiplicados testemunhos dos livros santos, que em si se compadecem ao mesmo tempo duas naturezas, a humana que testifica a paixão, a divina que revela a gloria.

Nos designios de Jesus Christo sobre o mundo, o mesmo mysterio se manifesta com a mesma apparencia de opposição entre os designios e os meios que emprega para cumpril-os.

Quer cimentar sobre a terra o imperio em lucta com a força; tem a força nas suas mãos, e quebrou-a. Quer attrahir a si o mundo, e ensina o contrario de tudo o

que o mundo quer: propõe a humildade, a renunciação, a cruz. Chama-se o Crucificado. Lega a doze ignorantes, como herança, aquella cruz; encarrega-os de a apresentarem ao genero humano: cumprem-no elles e triumpham. E isto cumprem em menos tempo que o necessario ao mais poderoso imperio para abafar a nacionalidade d'uma nação conquistada. Baquêam os idolos, surge uma nova humanidade. A palavra de Jesus sósinha opera um tal milagre. Esta palavra que elle deu aos apostolos, e ao pronuncial-a lh'a não entenderam, esta palavra que revoltou os judeus e que ainda revolta o instincto de todo o homem, é, sem embargo, como os apostolos a denominam, a *palavra de reconciliação* que tudo repõe em paz e ordem, o homem com Deus, o homem com o homem, o homem comsigo mesmo. Na sociedade, em espiritos e corações, tudo ella muda, todas as trevas illumina, todas as esterilidades fecunda. Por ella, o judeu estupefacto vê claramente as escripturas cujas profundezas assombravam sua intelligencia, o pagão foge do labyrintho em que o sophisma lhe devorava a razão.

Que vida, que luz, e que alegria já nos primeiros christãos! Já o homem sabe onde vai, sente-se senhor de seu caminho e seguro de seu destino. A palavra do Creador fizera do homem um homem; o Verbo encarnado fez do homem um Deus, deu-lhe *parte na natureza divina*. Esta sublime phrase é de S. Pedro: e o homem creu-a e comprehendeu-a,—o homem que adorava o fetichismo e os imperadores! E n'esta altura onde elle sobe, torna-se humilde e manso; e a faculdade sublime da adoração, até ahi tão deploravelmente

degenerada, desenvolve-se conforme seu natural, e corôa a terra do radioso florecimento dos santos.

Contrariam-nos que, não obstante, resta ainda mundo que converter. Com prazer homicida, nos mostram, pelo contrario, as separações que se fazem e se perdem. E' certo; e Deus não faz aquillo que não quiz fazer. Subsiste o livre arbitrio. Aquelle que te creou sem ti, —diz Santo Agostinho—não te salvará sem ti. Não queres salvar-te, não queres ajudar Jesus Christo na obra da tua salvação, não serás salvo: morrerás.

A adoração póde dar-se no céo e no inferno: o homem que escolha. N'isso redunda aquelle livre arbitrio que o homem, orgulhoso e estupido, não deve pensar em fazer uma dignidade divina, ao denominal-a liberdade. Só Deus possue a liberdade. O homem tem de seu o livre arbitrio, e muito é; mas não póde dispensar-se de o exercitar. Escolhe entre o bem e o mal, entre o céo e o inferno. Não ha abstenção possivel: abster-se é escolher.

Esta livre escolha, deixada á vontade do individuo, ás vezes é proposta á humanidade toda. Um decreto de Deus a constrange a decidir-se entre Jesus e Barabbás.

A civilisação moderna derivada da divindade de Jesus Christo, está a braços com uma d'aquellas temerosas crises. Inclinou-se a favor de Barabbás, escuta voluntariamente as vozes a bradarem que repulse Jesus Christo. Se Jesus Christo é repulsado, que será de nós?

Tirar Jesus Christo do mundo é impossivel. Guarda-o vivo propriamente o tumulo. Póde elle permittir que o baixem do throno e o repreguem na cruz? Ora,

o espirito que medita este grande crime contra Deus e contra o genero humano não quer tanto arrancar a corôa aos reis como dar-lhe o triregno das tres concupiscencias, a tiara de Satanaz. Quando Jesus Christo voltar ao Calvario voltará Tiberio a Caprea, e o Deus Tiberio terá outra vez templos.

Esta divindade, porém, terá uma hora, e a Egreja ha de viver até lá; e ainda no trajecto d'essa hora, a Egreja viverá, e a ordem geral da redempção será mantida. Os segredos da misericordia de Christo são insondaveis como os segredos do seu poder. Tudo o que deve pertencer a Christo lhe pertencerá. Até á hora derradeira do mundo o genero humano todo ha de aproveitar a redempção. E' ella como aquella torrente de fogo liquido que parte das plagas do sol e atravessa as aguas do mar em sua immensa extensão. E' certo que todo o mar se não aquece, algumas regiões ficam geladas; mas, se aquella torrente bemfazeja não existisse, tudo seria gêlo e morte. E' esse calor que sustenta a vida onde quer que existe alguma vida; e lá onde ella é mais abundante, ahi é maior o arrojo e continuamente se realisam conquistas sobre a morte; e não ha regiões mortas onde não penetrem os moradores das regiões da vida. *Credo!*»

FIM DAS NOTAS

INDICE